

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

PAPAGAIO DE PAPEL: LAZER DE ADULTOS EM MANAUS

JOISE SIMAS DE SOUZA MAURÍCIO

MANAUS

2017

JOISE SIMAS DE SOUZA MAURÍCIO

PAPAGAIO DE PAPEL: LAZER DE ADULTOS EM MANAUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, como requisito para obtenção do título de Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia, área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia, linha de pesquisa 2: Redes, processos e formas de conhecimento. Bolsa: CAPES.

Orientador: Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos

MANAUS

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M455p Mauricio, Joise Simas de Souza
Papagaio de papel : lazer de adultos em Manaus / Joise Simas de Souza Mauricio. 2017
143 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Gláucio Campos Gomes de Matos
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. lazer. 2. cultura. 3. papagaio de papel. 4. pipa. I. Matos,
Gláucio Campos Gomes de II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

JOISE SIMAS DE SOUZA MAURÍCIO

PAPAGAIO DE PAPEL: LAZER DE ADULTOS EM MANAUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia. Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimento. Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Aprovado em: 09/01/2017

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Gláucio Campos Gomes de Matos, Presidente
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Professora Doutora Rosemara Staub de Barros, Membro
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Professor Doutor Odenei de Souza Ribeiro, Membro
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Aos empinadores de papagaio que mantêm
a tradição deste brinquedo milenar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

Aos meus pais pela dor da saudade suportada a cada dia por estar em outra cidade buscando meu crescimento profissional, por me apoiarem em minhas escolhas, por me incentivarem a ir sempre além. Ao meu marido pela paciência e apoio durante o mestrado, por me acalmar e incentivar nos momentos em que me desesperei.

Ao meu orientador professor Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos, que me incentivou desde o princípio a continuar os estudos após a graduação e ingressar no curso de mestrado. Por sua ajuda e atenção em construir este trabalho com paciência e dedicação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida durante o curso. Ao Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, sua coordenadora professora Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas, aos secretários, estagiários e aos professores doutores do programa que direta ou indiretamente compartilharam seus conhecimentos, não só comigo, mas também, com os demais alunos do programa. Agradeço aos professores que ministraram as disciplinas compartilhando seus conhecimentos: Dra. Artemis Soares, Dra. Elenise Faria Scherer, Dr. João Luiz Barros, Dr. Nelson Noronha, Dr. Odenei Ribeiro, Dra. Rosemara Staubb de Barros, Dr. Sérgio Ivan Gil Braga e Dra. Yoshiko Sasaki.

Às minhas colegas de mestrado pelo apoio mútuo e amizade cultivada durante esses anos, em especial à Eunice Teixeira, grande amiga, pela ajuda na impressão final deste trabalho. Aos meus amigos por torcerem por mim nesta caminhada, principalmente à Jaqueline e Maurício pela ajuda durante as coletas.

À Elisângela Brito recepcionista da Biblioteca Pública do Amazonas e à Glória Costa recepcionista do setor de obras raras pela atenção e disposição em me ajudar a encontrar uma das literaturas amazônicas sobre o papagaio de papel. Ao professor David Gonçalves Gatenha Neto pela contribuição acerca das obras do artista Ignácio Evagelista.

À Associação Manaus Pipa, em nome do presidente Fabian Santos e aos empinadores de papagaio por tirarem um tempinho do seu lazer e confiarem em mim para conceder as entrevistas colaborando com a realização deste trabalho.

A todos, o meu agradecimento.

Daquele tempo de menino
Ainda tenho no meu peito muita saudade
Rodar peão, estilingue no pescoço e
papagaio pra soltar.

Moisés e João Paulo

RESUMO

Na sociedade na qual estamos inseridos, quando crianças, brincamos de boneca, carrinho, bolinha de gude, pião, amarelinha, etc. Porém, com o passar dos anos, ao nos tornarmos jovens ou adultos, as responsabilidades começam a ir tomando o lugar do brinquedo/brincadeira. Somos então distanciados de uma “rotina lúdica” e inseridos no mundo sério e rotineiro onde está o trabalho. A vida atribulada faz com que sintamos a necessidade de ocupar parte do nosso tempo livre usufruindo o lazer para quebrar a rotina e renovar tensões através de atividades que variam da contemplação a natureza à prática de atividades radicais. Em Manaus não é diferente, muitas são as atividades que são buscadas para vivenciar o lazer, a depender da cultura de cada indivíduo. Mas o que chama a atenção é a presença de um brinquedo milenar chamado papagaio de papel. Surge então o problema de nossa investigação: o que o papagaio de papel representa para o indivíduo adulto? Diante disso, realizamos um Estudo de Caso de abordagem qualitativa com o objetivo geral de investigar o papagaio de papel enquanto manifestação simbólica e cultural usufruída no lazer de adultos em Manaus-AM, ressaltando a importância de sua preservação na cultura local. Os objetivos específicos foram: traçar o perfil dos empinadores de papagaio de papel; identificar os motivos pelos quais empinam papagaio de papel e apontar os mecanismos que fortalecem a prática deste através de gerações. Quanto aos procedimentos técnicos, para atingir nossos objetivos, utilizamos a entrevista estruturada, com o auxílio de um formulário contendo perguntas abertas. Fomos aonde o fenômeno se manifesta, ou seja, onde é possível vermos adultos empinando papagaio de papel e optamos por realizar a pesquisa na Zona Sul de Manaus, mais precisamente no PROSAMIM da Borba, bairro Cachoeirinha. Entrevistamos 30 indivíduos maiores de 18 anos ($35,1 \pm 10,2$ anos) abordados aleatoriamente no local enquanto empinavam ou vendiam papagaio. Quanto aos resultados, identificamos o perfil dos empinadores de papagaio do local do estudo como um adulto que empinou papagaio quando criança/adolescente e hoje utiliza o objeto em seu momento de lazer ou para o trabalho, que busca o local principalmente para socializar com o outro. Consideramos que o papagaio de papel se fortalece na cultura em razão de proporcionar emoções a quem o pratica em seu tempo de lazer e que medidas de segurança devem ser postas em prática principalmente pelo poder público, delimitando as áreas de pipódromo, visando minimizar os danos causados por ele.

Palavras-chave: Lazer. Cultura. Papagaio de Papel.

ABSTRACT

In the society in which we operate, it is a fact, when we are children we play with dolls, toy cars, marbles, spinning tops, hopscotch, etc. However, over the years, as we become teenagers or adults, responsibilities start to replace toys, distancing us from a “playful routine” and inserting us in the serious and routine world work is. For this reason, we seek to spend part of our free time enjoying the leisure, in an attempt to break the routine and renew tensions through activities ranging from contemplation of nature to the practice of extreme activities. It is no different in Manaus, many are the activities sought out to experience leisure depending on the culture of each individual, but what draws attention is the presence of a millenary toy called kite. Then arises the problem of our investigation: what does the kite represent for the adult individual? Given this, we performed a Case Study of qualitative approach, with the overall objective of investigating the kite while a symbolic and cultural manifestation enjoyed at leisure for adults in Manaus-AM, underscoring the importance of its preservation in local culture. The specific objectives were: identify the profile of kite runners; identify the reasons why they fly kites and point the mechanisms that strengthen this practice through generations. As for the technical procedures, to achieve our objectives, we used the structured interview with the help of a form containing open questions as an instrument of collecting data. We went where the phenomenon manifests itself, that is, where it is possible to see adults flying kites, and we chose to perform the research in the South zone of Manaus, more precisely in the PROSAMIM of Borba, Cachoeirinha. We interviewed 30 individuals older than 18 years (35.1 ± 10.2 years old) approached at random at the site while they were running or selling kites. The results identify the profile of kite runners as an adult who used to fly kites as child/teenager and today uses the object in moments of leisure or for work, and seek the place mainly to socialize with other people. We consider that the kite is strengthened in culture because it provides emotions to those who practice it in their leisure time and that safety measures must be put into practice by the public authority delimiting the areas of pipódromo in order to minimize the damages caused by it.

Keywords: Leisure. Culture. Kite.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da área de estudo.....	27
Figura 2 - Cartão Postal com vista aérea da Cidade Flutuante no início dos anos de 1960	30
Figura 3 - Menino empinando papagaio no igarapé durante a vazante dos rios	31
Figura 4 - Menino empinando papagaio no igarapé durante a cheia dos rios	32
Figura 5 - Antes e depois do PROSAMIM no igarapé do Quarenta	34
Figura 6 - Vista da Ponte Gilberto Mestrinho.....	35
Figura 7 - Calçada utilizada para a prática do papagaio de papel (esquerda) e detalhe do poste com sinalização de área de pipódromo e linha instalada pelos empinadores (direita).....	37
Figura 8 - Papagaios e carretilhas para venda, expostos no local	38
Figura 9 - Pieter Bruegel. Children's Games . 1560. 1 original de arte, óleo sobre tela, 118 cm x 161 cm. Museu de História da Arte, Viena, Áustria.....	46
Figura 10 - Kobayashi Ikuhide. Children's Games . 1880 – 1900. 1 original de arte, xilogravura colorida em papel japonês, 36,5 cm x 25 cm. Museu Van Gogh, Amsterdam (Fundação Vincent van Gogh)	48
Figura 11 - Ivan Cruz. Várias brincadeiras II . 2006. 1 original de arte, acrílico sobre tela, 130 cm x 170m. Acervo Ivan Cruz.....	49
Figura 12 - Francisco de Goya. La cometa . 1778. 1. original de arte, óleo sobre tela. Rococó, 269 cm x 285 cm. Museo del Prado, Madrid	57
Figura 13 - Johann Michael Voltz. Children's pictures for entertainment and instruction, 2nd book for boys: The Playground, printed by Herzberg, Ausburg . 1823. 1. original de arte, litografia a cores, 22,3 cm x 31,1 cm. Deutsches Historisches Museum, Berlin, Alemanha	58
Figura 14 - Cândido Portinari. Meninos soltando pipa . 1942. Óleo sobre tela, 65,5 cm x 73,5 cm. Projeto Portinari	59
Figura 15 - Afrânio de Castro. Menino com pipa . 1978. Óleo sobre tela, 80 x 60 cm. Doação de Jair Jacqmont. Pinacoteca do Estado do Amazonas	61
Figura 16 - Moacir Andrade. O empinador de papagaio de papel . 1976. 1 original de arte. Acervo particular do escritor Elson Farias.....	62
Figura 17 - Moacir Andrade. Pipas . 2012. 1 original de arte, 100 cm x 80 cm. Academia Amazonense de Letras, Manaus-AM	63
Figura 18 – Ignácio Evangelista. O Fazedor de Papagaio . 2010. 1 original de arte, 51 cm x 74 cm. Acervo Pessoal David Gonçalves Gatenha Neto	65
Figura 19 - Ignácio Evangelista. O Empinador de Papagaio . 2012. 1. Original de arte, 42 x 79 cm. Acervo Pessoal Dayse Sigrig Holanda Rocha	66
Figura 20 - Rita Loureiro. Papagaio Encantado . 1982. 1 original de arte. Acrílica, 97 cm x 75 cm. Museu Paço da Liberdade, Manaus-AM	67
Figura 21 - Suzuki Harunobu. Kite Flying , 1766. Gravura japonesa policromada, tinta e cor no papel, 27,3 x 20,6 cm. Metropolitan Museum of Art.....	68
Figura 22 – Mulher empinando papagaio	71

Figura 23 - Adulto e criança empinando papagaio de papel	79
Figura 24 - À direita, filas de carros se formam no local e à esquerda, foto do interior do veículo de um dos entrevistados	82
Figura 25 - Esquema das atividades de tempo livre a partir da proposta de Elias e Dunning (1992, p. 108).....	102
Figura 26- Equipamento de proteção dos empinadores de papagaio	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de homens e mulheres entrevistados	71
Gráfico 2 - Idade, quantos tem filhos e quantos trabalham entre os entrevistados, distribuídos em intervalos de classe.....	73
Gráfico 3 - Entrevistados que empinam papagaio com seus filhos	74
Gráfico 4 - Idade na qual se aprendeu a empinar papagaio.....	77
Gráfico 5 - Com quem aprendeu a empinar papagaio	78
Gráfico 6 – Meio de transporte utilizado pelos entrevistados na pesquisa para chegar até a área de investigação	81
Gráfico 7 - Percentual de entrevistados que empinaria papagaio sozinho.....	83
Gráfico 8 - Ocupação profissional dos entrevistados	98
Gráfico 9 - Percentual de entrevistados que acham que o papagaio é visto de maneira estigmatizada pela sociedade	117
Gráfico 10 – Você considera o papagaio é um objeto perigoso?	122
Gráfico 11 - Uso de substância abrasiva na linha	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variantes lexicais para o brinquedo de empinar feito com papel nos estados do Brasil.....	50
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
LED	Light Emitter Diode
OIT	Organização Internacional do Trabalho
Pq. Res	Parque Residencial
PROSAMIM	Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

PRIMEIROS VENTOS.....	14
1 DESEMBARAÇAR METODOLÓGICO	19
1.1 A escolha do tema	19
1.2 Classificações da pesquisa.....	22
1.3 Instrumentos de coleta e análise dos dados.....	23
1.4 A área do estudo de caso	24
1.5 Os sujeitos da pesquisa.....	38
2 EMPINANDO PAPAGAIO DE PAPEL	41
2.1 Jogo, brinquedo ou brincadeira?	44
2.2 O papagaio que voa no tempo, na história e na arte	51
2.3 Quem é o empinador de papagaio?	72
3 LAZER – ENTRE A FLECHADA TEÓRICA E EMPÍRICA	85
3.1 O uso do tempo para o Trabalho	86
3.2 A conquista do Tempo Livre	93
3.3 O Lazer no usufruto do tempo livre.....	104
4 TRANÇA NO AR, EMOÇÃO COM OS PÉS NO CHÃO.....	116
4.1 Qual a emoção em empinar papagaio?	119
4.2 O cerol permeando as emoções.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	139
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	140
ANEXO A – PROTOCOLO DE APROVAÇÃO NO CEP	142

PRIMEIROS VENTOS

A vida atribulada nos grandes centros urbanizados é evidente no mundo todo e isso faz com que as pessoas sintam cada vez mais a necessidade de sair de suas rotinas impostas pelos compromissos profissionais buscando usufruir o lazer. Logo, em paralelo, a Amazônia é um dos principais destinos turísticos do mundo. Suas belezas naturais tais como rios, igarapés, cachoeiras, reservas ecológicas etc, instigam brasileiros e estrangeiros a viajarem até aqui através de cruzeiros, aviões, lanchas ou barcos.

As opções vão desde a contemplação da natureza, atividades miméticas¹ ou jogos, encontros em bares, passeios em shoppings, esportes radicais, entre outras opções o turismo ou o ecoturismo. Tais atividades podem ser influenciadas pelas relações socioculturais de um indivíduo, como um legado que o indivíduo adquire de seu grupo pelo qual ele opta por sua prática ou não, uma vez que o lazer é “[...] uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável a si mesmo” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 107). Sendo assim, cada indivíduo usufrui o lazer à sua maneira, seja se divertindo ou trabalhando para proporcionar o lazer de outras pessoas.

Percebe-se, através de um percurso histórico, que atividades como meio de fugir da rotina já estavam presentes na Amazônia, mais precisamente na cidade de Manaus no início de seu processo de urbanização. Na metade do século XIX era comum, por exemplo, o piquenique, a ida ao teatro e especialmente o banho nos igarapés como forma de lazer. Com o passar dos anos, os banhos em igarapés foram ficando mais raros, devido a proibições por parte dos Códigos de Postura do

¹ Segundo Elias e Dunning (1992, p. 124-5) “o termo ‘mimético’ refere-se a este aspecto de um tipo de factos e experiências de lazer. O seu sentido literal é ‘imitativo’”. Isto é, imitação ou aproximação do que é real.

Município, e mais tarde, devido a impactos ambientais causados pelo êxodo rural, o que resultou ainda no crescimento desordenado da cidade.

As famílias que vieram para Manaus ocuparam as margens dos rios e igarapés com suas palafitas². Atualmente, o aglomerado de palafitas cederam seus lugares às praças e condomínios populares, porém, os igarapés ainda continuam sem condições de uso para balneários dos manauenses. Desta maneira, as opções de lazer agora são em torno dos igarapés e não dentro deles como antigamente.

Jogar futebol, andar de skate, jogar basquete, passear ou beber com os amigos estão entre as atividades mais praticadas nestes locais, contudo, a beleza de um objeto voando os céus também não passa despercebida. Ela vem das cores emanadas da estrutura triangular do papagaio de papel que valsa contra o vento integrando-se ao cotidiano amazônico em tempos e espaços diferentes.

Resultante do sonho da humanidade, o sonho de voar, o papagaio de papel é uma invenção chinesa que percorreu os quatro cantos do mundo. Ao contrário do paraquedismo que é uma atividade que nem todos podem pagar, o papagaio de papel é acessível a todos os públicos de várias camadas sociais.

Mesmo voando com os pés no chão, ele é um brinquedo/brincadeira que provoca emoções, renova tensões e tem se tornado opção de lazer de muitos indivíduos adultos, quer seja na sua forma artesanal – tradicionalmente confeccionado a partir de talas de palmeira, papel de seda colorido e linha com retalhos de papel formando um rabo – ou na sua forma mais modernizada – com talas de fibra e aerodinâmica cuidadosamente projetada.

O papagaio de papel faz parte do folclore brasileiro e está entre os brinquedos e brincadeiras que vem atravessando gerações sendo assim considerados

² Habitação em terreno alagado, construída sobre estacas (FERREIRA, 2008, p, 603).

tradicionais ou parte do folclore de um povo. Mas, observa-se que há certa influência dos avanços tecnológicos sobre eles, pois as novas gerações têm preferido brinquedos industrializados a brinquedos artesanais. Mudaram-se as formas de brincar, todavia as pessoas nunca brincaram tanto como na atualidade devido à tecnologia de jogos, aplicativos e redes sociais acessíveis através dos celulares, *smartphones*, *tablets* ou *notebooks*. Em razão disso, alguns brinquedos e brincadeiras tradicionais estão sendo esquecidos.

O papagaio de papel é um desses brinquedos/brincadeira que estão ameaçados não só pelas novas gerações que quase não brincam mais nas ruas, mas pelo estado, chegando a ser proibido em algumas cidades brasileiras devido a problemas sociais, tais como: problemas na rede elétrica, servir de sinalização ou transportar drogas, importunar moradores de casas próximas a onde se empina papagaio e um dos mais sérios que são os danos pelo cerol, que fazem com que sua prática na contemporaneidade seja ameaçada e vista de maneira estigmatizada.

Desta maneira, torna-se importante pesquisar o papagaio de papel enquanto manifestação cultural de lazer, pois é necessário conservar sua memória como o legado cultural de um grupo. Para isso, realizamos um Estudo de Caso de abordagem qualitativa com o objetivo geral de investigar o papagaio de papel enquanto manifestação simbólica e cultural usufruída no lazer de adultos em Manaus-AM ressaltando a importância de sua preservação na cultura local. Quanto aos objetivos específicos buscamos traçar o perfil dos empinadores de papagaio de papel; identificar os motivos pelos quais empinam papagaio de papel e apontar os mecanismos que fortalecem a prática do papagaio de papel através de gerações.

Optamos por realizar um estudo de caso de abordagem qualitativa onde o fenômeno da prática do papagaio de papel se manifesta, isto é, nas imediações do

Parque Residencial Professor Gilberto Mestrinho, construído no entorno do Igarapé do Quarenta, mais conhecido como PROSAMIM da Borba, localizado no bairro Cachoeirinha, zona sul de Manaus. A pesquisa envolveu 30 indivíduos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, abordados de maneira aleatória que, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitaram participar da mesma por meio de entrevista estruturada com auxílio de formulário.

Feito isso, elaboramos esta dissertação que, em seu primeiro capítulo intitulado “Desembaraçar³ Metodológico”, traz os caminhos que percorremos na pesquisa desde a escolha do tema, classificação da pesquisa, instrumentos de coleta dos dados, delimitação da área do estudo e sujeitos da pesquisa.

No segundo capítulo, vamos empinar⁴ os conceitos que rodeiam o papagaio de papel tais como o jogo, brinquedo e brincadeira, voar em sua história e arte através de imagens, e vamos traçar o perfil do empinador de papagaio de nosso estudo de caso.

No terceiro capítulo, com o papagaio já no alto, vamos começar a flechar⁵ o papagaio em uma “Flechada Teórica e Empírica” na qual vamos unir a teoria aos dados da pesquisa. Através de revisão de literatura abordaremos o uso do tempo, trabalho e tempo livre. Nas subseções apresentaremos os conceitos de Lazer como integrante do Tempo Livre o qual teremos como base o conceito de Elias e Dunning (1992).

³ Utilizamos a palavra “desembaraçar”, tão utilizada nos falares dos empinadores de papagaio, como uma metáfora para os procedimentos metodológicos por esta ser um verbete popularizado por praticantes de papagaio de papel e está relacionado à linha e à rabiola do papagaio, “é uma operação que requer paciência e tempo” (MONTEIRO, 2010, p. 87) assim como o percurso metodológico.

⁴ Segundo Monteiro (2010, p. 90) significa “suspender a pino o papagaio de papel ou outro tipo qualquer que dependa do vento e do estímulo dado através à linha de comunicação. O mesmo que suspender”.

⁵ Segundo Monteiro (2010, p. 100) significa “ação de estimular o papagaio para a esquerda, direita ou em piquê”. Para Braga (1997, p. 13), flechada significa “movimento clássico do papagaio que depende da qualidade do empinador. Pode fazer danças e bailadas no ar”.

Após familiarizarmos o leitor sobre o lazer, abordaremos no capítulo quatro as emoções proporcionadas pelo lazer no empino de papagaio. Intitulado “Trança no ar, emoção com os pés no chão”, discutiremos sobre a emoção ao empinar papagaio e o uso do cerol como determinante principal desta emoção. Desta maneira, reiteraremos a importância da preservação do papagaio de papel na cultura local.

1 DESEMBARAÇAR METODOLÓGICO

1.1 A escolha do tema

Para chegar aos motivos da escolha por este objeto de pesquisa “papagaio de papel enquanto lazer de adultos” é necessário um breve retorno à minha infância. Não que eu tenha empinado ou empine papagaio, mas meus questionamentos acerca deste brinquedo/brincadeira já estavam presentes nessa fase de minha vida assim como de milhares de brasileiros, porém com predominância masculina.

Nascida e criada no interior do Amazonas passei minha infância e adolescência tendo pouco contato com brinquedos industrializados, enquanto esses já dominavam o cotidiano das crianças e adolescentes da capital como: videogames, bonecas e carrinhos de controle remoto e outros.

As brincadeiras tradicionais eram a maior diversão e o quintal da casa de meus avós sempre foi um imenso *playground* para mim e meus primos. Filha única, eu aguardava ansiosa pela chegada deles todo dia à tarde. Quando eles chegavam, brincávamos ao lado e aos fundos da casa, onde fazia a sombra de um jambeiro e das demais plantas que minha avó regava com cuidado e apreço.

Raramente íamos para a rua e as brincadeiras eram separadas por gênero. Os meninos brincavam de papagaio, polícia-ladrão, bolinha de gude (chamávamos peteca), pião, subir em árvores, estilingue (chamávamos baladeira) ou tentavam acabar com a brincadeira das meninas. Nós, meninas, brincávamos de faz de conta com bonecas, fogõezinhos e panelinhas, amarelinha, escolinha, pular elástico, abecedário etc.

Eu achava as brincadeiras dos meninos mais divertidas e tentava me entrosar nas brincadeiras deles. Quando eles permitiam minha participação, eu apostava corrida de bicicleta e às vezes caía, furava minha mão com o pião, jogava futebol na

lama e chegava suja em casa, jogava bole-bole⁶ nas linhas de papagaio que passavam sobre o quintal de casa etc. Meu pai não gostava e às vezes proibia porque era brincadeira de menino.

Eu nunca brinquei de papagaio, mas eu fazia curica⁷ com papel de caderno, palito de fósforo e linha de costura. Eu a empunhava e ficava correndo de um lado para o outro do quintal tentando fazê-la voar tal como eu via os meninos fazendo para empinar o papagaio, mas eu não tinha êxito. Eu não via meninas empinando papagaio e questionava os meus pais sobre as meninas não brincarem de certas brincadeiras e sempre me respondiam “porque não!”, só isso.

Com o passar dos anos as brincadeiras foram se reduzindo a assistir desenho animado na televisão, depois jogos de baralho as noites com meus pais, e quando percebi, já estava terminando o ensino médio. Até mesmo joga bola estava se tornando algo sério, pois treinava para competição.

Entrei na universidade, e foi através do curso de Educação Física que me transportei pro “mundo lúdico” novamente através de um trabalho na área da recreação. Comecei então a me interessar pelos estudos do lazer e com meu TCC na área do Lazer pude traçar novos rumos e objetivos.

Após me graduar, participei da seleção do mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia e o passo primordial foi pensar no projeto de pesquisa relacionado ao lazer na região amazônica. Com poucas semanas para elaborá-lo, as ideias surgiram ao passar pelo bairro Educandos em Manaus.

Era um dia ensolarado e havia ali um festival de cores no céu, um vai e vem de pessoas, na maioria homens de várias idades, empinando papagaio de papel.

⁶ “Maneira de caçar o papagaio no ar. É constituído [...] num pedaço de linha com pedra na extremidade” (MONTEIRO, 2010, p. 50).

⁷ “Pequeno objeto de papel cortado de forma ovalada, com rabinho do mesmo material, dotado de peitoral, que as crianças suspendem com linha de costura” (MONTEIRO, 2010, p. 84).

Aquela cena me fez lembrar uma conversa com meu professor orientador de TCC nos corredores da universidade na qual ele disse que seria interessante pesquisar esse objeto tão presente na cultura amazonense.

Parti para a escrita do projeto e, conforme fui avançando no estado da arte, meu problema foi surgindo. Primeiro, constatei que a literatura a respeito do assunto limitava-se a notícias de jornais, às áreas da linguística, da educação e da psicologia em sua grande maioria, sendo discreta no campo do lazer.

Quanto aos livros sobre o assunto, percebe-se o papagaio de papel na forma de objeto de ensino-aprendizagem, na forma de verbetes utilizados na brincadeira, em relatos de histórias vivenciadas como é o caso de autores como Thiago de Mello, Robério Braga e Mário Ypiranga Monteiro e ainda agrupado em meio às brincadeiras tidas como parte do folclore brasileiro. Isto preenche uma lacuna sobre o brinquedo papagaio de papel, porém, esta temática, tão presente no cotidiano do amazonense, apesar do conhecimento popular estar solidificado propomos trazer para a academia este objeto de estudo.

Observando algumas áreas da cidade de Manaus, notei que pessoas de todas as idades manuseavam o brinquedo, sendo notória a presença de pais e filhos. Questões norteadoras foram surgindo: por que os adultos continuam soltando papagaio de papel mesmo com sua rotina atribulada? Que sentido esta ação tem para um indivíduo adulto? Com que motivo ele repassa a brincadeira a seus descendentes? Como é que uma brincadeira resiste ao tempo com a mesma característica no percurso da vida do indivíduo? O que é feito para preservar este brinquedo na cultura local?

Já no mestrado, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM) na Plataforma Brasil com o Certificado de Apresentação para

Apreciação Ética (CAAE) sob o número 43765115.5.0000.5020. Em maio de 2015 foi aprovado e em setembro do mesmo ano iniciaram-se as coletas de dados dos quais os procedimentos metodológicos estão descritos a seguir.

1.2 Classificações da pesquisa

a) Abordagem do problema: Pesquisa Qualitativa

Tendo como ponto de partida o problema de nossa pesquisa, isto é, o que o papagaio de papel representa para o indivíduo adulto, optamos por uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. Este termo qualitativo “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

A pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA, 2001, p. 20). Neste processo, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas, sendo o ambiente natural a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Dados quantitativos foram gerados na pesquisa devido ao roteiro que elaboramos para a entrevista, já que ele inclui perguntas que podem resultar em números, mas os mesmos serão interpretados qualitativamente.

b) Dos objetivos: Pesquisa Exploratória

Do ponto de vista dos objetivos da pesquisa, utilizamos a pesquisa exploratória por se tratar de um tipo de pesquisa que não parte de uma teoria a

priori, mas sim da experiência dos indivíduos que vivenciam o fenômeno, um estudo exploratório foi importante para a formulação do problema e elaboração do referencial teórico da pesquisa a partir de categorias tais como: tempo, trabalho, tempo livre, lazer e papagaio de papel (pipa).

Utilizamos o levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas de modo a proporcionar maior familiaridade com o problema pesquisado. Este tipo de pesquisa é realizado, sobretudo, quando o tema escolhido é pouco explorado como é o caso do papagaio de papel como opção de lazer de adultos assumindo então a forma de um Estudo de Caso (GIL, 2002, 1987).

c) Dos procedimentos técnicos: Estudo de Caso

Esta técnica de pesquisa, segundo Gil (1987, p. 78) “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” o que não seria possível nas outras técnicas de pesquisa. O Estudo de Caso possibilita a análise de uma unidade de um universo para haver compreensão da generalidade do todo.

Com relação ao problema da pesquisa, buscamos entender o fenômeno estudando um único exemplo: indivíduos adultos que empinam papagaio no PROSAMIM da Borba, ou seja, um estudo de caso do local já que na cidade de Manaus há vários locais onde se empina papagaio.

1.3 Instrumentos de coleta e análise dos dados

Partindo do princípio de que a entrevista tem como objetivo a obtenção de dados que interessam à investigação, além de ser uma forma de interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, utilizamos um formulário (APÊNDICE A) –

com perguntas abertas possibilitando a ampla variedade de respostas – para direcionar a entrevista estruturada.

Este tipo de entrevista, segundo Gil (1987, p. 117), “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número”, logo, o mesmo formulário serviu de roteiro aplicado igualmente a todos os entrevistados. Apesar de ser um formulário bem extenso, cada entrevista durou de 6 a 15 minutos.

As respostas foram anotadas no próprio formulário no momento da entrevista. Porém, como o uso do gravador foi indispensável para a captação e posterior transcrição literal da fala dos entrevistados. Todos os dados foram transcritos e tabulados em uma planilha no programa Microsoft Excel.

As perguntas que geraram dados numéricos serão apresentadas em forma de gráficos. Quanto aos dados qualitativos, analisaremos sob a luz dos referenciais teóricos de maneira interdisciplinar de modo a agrupar diversos ramos do conhecimento com um objetivo comum.

1.4 A área do estudo de caso

Apesar do papagaio de papel ser classificado como uma brincadeira/brinquedo sazonal⁸, em Manaus, com exceção nos dias de chuva, em todos os meses do ano, é possível observarmos pessoas a empinar papagaio por onde passamos, desde que haja vento. Isso é notório em todas as zonas da cidade (norte, sul, leste, oeste, centro sul, centro oeste), mesmo que esteja lá no céu, solitário. Segundo o presidente da Associação Manaus Pipas, aproximadamente

⁸ Segundo Guerra (2009, p. 43-44) “a expressão *sazonal* é relativa à sazão ou estação, e do termo *statione*, que significa ação ou tempo de semear, tempo oportuno. Assim, sazão é o tempo propício ou favorável para algo, enquanto sazonal é o que se verifica em determinada estação”. Para os amazônidas é o “tempo de papagaio”.

trinta mil pessoas (todas as faixas-etárias), entre empinadores e vendedores, frequentam esses lugares em Manaus, isto sem contabilizar os que brincam e vendem dentro dos bairros.

Em alguns locais da cidade concentra-se grande parte dos empinadores⁹, que segundo eles são “*points da pipa*”¹⁰ em Manaus. São eles: o Igarapé do Passarinho no bairro Santa Etelvina (zona norte), a área em volta do Sambódromo no bairro Alvorada (zona centro-oeste), o Igarapé do Quarenta que vai da área do Largo Mestre Chico ao Parque Residencial Gilberto Mestrinho (zona sul) e outros.

Como este último foi o que despertou para a escolha tema desta pesquisa, optamos por ir até lá para tentar definir a amostra. Primeiramente, precisaríamos delimitar o local e recortamos a área de toda extensão do Igarapé do Quarenta, mas como o número de pessoas é muito alto principalmente durante os fins de semana, e, conseqüentemente a amostra seria grande, não daria tempo de entrevistá-las para um mestrado que tem apenas dois anos de duração e também por não contar com uma equipe de coleta de dados.

Na primeira ida a campo, no primeiro semestre de 2015, fomos ao Largo Mestre Chico. Lá, há muitas pessoas empinando papagaio, porém, naquela área, a marginalidade e ociosidade se camuflam por detrás da brincadeira. No centro e acima dele passa a ponte da Avenida Sete de Setembro e ao lado temos a Cadeia Pública Desembargador Raimundo Vidal Pessoa. Debaxo da ponte há um retrato social que não foi excluído com o processo de higienização da cidade: pessoas

⁹ Diz-se empinadores as pessoas que empinam papagaio. Encontramos este termo em Monteiro (2010) no qual ele se denomina um empinador de papagaio. Nas entrevistas, registramos o uso das palavras “pipeiro” e “papagaieiro” com o mesmo significado. Mello (1983) se denomina um famão, e este verbete, segundo Monteiro (2010, p. 98) é popularizado e é uma espécie de “distintivo do empinador de papagaios de papel, que se notabilizava pelo desempenho em cortar alheios”.

¹⁰ O vocábulo “pipa” também é utilizado em Manaus para o papagaio de papel, como veremos na sessão 2 desse trabalho.

morando literalmente debaixo da ponte, sem as mínimas condições de higiene.

Camuflados ali, usuários de drogas. Isso tudo à luz do dia.

Não é daqui o problema, é dali. Fica muito cheio de menino ali. É de todo lugar. Por exemplo: esses aqui são lá do Petrópolis, esse aqui é da Cachoeirinha lá da Tefé, mas tem menino aqui que vem lá da barreira porque sabe que dia de sábado a pipa é aqui. É complicado... A gente tá tentando tirar dali da Sete e botar pra cá pra depois da ponte na praça. Entre a Mavel e a Ponte da Sete. Ali acontece muito do cara arrumar um papagaio (colocar drogas e outras coisas) e embiocar pra cair lá dentro da penitenciária, só que aí tu vai brigar? O cara vai dizer 'vou te dar um tiro', e aí? Então, deixa quieto... tudo bem, né? E a gente pega fama por tudo... (Fragmento da entrevista de F. S., 35 anos).

Tal situação acaba trazendo uma visão marginalizada da brincadeira, pois o papagaio está inserido ali naquele meio ocioso e, ainda, algumas pessoas utilizam o brinquedo para levar drogas ou outros objetos para dentro da cadeia. Mas a busca pelo lazer prevalece, sobretudo, através de pessoas que se deslocam de outras zonas da cidade para ali empinarem papagaio. Mesmo que seja no meio de uma “desordem organizada”. Isso porque a via pública também serve de espaço para a brincadeira, atrapalhando assim o trânsito de veículos.

A brincadeira é acessível a todos, isto porque no papagaio, ao cortar¹¹ o brinquedo adversário, este cai rodopiando a favor do vento e quem está sem papagaio pode resgatá-lo. Devido a isso, alguns, a maioria adolescentes pelo que podemos perceber, correm atrás do papagaio que vem caindo, com varas de madeira nas mãos ou bole-bole, podendo provocar acidentes. Assim, um local destinado somente à prática do papagaio é a opção mais segura. O público nesta área é muito variado sendo mais visível a presença de adolescentes e jovens. Decidimos então descartar este local e seguir mais adiante.

¹¹ Segundo Monteiro (2010, p. 81) cortar é “a ação de decepar com cerol ou navalha a linha do papagaio adversário”.

Na segunda ida a campo, fomos ao Igarapé do Quarenta, na parte que compreende ao Parque Residencial Professor Gilberto Mestrinho. Decidimos por delimitar nossa pesquisa a esta área, também conhecida como PROSAMIM da Borba, no bairro Cachoeirinha (ver figura 1).



Figura 1 - Mapa de localização da área de estudo

Fonte: Edição de imagens feita a partir de imagens capturadas no programa Google Earth, 2015

A escolha se deu por nesta área encontramos um espaço “aparentemente” mais organizado e mais seletivo, onde o público que sobressai é de adultos e também a frequência durante a semana é intensa e ainda pela área passar mais segurança à pesquisadora.

Trata-se de um espaço que passou por um processo de requalificação urbana, por este motivo, torna-se relevante abrir um parêntese e falar sobre um dos

espaços de lazer e moradia da população de Manaus de antigamente que serve hoje de cenário para o lazer e para o trabalho informal.

É de se lembrar com certo saudosismo que teve a oportunidade de desfrutar os igarapés de Manaus em seus momentos de lazer nos fins de semana ou feriados. Ou alguém que se põe a folhear os livros de história de Manaus e imagina o quão bom poderia ser se eles ainda estivessem em bom estado para se refrescar no calor que faz na cidade.

Os igarapés que cortavam Manaus fizeram parte da história, sendo espaço do lazer da população por algum tempo. Até a metade do século XIX, época em que se começava o processo de urbanização da cidade de Manaus, os igarapés representavam parte dos lazeres diários da população, pois “como a cultura local ainda vigorava, banhos em igarapés eram realizados por distintas famílias.” (VILLANOVA, 2011, p. 126) onde passavam as horas mais quentes do dia. Com o passar dos anos, devido a Códigos de Postura Municipal, o banho em igarapés foi proibido principalmente porque muitos tomavam banhos nus (costume atribuído aos indígenas) e isso não era bem visto pela sociedade (MESQUITA, 2009; VILLANOVA, 2011) que, através do código de posturas da Câmara Municipal de Manaus¹² passou a proibir qualquer pessoa de banhar-se nua, durante o dia, nos igarapés ou litorais da cidade, locais públicos, sob a pena de pagar multa ou prisão. Tal proibição, a nosso ver, teve um grande aliado: a estagnação de águas e a poluição dos igarapés, fatores mais agravantes para que esta prática de tomar banhos em igarapés fosse desaparecendo com o passar dos anos. Fato apontado por Mesquita, segundo o autor,

¹² Mesquita (2009) refere-se a um dos artigos aprovados pela Lei 534, de 3 de junho de 1881 e Villanova (2011) refere-se ao Código de Postura de 1893, capítulo VII, artigo 13, página 25. Porém, ambos citam a mesma proibição e punição, diferenciando-se o número de dias de prisão no qual Mesquita cita quatro dias e Villanova, cinco.

[...] em determinados períodos do ano, a irregularidade natural dos leitos dos igarapés que cortavam a cidade contribuía para a estagnação de águas, que misturadas ao acúmulo de lixo produzido pela população, gerava aparência desleixada (MESQUITA, 2009, p. 95).

Os igarapés também fizeram parte do cenário da história de Manaus no século XX. Destacaremos dois fatos mais importantes diante da economia: o final da década de 1920, onde “havia se estabelecido sobre o rio Negro, em frente à área central, uma população de migrantes, pessoas que trabalhavam com a extração da borracha, modo de produção cuja crise desencadeou migração para a cidade.” (GURGEL; OLIVEIRA, 2010, p.3) e a implantação da Zona Franca de Manaus em 1967, pois muitas pessoas migraram das cidades do interior em busca de empregos nas indústrias da Zona Franca de Manaus.

Em razão disso, a cidade de Manaus teve um aumento populacional muito grande em um curto período de tempo. Segundo Rossin (2008, p. 1) “Manaus teve sua população quintuplicada entre 1970 e 2003, passando de mais de 300 mil para aproximadamente 2 milhões de habitantes”, isso fez com que crescessem, segundo o site¹³ do PROSAMIM, “problemas como falta de saneamento, urbanização e habitação [...]. Sem opções de moradia e sem renda muito gente começou a se instalar às margens dos igarapés da cidade.” (PROSAMIM, 2012). Surgiu então a “cidade flutuante” (figura 2) constituída por “casas de madeira construídas sobre troncos de árvores capazes de torná-las flutuantes sobre as águas do rio Negro e igarapés da capital.” (SOUZA, 2011, p. 125).

¹³ Disponível em: <<http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/historico-do-prosamim/>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

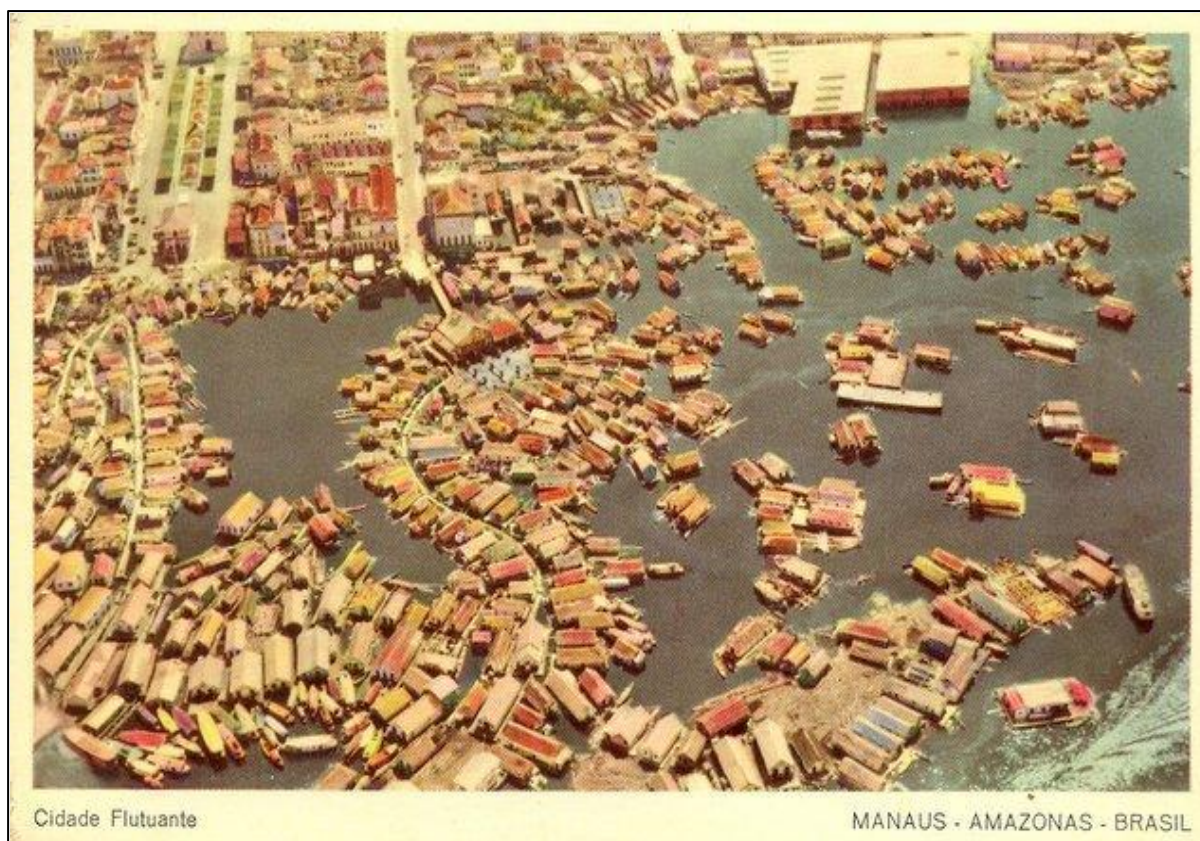


Figura 2 - Cartão Postal com vista aérea da Cidade Flutuante no início dos anos de 1960
Fonte: Rogelio Casado. Disponível em: <<http://rogeliocasado.blogspot.com.br/2006/06/depoimento-de-edson-dos-anjos.html>>. Acesso em: 15 dez. 2015

Gurgel e Oliveira pontuam que, “as ocupações em áreas inundáveis marcam os espaços de Manaus, havendo maior aglomeração nos igarapés situados nas proximidades do centro da cidade.” (2010, p. 5) como a Bacia de Educandos e São Raimundo. Segundo Pereira, Silva e Barros (2011, p. 17), “mais de 36 mil pessoas moravam em palafitas nos igarapés de Manaus”.

A população que ali vivia se adaptou a um modo de vida com as mínimas condições de higiene e saneamento básico. Em estudo de caso, Rossin (2008) atribui isto a falta de políticas públicas do governo em meio à explosão de crescimento da cidade e a falta de moradia urbana acessível. A aparência desta parte da cidade, que tanto foi opção de lazer no início da urbanização de Manaus, era motivo de desprezo pela sociedade manauara, gerando desvalorização de imóveis próximos aos igarapés por conta do mau cheiro e aparência desorganizada.

Mesmo diante dessas condições, tendo como cenário as “pernas” das palafitas na época da vazante ou sobre canoas na época da cheia¹⁴, era possível empinar papagaio.



Figura 3 - Menino empinando papagaio no igarapé durante a vazante dos rios

Fonte: Chico Batata. Disponível em:
<http://2.bp.blogspot.com/_ng58qGH_TBc/S6BnBIQnmFI/AAAAAAAAAFJ0/9Z65JnQ9NiE/s1600-h/NN8X2132.jpg>. Acesso em: 24 nov. 2014

¹⁴ Segundo Rossin (2008, p. 1) “o regime do Rio Negro apresenta dois períodos: o de cheia, que ocorre no período de janeiro a junho em época chuvosa e o de seca, no período de julho a dezembro, com poucas chuvas”.

Nessa imagem (figura 3) podemos perceber o contentamento do menino vestido somente com um *short* e pés descalços brincando em meio ao lixo que ficou da cheia anterior ao brincar com um papagaio de papel entre as estacas que sustentam o lugar onde ele habita.



Figura 4 - Menino empinando papagaio no igarapé durante a cheia dos rios
Fonte: Antônio Menezes (2009). Disponível em: < http://acritica.uol.com.br/manaus/bairro-Educandos-menino-empina-papagaio_ACRIMA20101112_0042_13.jpg>. Acesso em: 9 dez. 2015

Não distante desse mesmo espaço, em diferente período do ano, na época da cheia, aonde as águas chegam a alcançar o assoalho das casas ou até mesmo a inundá-las, o lazer era vivenciado em concordância com o regime das águas. Na figura 4, observamos um exemplo de estratégia na qual o empinador, com traje de meninos que empinam papagaio nas ruas de Manaus, porém sobre a canoa.

Nesse espaço, principalmente durante a cheia, opções de lazer eram pouquíssimas, além disso, já não se podia mais nadar nos igarapés sem a chance de contrair uma doença de pele ou intestinal. Uma das opções era voar, mesmo que com os pés no chão e sonhar com o futuro melhor do ambiente em que viviam.

Em 2004, o sonho de muitos moradores dos igarapés de Manaus começou a sair do papel. O governo do estado começou a desenvolver um programa com vistas à revitalização dos igarapés, saneamento e dar melhor qualidade de vida e moradia às pessoas que ali moravam para que elas pudessem desfrutar de um local requalificado e cuidado dentro das possibilidades, pois a poluição dos igarapés, mesmo com a requalificação do espaço, ainda é uma sofrida realidade de Manaus.

Através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM), podemos perceber que “por meio de projetos urbanísticos, imobiliários e arquitetônicos, a cidade vem reestruturando os seus espaços e seus usos. Entre esses projetos, as áreas de igarapés estão sendo transformadas e ganhando uma nova paisagem.” (GURGEL; OLIVEIRA, 2010, p. 6) como podemos perceber na figura 5.

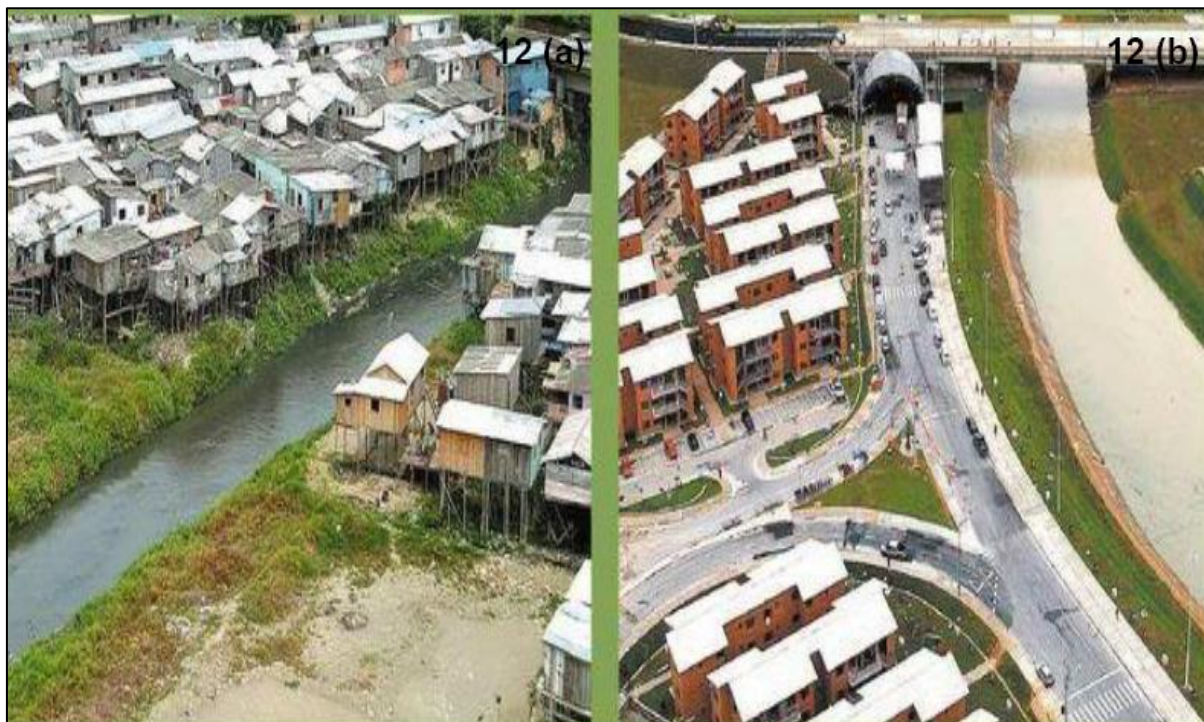


Figura 5 - Antes e depois do PROSAMIM no igarapé do Quarenta

Fonte: Manaus de Antigamente. Disponível em: <https://fbcdn-sphotos-c-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xfp1/v/t1.0-9/402497_448429051887225_895675229_n.png?oh=44c487b030c19fa7cc6ec950ce73ba94&oe=5764161A&__gda__=1469396744_4a04d8ee42fcb1c85872b2a75750876d>. Acesso em: 29 mar. 2016

A figura mostra a área que corresponde ao Parque Residencial Professor Gilberto Mestrinho, conhecido também como PROSAMIM da Borba no bairro Cachoeirinha onde temos a fotografia do espaço antes da intervenção do governo e depois dela. Nesta área, assim como em outras,

nota-se que houve uma drástica mudança nos espaços que antes representavam acúmulo de lixos e habitações precárias, e hoje, representam espaços que podem ser utilizados de diversas formas, como lazer, entretenimento ou, simplesmente, apreciação da paisagem (ALMEIDA *et al*, 2012, p. 14).

Apesar da poluição que ainda exala um odor desagradável às narinas de quem se aproxima por um instante, esta área é utilizada constantemente para usufruto de atividades de lazer, mesmo que tais atividades estejam “intimamente relacionadas à existência de um ambiente saudável” (MOTA, 2002, p. 29). Porém, como nos mostra Bruhns (2000, p. 31), “a natureza apresenta-se como ‘parque de

diversão', onde esses esportes ocorrem¹⁵, ou seja, o indivíduo vai ao local não pelo cenário, mas pela atividade.

Então, este o cenário que escolhemos para a nossa pesquisa. Onde crianças, jovens e adultos não procuram mais o igarapé para se refrescar em suas águas, mas sim vão preencher seu tempo livre através da caminhada, da contemplação, da prática do skate e principalmente, do papagaio de papel. Atualmente, a área é, além de um parque residencial, um espaço de lazer para a população principalmente do local e adjacências.

Visualizemos a figura 6. Ela nos mostra a vista de parte do igarapé do Quarenta que passa entre dois condomínios residenciais do PROSAMIM em dia ensolarado refletindo o azul do céu em suas águas, tornando a paisagem, aos olhos do observador, deslumbrante. Entretanto, *in loco*, é a percepção olfativa que identifica o quanto o igarapé sente e sofre os efeitos dos dejetos humanos decorrentes da ocupação em volta do espaço.



Figura 6 - Vista da Ponte Gilberto Mestrinho

Fonte: registro de campo (ago. 2015)

Ao centro da figura podemos visualizar o igarapé. À esquerda da figura temos o Pq. Res. Jefferson Peres e à direita o Pq. Res. Professor Gilberto Mestrinho. À

¹⁵ No texto, a autora trata de esportes de aventura, porém não estamos considerando o papagaio aqui como esporte.

esquerda há quadras destinadas à prática de esportes coletivos, pista de skate e passeio público que pode ser utilizado para a prática da caminhada. Os entrevistados relataram que praticavam a brincadeira deste lado do igarapé por causa da direção do vento, e que os papagaios quando cortados caíam dentro do igarapé. No período em que o igarapé encheu, mudaram para a outra margem porque os “xepeiros¹⁶” estavam pulando dentro do igarapé para resgatar os papagaios.

À direita da imagem, que compreende à nossa área de investigação (Pq. Res. Professor Gilberto Mestrinho), há também o passeio público que serve com pista para caminhada. É neste lado que se concentram os empinadores e vendedores de papagaio de papel.

Caminhamos pelo passeio público até nos depararmos com a placa identificando uma “Área de Pipódromo¹⁷” como identificamos na figura 7. Um fato também chama a atenção é de a fiação dos postes de energia elétrica ser toda subterrânea na extensão das margens do igarapé. Isso facilita a prática da brincadeira pois *“eu acho o local mais espaçoso que tem, melhorzinho, tem pouco fio...”* (Fragmento da entrevista de D. P., 25 anos). Mesmo assim, os pipeiros colocaram fios em alguns postes (que dá para visualizar acima da placa na figura) de um lado ao outro da pista como medida de segurança para que, se por ventura, a linha cair, ela não seja arrastada por um carro ou motocicleta e não machuque os condutores ou os próprios empinadores.

Aqui já tem o fluxo já que é grande, né? O pessoal se reúne pra brincar aqui. Porque nos bairro tá meio devagar devido aos fios, fluxo grande

¹⁶ Segundo o entrevistado M. R. “é o aparador de papagaio”. Não encontramos o termo em Monteiro (2010), em Braga (1997), nem em Mello (1983), porém há a presença do termo “chusma” em Monteiro (2010, p. 77) que quer dizer “grupos de meninos armados de varas esperando a queda dos papagaios de papel. Vide cambada, molambada”.

¹⁷ Apesar de já haver sido promulgada a Lei N. 341/2013 que cria o pipódromo em Manaus, esta não delimita as áreas para tal prática, enquanto isso, os empinadores se reúnem em áreas que eles próprios denominam de “pipódromo”.

motos... Aqui já é local próprio, o pessoal já sabe que a gente brinca aqui e já evitam passar aqui com velocidade. Inclusive a gente botou umas faixas desde o começo aqui: 'vá devagar, pipa no ar', 'é papagaio', olha a placa no poste (Fragmento da entrevista de W. A., 28 anos).



Figura 7 - Calçada utilizada para a prática do papagaio de papel (esquerda) e detalhe do poste com sinalização de área de pipódromo e linha instalada pelos empinadores (direita)
Fonte: registro de campo (ago. 2015)

Devido a concentração de empinadores nesse local a sinalização se torna importante para uma prática segura da brincadeira evitando com que sofram ou provoquem acidentes. Segundo, o entrevistado F. S. (36 anos) “a gente coloca as placas e as linhas de um poste ao outro para o motoqueiro ficar alerta”, além disso, o uso de antenas de proteção nas motos e a redução da velocidade no local são imprescindíveis.

Todos os dias da semana a brincadeira começa por volta das 17 horas e vai até mais ou menos às 20 horas. Durante os finais de semana, começa a partir das 15 horas, quando o sol já está mais ameno. Vão chegando os vendedores e estes vão estendendo suas linhas de um poste ao outro ou de uma árvore a outra para montar sua venda (figura 8).

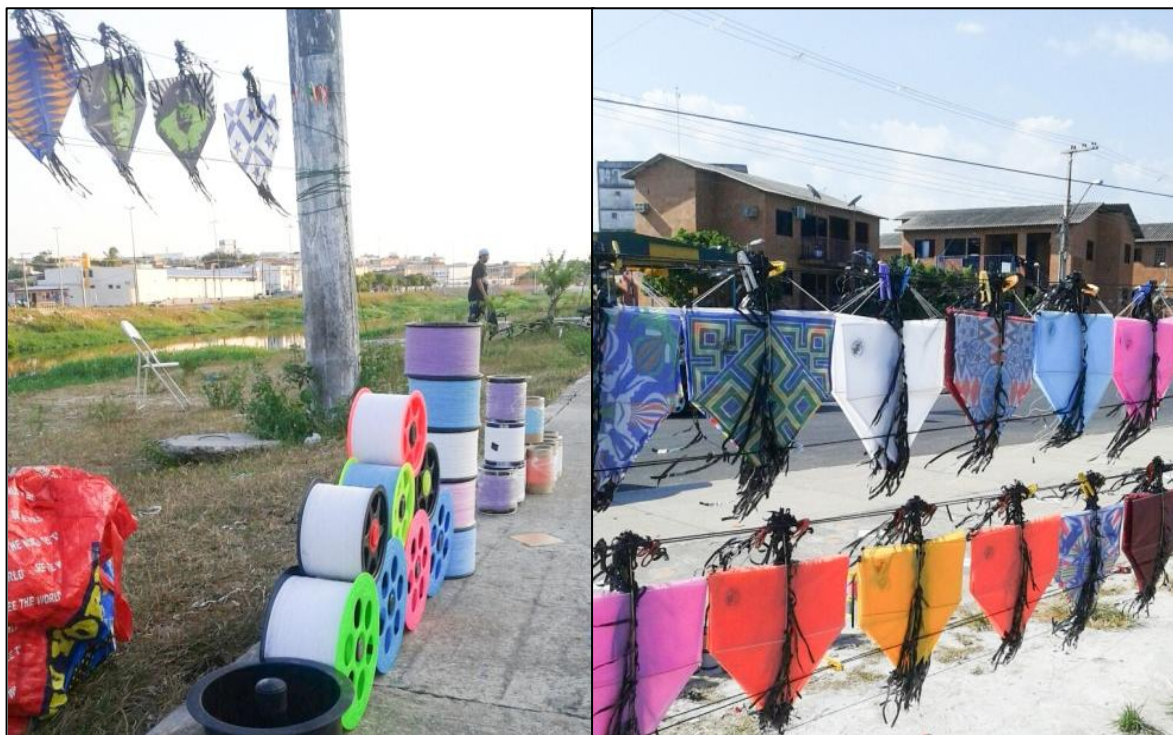


Figura 8 - Papagaios e carretilhas para venda, expostos no local

Fonte: registro de campo (ago. 2015)

Ao mesmo tempo, chegam os empinadores que aguardam o primeiro papagaio subir para colocar o seu em combate e assim continua até a noite, onde o tempo natural é prolongado devido às lâmpadas de LED¹⁸ dos postes ali instalados que facilitam a prática do papagaio de papel devido à altura dos postes e principalmente à claridade da luz.

1.5 Os sujeitos da pesquisa

Como esta pesquisa tem como objeto o lazer de adultos através do papagaio de papel, nosso público-alvo foi composto somente por adultos maiores de 18 anos. Mas isso não impede que a criança apareça por meio de relatos deles, já que o

¹⁸ O LED é um componente eletrônico semiconductor, ou seja, um diodo emissor de luz (L.E.D = Light emitter diode), mesma tecnologia utilizada nos chips dos computadores, que tem a propriedade de transformar energia elétrica em luz. Tal transformação é diferente da encontrada nas lâmpadas convencionais que utilizam filamentos metálicos, radiação ultravioleta e descarga de gases, dentre outras. Fonte: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/dicasemail/led/dica36.htm>. Acesso em: 25 fev 2016.

elemento base do brinquedo é a criança, pois no futuro a prática do papagaio é mantida no seu lazer quando adulto.

Os motivos deste recorte foram: primeiro, a exigência legal do Comitê de Ética e Pesquisa que exige em pesquisas com menores de idade que o TCLE seja assinado pelos pais ou responsáveis, e pelo que percebemos, as crianças e adolescentes que estão empinando papagaio, na maioria das vezes, estão desacompanhados de responsáveis maiores de idade durante a brincadeira.

Segundo, menores de idade apesar de terem obrigações (familiares, escolares, mas não profissionais) não se enquadram em nosso estudo, pois não tem relação direta com o trabalho, como previsto em Lei¹⁹, e nosso foco é o lazer realizado durante o tempo livre de todas as obrigações (familiares, escolares e profissionais), principalmente do trabalho.

Terceiro, a maioria dos estudos que envolvem papagaio de papel ou qualquer outro brinquedo são realizados com crianças e adolescentes, assim, pretendemos investigar este brinquedo inserido no cotidiano de indivíduos adultos.

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi do tipo não-probabilística por não termos acesso ao número exato de empinadores de papagaio naquele local e termos escolhido abordar apenas maiores de 18 anos. Como critério de seleção tomamos como base os empinadores e/ou vendedores de papagaio de papel maiores de idade. O número da amostra foi definido com base no critério de saturação de dados, isto é, ao se tornarem repetitivas as respostas, encerramos a aplicação das entrevistas, por isso 30 sujeitos compõem nosso estudo de caso.

Ao chegar ao local do caso (PROSAMIM da Borba) a entrevistadora abordou aleatoriamente os sujeitos vendedores e empinadores de papagaio de papel

¹⁹ A Lei 10.097, de 19 de dezembro de 2000, altera o artigo 403 da CLT para “É proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos”.

aparentemente maiores de 18 anos. Primeiramente, a entrevistadora se apresentou, perguntou o nome e idade do sujeito e perguntou se o sujeito aceitaria participar da pesquisa. Em seguida, explicou os objetivos da pesquisa e como seria a participação dele. Depois de informado sobre a natureza e objetivos da pesquisa e ter garantia de sigilo e anonimato, e ele assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), foi então entrevistado.

Foi excluído da pesquisa quem não é empinador ou vendedor de papagaios, quem não aceitou realizar a entrevista e conseqüentemente não assinou o TCLE.

2 EMPINANDO PAPAGAIO DE PAPEL

O ser humano, em todas as idades e classes sociais, ainda que haja limitações impostas por questões econômicas, busca atividades ou simplesmente momentos para preencher seu tempo livre. Cada um tem certa autonomia para escolher o que lhe agrada fazer e isso pode ser influenciado pela cultura a qual ele pertence.

A palavra cultura²⁰,

[...] tem dois significados básicos. No primeiro e mais antigo, significa a *formação* do homem, sua melhoria e seu refinamento. [...] No segundo significado, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de *civilização* (v.). A passagem do primeiro para o segundo significado ocorreu no séc. XVIII por obra da filosofia iluminista (ABBAGNANO, 2007, p. 225)

Segundo esse autor, com relação ao primeiro significado, uma pessoa com cultura ou pessoa culta teria um conhecimento geral de todos os domínios do saber e não mais somente das artes liberais da tradição clássica. Para ser culto seria necessário conhecer a matemática, a física, a biologia, a história etc, e isso se perpetuou até os dias de hoje, na qual é considerada culta a pessoa que lê muito, estuda, fala vários idiomas e viaja a vários lugares. Já com relação ao segundo significado, a palavra cultura é usada “para indicar o conjunto de modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para a outra, entre os membros de determinada sociedade” (ABBAGNANO, 2007, p. 228).

Para Laraia (1986), no final do Século XVIII havia dois termos utilizados na Europa: na Alemanha a palavra *Kultur* e na França, *Civilization*. Ambos os termos²¹, na obra *O Processo Civilizador*, são destacados referindo-se a fatos intelectuais,

²⁰ No Minidicionário Aurélio, a palavra cultura também denota “ato, efeito ou modo de cultivar” (FERREIRA, 2008, p. 280), se pensarmos por este lado, podemos fazer uma analogia para a cultura sendo algo que estamos plantando para colher no futuro e algo que estamos colhendo que foi plantado no passado.

²¹ Em Elias (1994) encontramos a grafia *Zivilisation*.

artísticos e religiosos reportando-se a “produtos humanos como obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo” (ELIAS, 1994, p. 24-5), já o termo *Zivilisation* se refere a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais dizendo respeito a algo que está em movimento constante sempre avante. Segundo Laraia (1986, p. 25) “ambos os termos foram resumidos por Edward Taylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture”.

Taylor definiu pela primeira vez o conceito de Cultura (LARAIA, 1986, p.25). Vista a partir de seu sentido etnográfico, o autor iguala o significado dos termos considerando a cultura ou civilização, sendo todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como um membro da sociedade (TAYLOR, 1891).

Outro conceito de cultura é definido por Geertz (2008, p. 4) como um padrão de significados historicamente transmitidos, incorporados aos símbolos, segundo ele “o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu”, sendo essa teia uma metáfora para toda e qualquer forma de cultura produzida pelo ser humano. Tudo é cultura e ela é algo dinâmico que dá identidade a um grupo de pessoas, todos reconhecem os símbolos da comunidade a que pertencem.

A cultura ainda pode ser definida como o legado social que o indivíduo adquire se seu grupo, um “conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem” (LOTMAN, 1997, p.31). Estaríamos, todos, em emaranhadas cadeias de significados, vivendo e repassando ações e expressões já significativas para nós.

Darcy Ribeiro, por sua vez, escreve:

A cultura é, para mim, o modo singular de um povo exercer sua humanidade: audível, na língua que fala ou na forma que canta; visível, nas coisas típicas que faz; observável, nos seus modos peculiares de conduta.

Assim entendida, a cultura é atributo nosso, mas o é também dos xavantes e dos chineses. (RIBEIRO, 1991, p. 189).

Vimos aqui apenas alguns dos muitos conceitos e definições de cultura. Concordamos e entendemos através destes que, cultura é fruto carregado de significados da vivência humana que é transmitida como uma herança, uma memória, de geração para geração. A cultura é dinâmica e está em constante transformação, daí a importância da preservação da memória de um grupo ou comunidade pois é através da cultura e da memória que se constrói sua identidade (NEVES, 2004).

Embasados no conceito de cultura entendemos que brinquedos e brincadeiras tradicionais assim como o papagaio de papel ultrapassam a fronteira do tempo de infância e vamos encontrar no lazer de adultos. Essa é a cultura popular, ou seja, Folclore, embora nem toda cultura popular seja folclórica como nos alerta Rocha (2009). Segundo ele, foi William John Thoms quem propôs “o termo folk-lore (“saber tradicional do povo”) para designar os estudos das então chamadas “antiguidades populares” (ROCHA, 2009, p. 219). Atualmente, tanto cultura popular quando folclore estão englobados no conceito de patrimônio cultural imaterial, pois este engloba

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, Art. 2).

Sendo assim, as brincadeiras também se conservam e se preservam como um legado que o indivíduo adquire do grupo ao qual pertence fazendo parte de sua cultura, como é o caso do papagaio de papel.

2.1 Jogo, brinquedo ou brincadeira?

Entre muitas atividades está o jogo, que

é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida quotidiana”. (HUIZINGA, 2014, p. 34).

Desta maneira, no jogo, o ser humano pode experimentar emoções diferenciadas da vida diária num tempo e espaço determinados de início e fim desta ação, como se houvesse uma barreira entre o jogo e a seriedade da vida cotidiana. O jogo então pode vir a se tornar uma alternativa de lazer, considerando que o indivíduo tem livre escolha para fazer o que quiser no tempo liberto de suas obrigações.

É como se a pessoa só optasse por uma atividade porque se sente bem ao praticá-la, o que Marcellino (2007) chama de vivência lúdica, que pode ser compreendida por meio de diferentes sentidos como diversão, recreação; momento de vivência, com muita animação, das atividades de que gosta; brincadeira, brincar, brinquedo, jogo ou festa, compondo um dos fundamentos da cultura, implicando em aprendizagem social. Isto não se configuraria em uma válvula de escape da realidade, já que consideramos o lúdico como um dos meios de se buscar emoções diferenciadas e não uma fantasia, buscar além da excitação, mesmo que indiretamente, um desenvolvimento social e pessoal.

Roger Callois *apud* Camargo (1998) aponta quatro categorias do lúdico que seriam as grandes motivações para se buscar uma atividade, são elas: a aventura, a competição, a vertigem e a fantasia. A aventura está ligada a algo novo, inexplorado, à fuga da rotina. A competição pode ser com o outro ou consigo mesmo para cumprir os desafios. A vertigem está naquele friozinho na barriga, já a fantasia está em imaginar o que quisermos. Essas quatro categorias estão presentes tanto no

lúdico quanto nas atividades de lazer, principalmente a vertigem que está na fuga da rotina em um desafio radical, por exemplo, que dá medo, mas é divertido desde que em segurança.

Segundo Camargo (1998) o caráter lúdico e a diversão presentes principalmente nas atividades recreativas através de brinquedos e/ou brincadeiras são responsáveis por sua perpetuação. Sendo assim, desde os primórdios estes elementos acompanham a história humana principalmente através de brinquedos artesanais ou rústicos e jogos.

O mundo lúdico através do brinquedo e/ou brincadeira está diretamente ligado à fase da infância dos indivíduos por questões culturais, porém, Dos Santos (2008) acredita que o lúdico vai além da infância e é importante em todas as fases do desenvolvimento humano. Para a autora, a palavra *lúdico* significa brincar e é aí que estão incluídos os jogos, brinquedos e brincadeiras.

Esses termos, segundo Oliveira (1982) apud Marcellino (2007, p. 173) são colocados como representativos do lúdico, sendo que “o brinquedo refere-se ao objeto utilizado no brincar, brincadeira, à ação vivida, e jogo, especialmente à competição”. Mas essas três palavras tem sido utilizadas como sinônimos, a começar pelo dicionário que conceitua o termo brinquedo como “Objeto para crianças brincarem. Jogo de criança; brincadeira.” (FERREIRA, 2008, p. 188).

Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras, segundo Rojas, Silva e Serpe (s/d), representam formas singulares de compreensão e apreensão do mundo pelo ser humano, sobretudo pelas crianças, que compartilham atividades lúdicas que são passadas de geração em geração. Para Kishimoto (2005, p.38) “essa modalidade de brincadeira guarda a produção espiritual de um povo em certo período histórico. A cultura não-oficial, desenvolvida especialmente de modo oral, não fica cristalizada”,

assim as brincadeiras tradicionais fazem parte do folclore e trazem parte da cultura popular através de sua oralidade.

A figura 9 retrata cerca de 250 personagens participando de 84 brincadeiras, em 1560. Tais brincadeiras vêm atravessando gerações e percorrendo o mundo há muitos séculos. Na figura podemos observar brincadeiras conhecidas como Cabra Cega, Pular Corda, Esconde-Esconde, Andar de Cadeirinha, Arcos, Pular Carniça, Pião, Boneca, entre outras retratadas por adultos em miniatura, aliás, era assim que as crianças eram retratadas no Renascimento.



Figura 9 - Pieter Bruegel. **Children's Games**. 1560. 1 original de arte, óleo sobre tela, 118 cm x 161 cm. Museu de História da Arte, Viena, Áustria

Trata-se de uma das obras mais conhecidas, pesquisadas e discutidas de Pieter Bruegel. Pois a paisagem pintada por ele apresenta temas que ultrapassam esferas sociais, culturais e econômicas, e é “para alguns estudiosos, uma obra

moralizante; para outros, trata-se de uma sátira, um discurso livre e humorístico sobre as mais corriqueiras formas de diversão humanas” (CABRAL, 2012, p. 5).

Crítica, sátira ou ironia, adultos em brincadeiras infantis ou crianças com aparência de adultos? A começar pelo seu título *Jogos Infantis*, segundo Bacocina e Ribeiro (2006, p. 513) é “como se o pintor nos dissesse que jogos são coisas de criança. Mas nem sempre foi assim”, já que no século XVI era comum as crianças participarem dos jogos dos adultos, mas com o tempo, muitos jogos se transformaram e adaptaram-se à realidade infantil, tornando-se brincadeiras de criança. Para as autoras, não existiam brincadeiras ou jogos de crianças ou de adultos, mas jogos e brincadeiras nos quais todos participavam. Nessa figura não visualizamos a brincadeira ou o brinquedo papagaio de papel tão disseminado pelo mundo, no entanto, em outra imagem (Figura 10) que retrata brincadeiras tradicionais chinesas²², podemos visualizá-lo entre várias brincadeiras.

Nesta imagem podemos observar a brincadeira do pião, arcos, perna-de-pau, bola, entre outras da cultura asiática e o papagaio de papel não podia ficar de fora, pois entre os muitos são os relatos sobre a origem dele “as melhores investigações concluem que ele é uma invenção oriental” (MELLO, 1983, p.27), mais precisamente na China entre os séculos XIII ou XIV. Este dado também é apontado por Monteiro (2010, p.15) no qual “o papagaio de papel de seda teve sua origem na China”. Yamazato (2005) nos diz que ele era usado para comunicação com os dragões, espíritos dos ares, já que no Oriente, os dragões são considerados divindades.

²² Parece-nos contraditório afirmar que são brincadeiras chinesas quando se tem bandeiras do Japão no alto da figura, mas na referência que encontramos a figura, ela está identificada como de origem chinesa.



Figura 10 - Kobayashi Ikuhide. **Children's Games**. 1880 – 1900. 1 original de arte, xilogravura colorida em papel japonês, 36,5 cm x 25 cm. Museu Van Gogh, Amsterdam (Fundação Vincent van Gogh)

Já no Brasil, também temos uma obra de arte que retrata nossas brincadeiras e brinquedos tradicionais pertencentes ao nosso repertório lúdico. Trata-se do quadro do artista plástico brasileiro Ivan Cruz.



Figura 11 - Ivan Cruz. **Várias brincadeiras II**. 2006. 1 original de arte, acrílico sobre tela, 130 cm x 170m. Acervo Ivan Cruz

Ivan Cruz que já retratou mais de 500 imagens entre quadros e esculturas das brincadeiras tradicionais brasileiras. No canto superior direito (figura 11) é possível observarmos pessoas a empinar o papagaio de papel, este brinquedo/brincadeira presente nos quatro cantos do mundo, incluindo o Brasil e conseqüentemente as cidades amazônicas, no nosso caso, Manaus.

Podemos considerar que a prática do papagaio de papel não se restringe a um só local ou país, isso talvez explique as influências culturais sofridas no léxico devido a características étnicas e o ambiente físico e social da comunidade na qual está inserido. O léxico de uma língua, construído por vocábulos, de acordo com o

grifo de Sorba e Isquierdo (2006) representa o patrimônio sociocultural resultado de experiências acumuladas de uma sociedade e de uma cultura ao longo dos tempos.

Diversas pesquisas geolinguísticas estão sendo realizadas a fim de documentar a distribuição de variantes linguísticas de uma língua em diferentes espaços geográficos. Uma delas que citaremos refere-se a fragmentos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) coordenado pela pesquisadora professora Dra. Aparecida Negri Isquierdo. Esta pesquisa, realizada de norte a sul do Brasil, utiliza em seu questionário a seguinte pergunta: qual

[...] o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha?; E um brinquedo parecido com o (a)_____ (cf. item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha? (SORBA; ISQUERDO, 2006)

O quadro a seguir ilustra a nomenclatura que este brinquedo recebe nos estados do Brasil que formulamos de acordo com o Projeto do Atlas Linguístico do Brasil e com os registros de Thiago de Mello, Mario Ypiranga Monteiro e Yamazato que dedicaram seu trabalho ao estudo do papagaio de papel por meio de relatos da própria vivência com o mesmo.

Nomes do <i>Brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha</i>		
Brasil	Acre	Papagaio, Pipa, Pepeta
	Amapá	Papagaio, Pipa, Rabiola
	Amazonas	Papagaio
	Goiás	Pipa, Raia, Papagaio
	Mato Grosso	Pipa, Pandorga, Papagaio
	Maranhão	Pipa, Quadrado, Balde, Tapioca
	Pará, Rondônia e Roraima	Papagaio, Pipa
	Rio de Janeiro	Pipa
	Bahia	Arraia
	Rio Grande do Sul e Santa Catarina	Pandorga

Quadro 1 - Variantes lexicais para o brinquedo de empinar feito com papel nos estados do Brasil
 FONTE: adaptado (SOUZA; MATOS, 2014)

Apesar das variações, há de se destacar que este brinquedo assume uma característica de constituir-se de um patrimônio cultural imaterial que com suas características peculiares é transmitido de geração em geração sem perder a sua essência. Apesar de ter diversas denominações em diferentes culturas, a brincadeira é a mesma. Com isso, a manifestação do papagaio de papel se fortalece ao assumir seu lugar nos verões amazônicos.

2.2 O papagaio que voa no tempo, na história e na arte

Há milhares de anos o homem empina papagaio, como pontua o escritor amazonense Thiago de Mello (1983) em seu livro “A Arte e Ciência de Empinar Papagaio”, fato valorizado por Mario Ypiranga Monteiro (2010) em obra póstuma intitulada “Papagaio de Papel”.

Segundo Ken Yamazato (2005, p. 16) “a arte de confeccionar e empinar papagaio é tão antiga quanto o desejo do homem de voar”. Mas não se sabe ao certo quem inventou o papagaio de papel, mas sabemos através de relatos ou gravuras que povos antigos empinavam papagaio e até hoje os indivíduos o fazem da quase da mesma maneira, mas com objetivos diferentes, em nosso caso investigado, para o lazer.

Sua história conta que era brinquedo de mandarins, de crianças, de operários, mas não possuía função lúdica, foi utilizado também para fins militares, funcionando como agente aéreo de informações para exércitos em campanha durante os cercos às cidades (BRAGA, 1997; CASCUDO, 2001; MELLO, 1983; MONTEIRO, 2010; YAMAZATO, 2005).

É datado de 1752 que o papagaio de papel foi utilizado como elemento para uma experiência científica de Benjamin Franklin para descobrir a eletricidade dos

para-raios. A navegação aérea, segundo Mello (1983, p. 29), também se beneficiou do papagaio para experiências e observações que lhe serviram de grande valia até a invenção das aeronaves.

Além disto, servia de maneiras um tanto quanto diferentes e inusitadas como de sirene de alarme em tempo de guerra, de força cerimonial na celebração do sétimo aniversário do primogênito de cada família na China, como força de tração (vários papagaios e bons ventos) para puxar charretes e ainda como instrumento de pescaria, colocando anzóis no final da linha com uma poita²³ leve para mergulhar na água.

O papagaio de papel aliado ao antigo desejo do homem, o de voar, buscou seu lugar em cada canto do mundo, portanto, cultural e intercultural, que com o passar dos anos se tornou um objeto de diversão de crianças e adultos. O Brasil, na América do Sul especificamente, o conheceu quando trazido pelos portugueses e até hoje, em dias ensolarados, o papagaio de papel, dado suas cores e desenhos, enfeitam o céu e divertem pessoas. Na Amazônia, a primeira aparição do papagaio é atribuída ao baiano Pedro de Alcântara Bacellar, então governador do Amazonas no período de 1917-1921,

parece caber-lhe a glória da introdução do papagaio de papel entre nós, como anuncia o jornal *Gazeta* (6) de 22 de julho de 1918, ao tratar de Bacellar e suas constantes viagens de navio para o lugar de Paricatuba, porque **'...é dado ao 'sport' predileto dos mandarins filosóficos: gosta de empinar papagaios de papel'**. [...] as peripécias do governador amazonense foram também divulgadas na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, sob o título **'Um mandarim em Manáos'** chegando a atribuir-lhe a introdução no Brasil da brincadeira do papagaio, um novo esporte nacional. (BRAGA, 1997, p. 8).

Monteiro (2010) não concorda com essa informação de Braga, a qual ele julga muito atrasada, pois o mesmo havia sido atropelado em 1913 pelo bonde da Manáos Tramays enquanto empinava papagaio e atribui a chegada do brinquedo

²³ Corpo pesado usado pelas pequenas embarcações de pesca.

nos tempos de Província por ter encontrado anúncios de papel de seda, e por seu pai ter visto e empinado antes de 1900 em Manaus. Mas o que é o papagaio de papel?

Mello (1983, p. 51) diz que papagaio é um brinquedo “porque exercido individualmente, é também, brincadeira, porque procura a disputa. [...] do ponto de vista do folclore, seria: jogo individual com caráter de competição”. Ele é sim um brinquedo, mas não pela ação individual de quem brinca, pois pode ser um brinquedo coletivo, mas sim por ser um objeto do brincar e se transporta ao conceito de jogo com regras preestabelecidas não passíveis de mudanças. Quanto a ser um jogo individual, nos deparamos cada vez mais com campeonatos de papagaio de papel em que duplas, trios e grupos competem com um mesmo objetivo. Seria, hoje, também, um jogo coletivo, porém, cada membro com seu papagaio.

Tanto na brincadeira quanto no jogo existem regras a serem seguidas, mas tais regras são flexíveis a mudanças, já no jogo do desporto, não são. E, quando se fala em regras para empinar papagaio, logo vem informações sobre as “regras ou normas sociais de prevenção” para o empino. Quanto à ação dentro da brincadeira ou jogo, esta é limitada, e merece uma reflexão.

Para se empinar papagaio é preciso de espaço. Pode ser em uma área livre de árvores, redes elétricas e automóveis, parques ou até mesmo no meio das ruas, o que muitas vezes torna esta prática perigosa, tanto para quem empina quanto para quem passa pelo local, por conta do cerol e do trânsito. Para Monteiro (2010, p. 198), a melhor época para empinar papagaio é no inverno, de janeiro a junho, por causa da maior incidência de ventos. Para Pontes (1986) *apud* Guerra (2009, p. 150) “os períodos de Junho e Agosto, Dezembro e Janeiro são os picos de pipa, coincidindo com as férias escolares e com maior número de vendedores de pipas

nas ruas de Belém (PA)”. Em Manaus, observa-se em alguns bairros, essa característica sazonal, mas em outros locais, a prática se estende durante o ano todo, desde que haja vento.

Se o vento tiver bom, a gente empina, se não tiver, mas tem brincadeira[...]. Então, hoje em dia tudo depende do vento, porque se não tiver vento ninguém levanta. Todo mundo sai prejudicado, todos os vendedores, porque ninguém vende nada (fragmento da entrevista de T. R., 25 anos).

O principal objetivo do papagaio de papel é ficar o maior tempo possível com ele no ar, durante isso, é preciso defender-se e atacar os adversários, realizar flechadas e tranças²⁴. Dentre essas, existem algumas técnicas como as descritas por Mello (1983), tais como: estar sempre mais longe do que o outro papagaio pois é só na hora que se decide como é que vai trançar; nunca trançar com linha bamba; visualizar bem a linha do seu papagaio e a do adversário; e o mais importante: saber trançar.

Uma vez cortado o papagaio, podem ocorrer duas situações: em uma, quem corta o papagaio adversário é o mesmo que o apara, ou seja, o papagaio se fica preso na linha, começa a girar, enroscando-se nela, daí o termo popularizado “cortar e aparar” o que para Braga (1997, p. 13) significa “dupla vitória”; em outra situação, o papagaio cortado desce a esmo e dono é quem o apara, aí entra o que o autor chama de matéria de código de ética, pois o papagaio quedando²⁵,

atrai imediatamente, saídos de todas as direções, dezenas de crianças, com adultos de permeio, decididos a apanhá-lo. Muitos correm levando uma vara comprida. Quem agarrar primeiro, mas agarrar sozinho mesmo, com a mão ou com a vara, pela rabiola ou pela linha, grita ‘É meu’ e fica com o papagaio. É sagrado, ninguém põe dúvida.

Se mais de um agarra o papagaio ao mesmo tempo, e surge a dúvida e a discussão – a lei é *guisar* [...]: o papagaio não fica para ninguém, é destruído ali mesmo, por todo mundo. (MELLO, 1983, p. 81).

Nesta situação, há o que Monteiro (2010) chama de chusma, molambada ou

²⁴ “É a luta contra o outro papagaio” (MELLO, 1983, p. 77); “tática comandada pelo empinador, com a finalidade de destruir o papagaio de papel adversário” (MONTEIRO, 2010, p. 200).

²⁵ “Descida do papagaio de papel quando cortada à linha pelo adversário” (MONTEIRO, 2010, p. 177).

cambada, ou ainda xepeiros (termo registrado no nosso estudo de caso). É um grupo de garotos que fica próximo aos empinadores só esperando o papagaio ser cortado para saírem correndo com bole-bole, culhão de bode²⁶ ou varas compridas com a finalidade de capturar primeiro o papagaio.

Aqui adotaremos o termo brinquedo (objeto utilizado no brincar) para nos referir ao papagaio de papel e brincadeira (ação vivida) para nos referir ao empinar papagaio. Cabe-nos agora mostrar conceitos do que vem a ser o papagaio de papel.

Segundo Monteiro, é um

brinquedo de crianças e adultos, posto no ar com auxílio de uma linha que serve para transmitir estímulos dinâmicos. [...] É construído a partir de um esqueleto, ou armação de talas de palha de palmeira inajá, amarradas com linha nas extremidades e coberto com retalhos de papel acetinado de cores. Possui um peitoral, ou cabresto, que o ajuda a manter-se contra o vento, formado de três linhas; e uma cauda longa, antigamente feita somente de tiras de pano branco, hoje feita de papel de jornal. Vide rabiola²⁷. Mantém-se no ar com o auxílio do vento e cauda serve para equilibrá-lo, do contrário entra num movimento de rotação insustentável e vem ao chão (MONTEIRO, 2010, p. 161).

O interessante nesse conceito é o fato do brinquedo ser atribuído tanto a crianças como a adultos. Outro fato é quanto ao material utilizado na fabricação do mesmo. No Dicionário do Folclore Brasileiro o conceito de papagaio de Raimundo Morais que aponta características do papagaio.

Raimundo Morais refere-se ao papagaio amazônico: “Brinquedo feito de talas, com rabo de pano, que os meninos empinam, preso ao barbante ou linha. Nos dias de verão, quando sopram os alísios, o céu da planície fica pintado de papagaios de todos os tamanhos e feitios. Fazem-nos também redondos e chamam-nos arraias. Guerreiam-se e lutam no ar. Alguns levam lâminas de vidro na cauda, para cortar a linha do adversário, quando quer dar o golpe chamado ‘moquear’, isto é, colher o outro pelo rabo”. (O meu Dicionário de Cousas da Amazônia, II). É feito também com finas varetas de taquara, cobertas com papel colorido, de seda ou amanteigado (CASCUDO, 2001, p.447).

Observando esses conceitos, percebemos literalmente a descrição de um papagaio de papel, mas ele também podia ser de plástico, sim, feito de sacola

²⁶ Termo encontrado em Mello (1983) e Monteiro (2010) para designar um tipo de bole-bole com duas pedras amarradas nas extremidades de uma linha curta e grossa.

²⁷ “Parte essencial do papagaio de papel, pois o equilibra no ar, evitando que caia no currupio” (MONTEIRO, 2010, p. 179).

plástica *“E de plástico? Rum! Plástico e jornal é sucesso! É como se fosse antigamente. Antigamente a pipa era de plástico. A gente fazia a beirada e empinava”* (Fragmento da entrevista de T. R., 25 anos).

Não só de papel é feito o papagaio atualmente, ele ganhou mais aerodinâmica, por exemplo, sua estrutura feita de talas, hoje é feita de fibra altamente resistente e leve. Sobre o material, em uma das entrevistas, um empinador falou que *“O material mudou também, era tudo mais simples, agora tá mais moderno”* (Fragmento da entrevista de R. R., 35 anos), informação completada por outro: *“mudou muito, antes era tala, hoje é fibra. Totalmente diferente.”* (Fragmento da entrevista de G. M., 30 anos).

Independente desses conceitos e do material utilizado para sua confecção, o papagaio de papel atravessou os tempos e é considerado uma brincadeira tradicional e, conseqüentemente, faz parte do folclore brasileiro. Segundo Kishimoto (2005) as brincadeiras tradicionais carregam consigo parte da cultura popular que são inseridas na mentalidade do povo que as pratica e assim são transmitidas de geração a geração pela oralidade, através do conhecimento empírico. O certo é que a presença do papagaio de papel não é recente. Assim, este objeto tão presente em diferentes culturas e séculos é fonte de inspiração retratada em obras de arte.

O artista, quando retrata uma cena, ele está produzindo um elemento de fruição social que causa prazer. Essa recepção pela arte faz com que o seu leitor crie uma nova rede simbólica na qual ele vai buscar novas relações simbólicas, vai buscar o seu passado e vai conversar com essa obra.

Segundo Mello (1983, p. 29), *“O papagaio é arte que, por sua vez, tem inspirado e servido de tema a outras artes, e a grandes artistas”*. Em um trecho de

seu livro, o autor nos apresenta obras de artistas internacionais que retratam o papagaio em suas telas e aqui trazemos as imagens dessas.

Na figura 12 temos uma pintura do século XVIII, na qual percebemos jovens a empinar papagaio de papel, jogando cartas e inflando balões em um momento de sociabilidade. Tal obra de arte foi contemplada por Thiago de Mello e o emocionou em sua primeira visita ao Museo del Prado, de Madrid na Espanha, o qual relata que nunca se esquecerá

da maestria com que Goya fixou o olhar expectante, quase ansioso do empinador, que, com a sua maçaroca de linha, contempla o seu cometa, de rabiola de laços e com a cara de um sol. É o olhar do verdadeiro, do apaixonado empinador de papagaio (MELLO, 1983, p. 29-30).



Figura 12 - Francisco de Goya. **La cometa**. 1778. 1. original de arte, óleo sobre tela. Rococó, 269 cm x 285 cm. Museo del Prado, Madrid

Mello nos chama a atenção para a vasta produção de artistas plásticos no mundo todo. São artistas contemporâneos de diferentes países e de variados estilos “que têm se valido do papagaio como elemento plástico sedutor, tanto pela harmonia na relação forma e espaço, como por seus valores puramente visuais” (1983, p. 30).

Entre as obras internacionais destacamos a pintura de Johann Michael Voltz (figura 13), do século XIX. O artista alemão retrata crianças e jovens a brincar de papagaio e outras brincadeiras.



Figura 13 - Johann Michael Voltz. **Children's pictures for entertainment and instruction, 2nd book for boys: The Playground, printed by Herzberg, Ausburg.** 1823. 1. original de arte, litografia a cores, 22,3 cm x 31,1 cm. Deutsches Historisches Museum, Berlin, Alemanha

No século XX, no Brasil, através do quadro de Portinari (figura 14), podemos perceber o papagaio de papel nas obras de arte. Não só neste quadro como em outros, este artista de renome retratou pessoas a empinar o papagaio. Thiago de Mello (1983) ressalta que no Brasil o tema é tratado por quem ele chama de “figuras maiores da pintura contemporânea”: Portinari, Guignard e Di Cavalcanti.

Cândido Portinari através de suas obras, segundo Teixeira e Lara (2012, p. 969-670), “revela aspectos centrais da cultura brasileira, como o oprimido, as manifestações culturais populares, os jogos e brincadeiras, o trabalhador, favorecendo o reconhecimento do Brasil com muitas nuances”.

Destacamos uma das 46 obras com a temática “empinando pipa” para conhecimento do leitor (figura 14). Nela, cinco meninos empinam papagaio em um campo aberto ao anoitecer.



Figura 14 - Cândido Portinari. **Meninos soltando pipa**. 1942. Óleo sobre tela, 65,5 cm x 73,5 cm. Projeto Portinari

Em quase todos os quadros nos quais o papagaio está representado é possível observarmos pessoas se divertindo com o papagaio de papel em diferentes

tempos e culturas e vivenciando a sociabilidade, no qual um grupo de pessoas se reúne durante seu tempo livre para realizar uma atividade e ao mesmo tempo partilhar experiências.

O papagaio está presente também na arte amazonense. Seguindo o caminho trilhado por Thiago de Mello (1983) em seu livro, fomos em busca das pinturas que ele descreve em sua obra, pois, segundo ele,

Aqui no Amazonas, os pintores tradicionais de renome, como Branco e Silva e Olympio de Menezes, de obra muito ligada à vida na floresta, não utilizaram o papagaio. Em compensação, os que vieram depois, praticamente todos se deixaram seduzir, enquanto artistas, pelo brinquedo que os fascinava enquanto meninos. Afrânio de Castro, cujo temperamento se inclinava para o trágico, transformava-se num grande lírico quando pintava papagaios. De Moacyr Andrade ganhei, já faz tempo, uma tela onde ele reunia, com alta felicidade, vários desenhos clássicos de papagaios amazonenses: o banda-de-asa, o de cruz, o de centro. Zuazo trabalhou o papagaio em fortes xilogravuras. Recentemente vi alguns excelentes trabalhos do jovem pintor Inácio Evangelista, todos eles com variações em torno de um mesmo tema: o baile de papagaio no vento. Por último, mas não a última, a admirável Rita Loureiro, ainda tão moça, mas cujo talento, servido por extrema dedicação ao trabalho, fez de sua obra importante contribuição do Amazonas à pintura Brasileira (MELLO, 1983, p. 30).

Nesta trilha, trazemos ao conhecimento do leitor estas obras citadas por Mello (1983) que retratam o papagaio no cotidiano amazônico. Assim como o papagaio, estas obras fazem parte do patrimônio cultural do estado do Amazonas. Tais obras de arte, a nosso ver, são importantes serem trazidas aqui a fim de levar ao conhecimento do leitor em suas cores e traços e por fazerem parte de nosso patrimônio cultural artístico.

O primeiro deles é o quadro (figura 15) pintado por Afrânio Araújo de Castro, poeta, escultor e artista plástico que, em cores quentes em alusão (ousamos dizer) ao clima amazônico, retrata três rapazes e que empunham maçarocas²⁸ e fazem seus papagaios trançar sob o sol.

²⁸ Segundo Monteiro (2010, p. 133) é um “Novelo de linha, encerolada ou virgem, que substitui o carretel, mas às vezes este vem formando o núcleo do enrolamento. A verdadeira maçaroca é, pois, constituída do carretel, um troço de madeira de mais ou menos um palmo enfiado no orifício do carretel, e da linha enrolada. Quando não há carretel usa-se a boneca ou bucha”.



Figura 15 - Afrânio de Castro. **Menino com pipa**. 1978. Óleo sobre tela, 80 x 60 cm. Doação de Jair Jacqmont. Pinacoteca do Estado do Amazonas

Outro artista que Thiago de Mello faz referência é Moacir Andrade, de quem ele diz já ter ganhado uma tela que reunia vários desenhos clássicos de papagaio amazonenses. Selecionamos duas obras de Moacir Andrade que retratam o

papagaio, das quais apresentamos duas: a primeira (figura 16) é uma tela da coleção particular do escritor amazonense Elson Farias.



Figura 16 - Moacir Andrade. **O empinador de papagaio de papel**. 1976. 1 original de arte. Acervo particular do escritor Elson Farias

Ela retrata o empinador de papagaio, e, se olharmos mais atentamente notaremos que o que está nas mãos deles são varas, logo, não estão empinando

papagaio, mas sim, resgatando-o, retratando assim a ação dos aparadores de papagaios ou xepeiros. A segunda (figura 17) está entre os quadros que Moacir Andrade pintou em referência atividades do cotidiano amazônico e pode ser considerada a única pintura que retrata o vendedor de papagaio de papel.

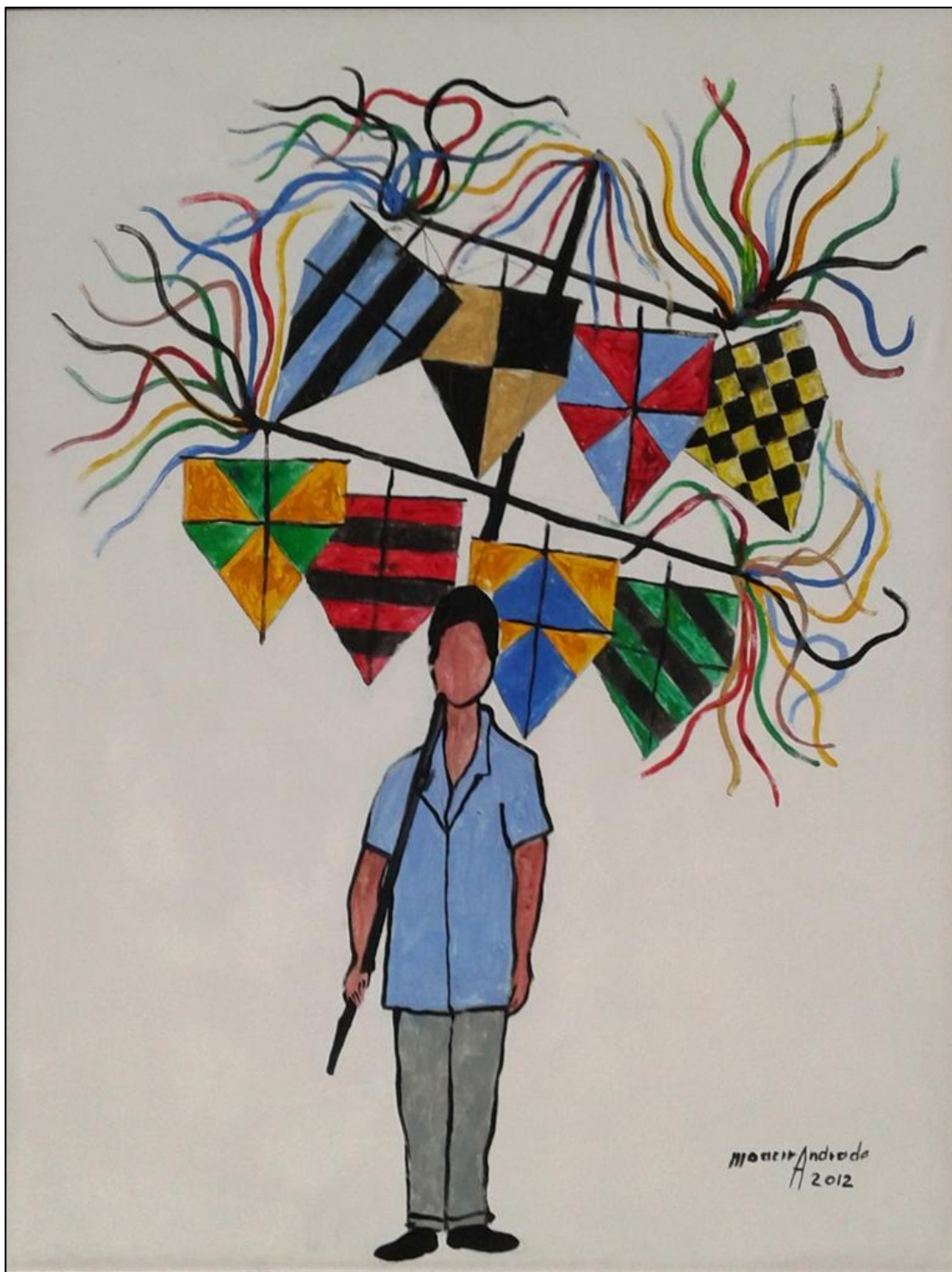


Figura 17 - Moacir Andrade. **Pipas**. 2012. 1 original de arte, 100 cm x 80 cm. Academia Amazonense de Letras, Manaus-AM

Nesta imagem podemos ver não o brincante de papagaio, visto nas demais imagens, mas a figura do vendedor que colocava seus papagaios em uma estrutura com a qual andava pelas ruas vendendo o brinquedo. Atualmente, não vemos mais esta personagem pois, como vimos anteriormente na figura 8, os vendedores expõem seus produtos nas calçadas em estruturas fixas nos locais onde se tem a prática de papagaio, até mesmo no porta-malas do carro ou ainda na frente de suas casas.

O mercado de papagaios de papel há tempos atrás, segundo Monteiro (2010, p. 143) “dava pingues rendimentos aos fabricantes, que iam negociar o produto nos boxes dos mercados de Manaus. Hodiernamente a gente os vê em locais de muito trânsito, ao ar livre”.

Tanto o vendedor e o fazedor de papagaio têm importância para a continuidade do brinquedo e da brincadeira, já que, até algum tempo, eles dominavam todo o processo criativo do papagaio, de sua confecção à sua venda, o que hoje não acontece na maioria das vezes, pois existem vendedores que não fabricam papagaios.

Outra artista que trazemos aqui é Ignácio Evangelista, ele também contribuiu com a temática do papagaio na cultura amazonense, pois ainda jovem, como aponta Mello (1983) ele já pintava o brinquedo. Destacamos os quadros recentes: “O fazedor de papagaio” de 2010 (figura 18) e “O empinador de papagaio” de 2012 (figura 19).

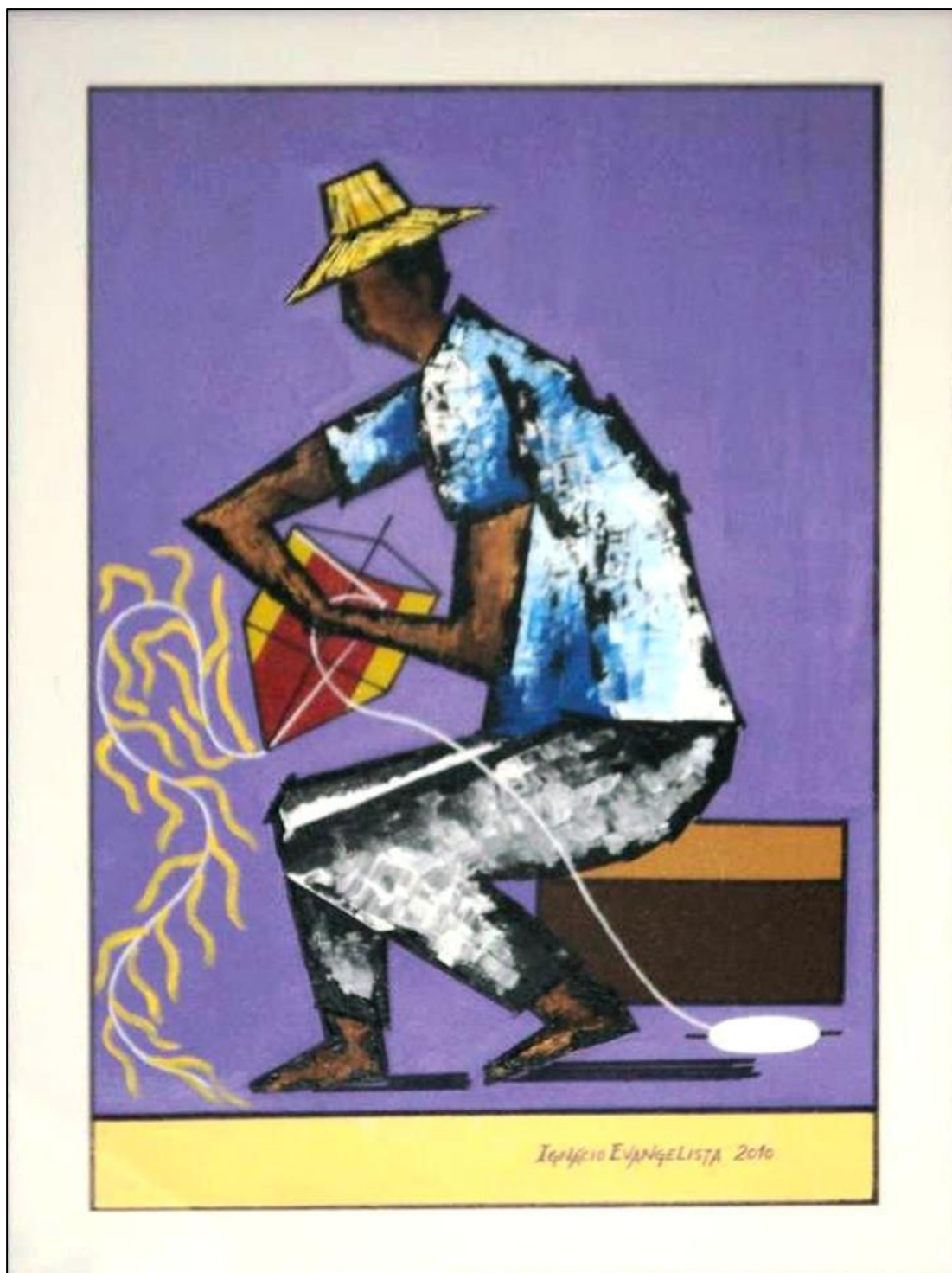


Figura 18 – Ignácio Evangelista. **O Fazedor de Papagaio**. 2010. 1 original de arte, 51 cm x 74 cm. Acervo Pessoal David Gonçalves Gatenha Neto

O fazedor de papagaio é um personagem que está sendo “suprimido” pelo mercado capitalista. Poucas pessoas fabricam papagaio “*eu fazia muito, agora já parei. Eu só encomendo, tenho meus fornecedores agora, mas não trabalho mais fazendo. Tudo terceirizado aqui*” (Fragmento da entrevista de S. M., 42 anos).

Das pessoas entrevistadas neste estudo de caso, 22 já confeccionaram ou confeccionam seu próprio papagaio ou para a venda, 8 nunca confeccionaram. O que há em comum entre eles é que todos empinam papagaio e é esta figura que está retratada no quadro 19.



Figura 19 - Ignácio Evangelista. **O Empinador de Papagaio**. 2012. 1. Original de arte, 42 x 79 cm. Acervo Pessoal Dayse Sigrid Holanda Rocha

Em visita à atual pedra fundamental da Pinacoteca Municipal de Manaus, localizada no Museu Paço da Liberdade, no centro de Manaus, podemos acessar uma sala denominada de Thiago de Mello. Nela, há vários quadros que o escritor ganhou ao longo de sua história.

Não somente citado em seu livro, mas também na sala dedicada à sua história, há uma obra (figura 20) de Rita Loureiro que “ainda tão moça, mas cujo talento, servido por extrema dedicação ao trabalho, fez de sua obra importante contribuição do Amazonas à pintura brasileira” (MELLO, 1983, p. 31).



Figura 20 - Rita Loureiro. **Papagaio Encantado**. 1982. 1 original de arte. Acrílica, 97 cm x 75 cm. Museu Paço da Liberdade, Manaus-AM

Essa figura retrata o patrimônio edificado de Manaus como o Teatro Amazonas, Mercado Municipal Adolpho Lisboa e outros, acima, o papagaio de papel interpretado como o patrimônio imaterial o qual, por ser encantado, traz as crianças (o futuro) à cidade. Nessa imagem podemos ver que não só meninos estão ligados ao papagaio, mas também meninas (ainda que em menor número), rompendo com o ponto de vista social e cultural de que algumas atividades são consideradas femininas ou masculinas, no caso, o papagaio de papel é considerado um brinquedo masculino.

As diferenças de gênero estão diretamente relacionadas a diferenças culturais, segundo Morais (2004, p. 55) “uma vez que as representações sociais e significados partilhados dos papéis masculino e feminino são específicos em

determinados grupos sociais”, por exemplo, ainda hoje é vedada a participação de mulheres em muitas programações pelos padrões estabelecidos que começam na infância, como por exemplo: aos meninos, atividades de aventura fora de casa, às meninas, ajudar nos interesses da vida familiar. Isto é percebido por Pinto e Lopes (2009) que destaca a presença superior dos meninos nas brincadeiras de rua quando comparada a presença de meninas.



Figura 21 - Suzuki Harunobu. **Kite Flying**, 1766. Gravura japonesa policromada, tinta e cor no papel, 27,3 x 20,6 cm. Metropolitan Museum of Art

Na figura 21 temos retratada uma família oriental que contempla um papagaio de papel empinado pela filha. Nesta imagem, fica evidente a participação da mulher nesta brincadeira milenar, e que este brinquedo não se restringe a um público exclusivamente masculino por questões culturais.

No papagaio, a visão da mulher também era vista de maneira estigmatizada, já que à mulher cabia somente os afazeres da casa. Monteiro menciona a ideia da mulher empinadora de papagaio de papel no seu tempo de menino, a qual era chamada de “*cunhã uatauatáiara*, ou, cruamente, mulher vadia, que não tinha o que fazer em casa” (MONTEIRO, 2010, p. 151), mas esta não era uma expressão, segundo ele, popularmente difundida. Ele nos conta ainda que, no seu tempo de menino, era bom de se ver algumas mulheres no local de empino, seja sozinhas ou acompanhando irmãos e primos.

Em algumas culturas, a mulher que interage no universo masculino através de uma atividade é, na maioria das vezes, vista de maneira preconceituosa. Temos como exemplo disso a sua participação no futebol no qual a presença das mulheres nos campos de futebol, na década de 1940, aumentava a cada dia tanto nas arquibancadas, quanto no jogo. Isso inquietava os homens da época. Um deles se sentiu tão incomodado que enviou uma carta ao governador para que ele tomasse as devidas providências. Foi quando, através do Decreto-Lei 3199, o governo Vargas proibiu a participação das mulheres na prática de esportes que fugissem à sua natureza, com a alegação de que as elas teriam suas aparências físicas e funções fisiológica alteradas, incluindo a infertilidade, e esse decreto perdurou até 1979 quando foi criada a Deliberação nº. 10/79 (REIS; ARRUDA, 2011).

Marcellino que diz que

a situação é mais grave depois do casamento, devido às obrigações social e familiares dele decorrentes, mas já se manifestam desde a infância, principalmente entre as camadas mais pobres da população, onde a menina

tem um número muito maior de obrigações domésticas (MARCELLINO, 2006, p. 35).

Guimarães (2006) nos diz que até o século XVII a mulher recebia educação visando a formação moral e de bons costumes, mas principalmente a formação da mulher para governar a casa, cuidar dos filhos e do marido. Com o passar dos séculos, a educação da mulher foi mudando, por exemplo, a partir do século XVIII eram instruídas nos princípios religiosos a fim de preservá-las quanto ao sexo, no século XIX, além de português e matemática as meninas aprendiam a bordar e a costurar. Segundo a autora, foi durante o século XIX que surgiram os primeiros movimentos feministas no Brasil a favor da educação, profissionalização e voto da mulher fazendo com que a ela ingressasse em um curso superior, trabalhasse no comércio, hospitais e indústrias.

Após tantos direitos conquistados, segundo Cavalcante (2015),

Libertar-se da rotina das atividades domésticas para fazer o que lhes aprouver significa subtrair do marido e dos filhos o tempo destinado ao cuidado destes. Não se deve esquecer, ainda, o capataz oriundo do mito da beleza, que reduz ainda mais o seu reduzido tempo disponível (CAVALCANTE, 2015).

Dessa maneira, a mulher ainda é tida na sociedade como a pessoa que tem que dedicar maior parte do seu tempo aos outros e não a si mesma, restringindo à mulher momentos de lazer, todavia, ela ainda encontra, mesmo com a vida atribulada, um tempo livre durante o fim de semana pois “[...] *não tem como vim durante a semana. Tem que cuidar de casa, cuidar de filho, tem que ver roupa, tem que ver janta...*” (Fragmento da entrevista de T. R., 25 anos).

No presente estudo de caso, observamos a presença da mulher no espaço estudado acompanhando os filhos, o namorado ou marido, ajudando nas vendas, porém, não quiseram conceder entrevista.

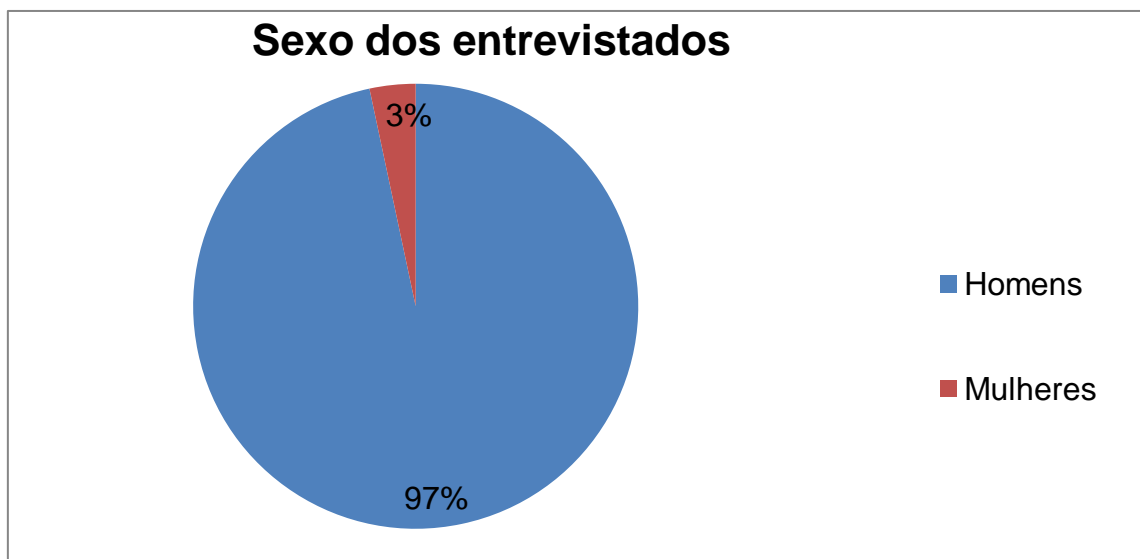


Gráfico 1 - Percentual de homens e mulheres entrevistados

O gráfico 1 demonstra somente o percentual do sexo dos entrevistados, porém estes números refletem o universo da pesquisa na qual mulheres são minoria. A esposa de um dos entrevistados (figura 22), quando indagada por que empinava papagaio, disse que primeiro ajuda o marido nas vendas e “segundo, é o meu lazer. O papagaio se tá com raiva a gente, começa a flechar, começa a cortar” (Fragmento da entrevista de T. R., 25 anos).

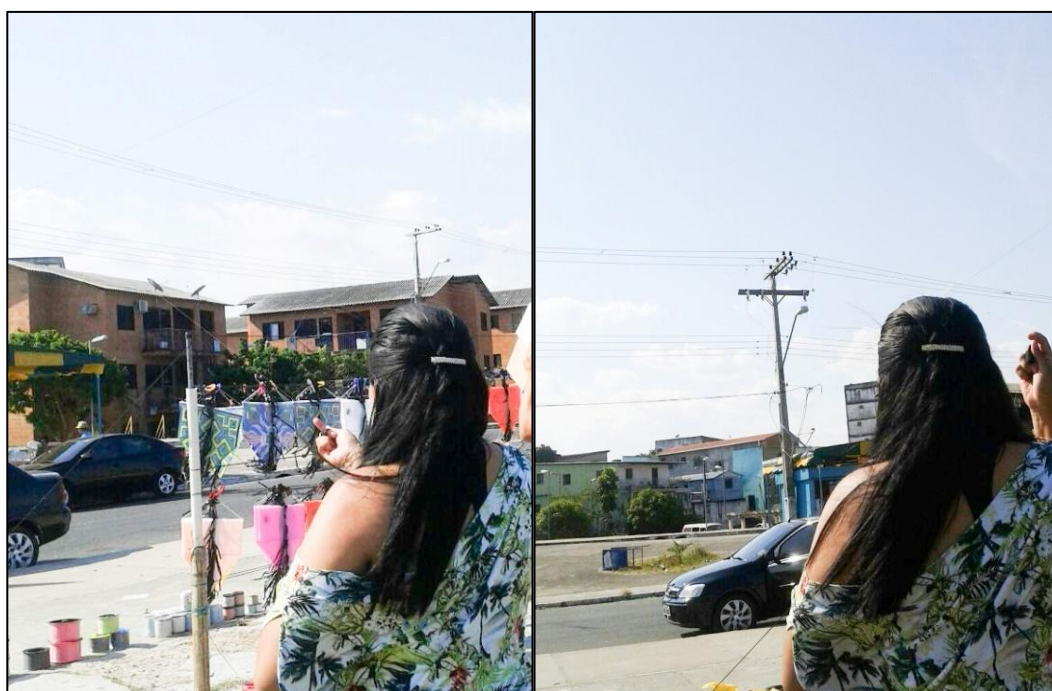


Figura 22 – Mulher empinando papagaio
Fonte: registro de campo (ago. 2015)

A participação do público masculino superior à feminina se deve à segregação das brincadeiras durante muito tempo, porém, isso não impede que as mulheres empinem papagaio por exemplo. Silveira (2003) citado por Silva (2006, p. 72) encontrou em seu estudo que são “as meninas mais velhas que apresentam maior envolvimento nas brincadeiras tipicamente masculinas”.

Apesar de haver preconceito ainda, quando indagados sobre a participação da mulher na brincadeira, a resposta foi unânime, demonstrando que “não tem nada de mais” elas também usufruem desta atividade em seu momento de lazer ou ainda ajudarem seus pais ou maridos na confecção e venda de papagaios pois

seria ótimo acabar esse lado machista do homem... O homem tem preconceito com várias coisas com respeito a mulher... Tanto é que a minha esposa, eu adoro quando ela vem pra cá vender pipa comigo, vem soltar pipa, vem pra cá olhar, vem observar pra saber o quê que a gente tá fazendo, porque muitas vezes a mulher fica em casa e o machista sai pra todo lugar, vai jogar bola, vai pra um lugar e ela não sabe. (Fragmento da entrevista de M. R., 39 anos).

A presença da mulher em um ambiente até então exclusivamente masculino só reforça a ideia da ascensão da mulher não só no mercado de trabalho como também no espaço de lazer, pois o tempo livre das obrigações femininas sempre foi muito curto já que à mulher cabiam as obrigações de cuidar da família, deixando para última opção cuidar de si mesma quando se trata de lazer.

2.3 Quem é o empinador de papagaio?

Esta foi a pergunta que norteou a busca pelo cumprimento do primeiro objetivo da nossa pesquisa, isto é, identificar o perfil dos empinadores de papagaio de papel. Para isso, utilizamos do roteiro da entrevista (APÊNDICE A) os campos: Idade, Bairro em que mora e Transporte utilizado para chegar ao local e das perguntas, utilizamos parte da questão 4 (O senhor trabalha? Qual sua profissão?) e da questão 8 (O senhor tem filhos? Eles empinam papagaio com você? O que o

senhor acha de ensinar seus filhos ou outras pessoas a empinar papagaio?).
Através destas informações, geramos os gráficos a seguir para melhor entendimento dos dados obtidos.

O público que empina papagaio no local é bastante diversificado em faixa etária. Porém, nossos entrevistados foram apenas maiores de 18 anos, expressos no gráfico 2.

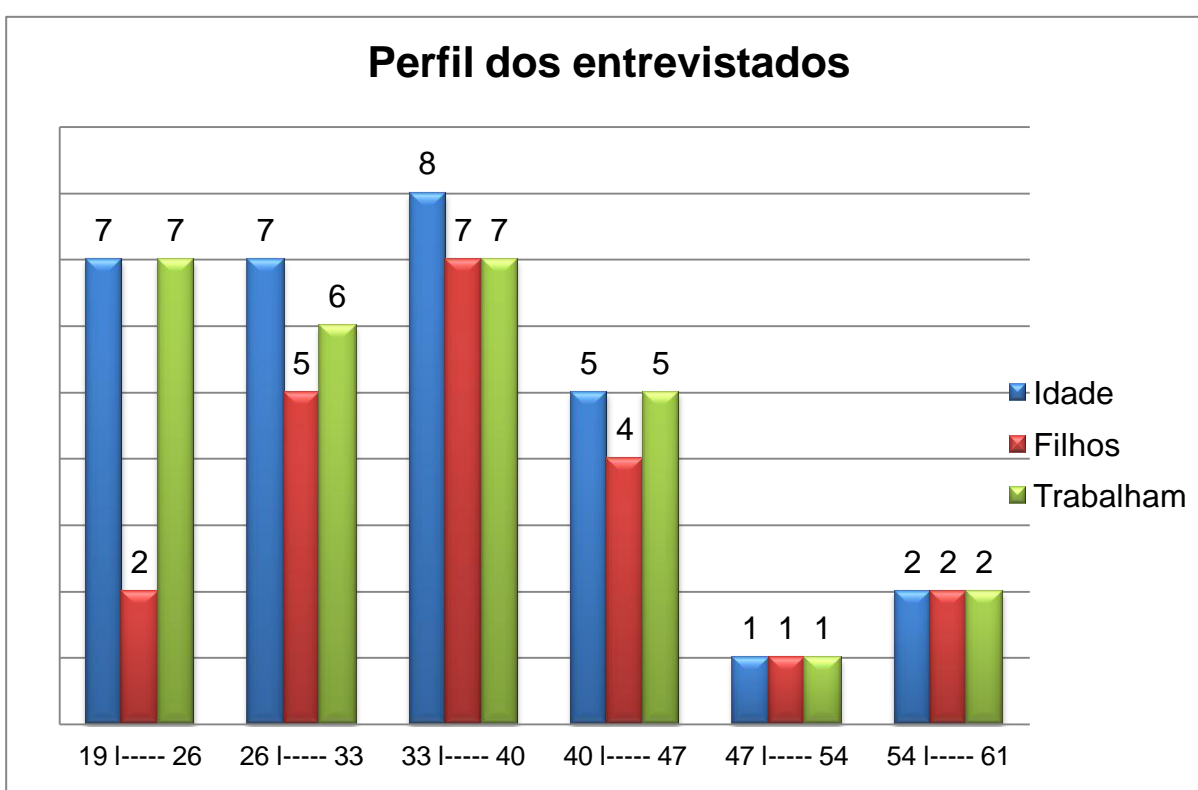


Gráfico 2 - Idade, quantos tem filhos e quantos trabalham entre os entrevistados, distribuídos em intervalos de classe

A amostra do nosso estudo tem média de idade de $35,1 \pm 10,2$ anos composta por indivíduos entre 19 e 61 anos, sendo que a maioria se encontra na faixa etária dos 19 aos 40 anos. Os indivíduos que tem entre 19 e 26 anos são os que têm menos filhos quando comparados aos demais. Somente duas pessoas das sete têm filhos, comparada às outras em que quase todos os indivíduos têm filhos.

Quanto ao mercado de trabalho, no período da pesquisa, registrou-se somente um caso de desemprego na faixa de 33 a 40 anos, descaracterizando a visão de quem está de fora como espectador sobre quem empina papagaio,

principalmente por aquelas pessoas de classe média e de classe alta. Porque assim, às vezes você passa aqui e vê um garoto desses. Um garoto desses pode estar fazendo um curso técnico, pode já estar começando uma faculdade, então quem vê vai dizer “olha lá o vagabundo”, então ele vê a pessoa dessa forma “um monte de macho que não tem o que fazer”. Às vezes tem médico, tem advogado, tem juiz, tem policial brincando. E muita gente discrimina só de olhar. “Olha lá um monte de vagabundo” e não sabe o que realmente a pessoa é (Fragmento da entrevista de J. R., 33 anos)

Dos 21 entrevistados que tem filhos, perguntamos se os filhos empinam papagaio com eles e obtivemos o gráfico 3.

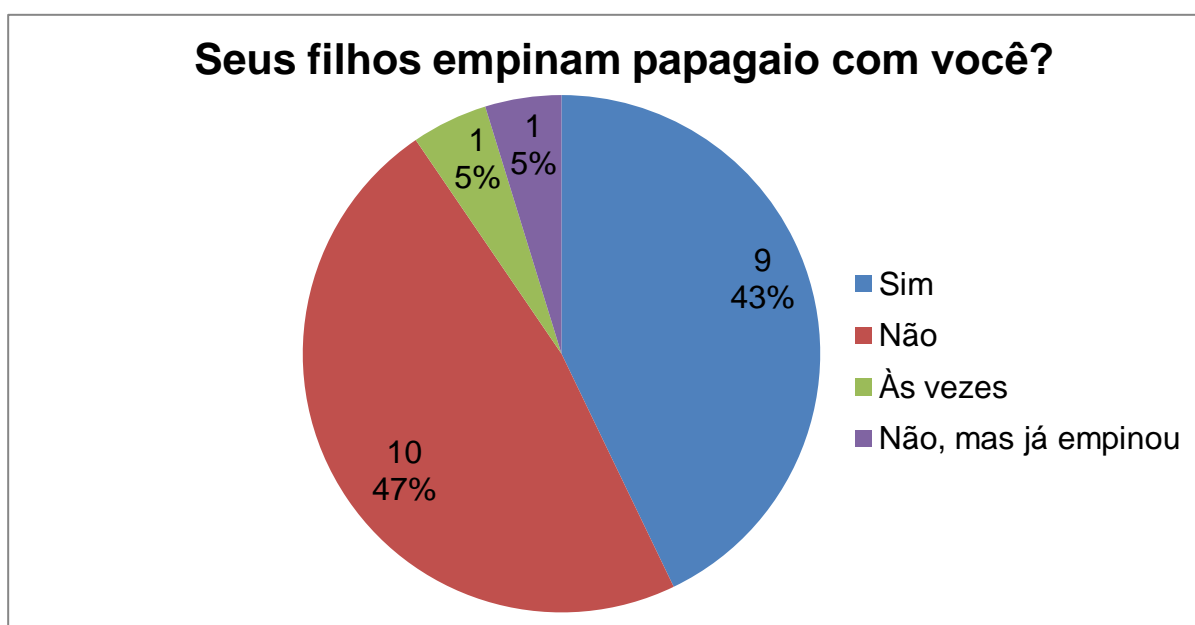


Gráfico 3 - Entrevistados que empinam papagaio com seus filhos

Nesse gráfico, 5% ou seja, 1 entrevistado declarou que seu filho já empinou papagaio com ele, mas no momento não, pois “*Meu filho soltou já comigo, agora ele faz UFAM lá e faz Pedagogia e não quer mais saber de pipa, mas minha filha faz papagaio. Ela me ajuda*” (Fragmento da entrevista de E. F., 45 anos). Outro entrevistado, representante dos 5% que empinam papagaio às vezes na companhia dos filhos (de 12, 19, 27 e 37 anos), relatou que “*eles soltaram quando eram pequenos, agora velho só com esse meu filho de 12 anos*”.

Os percentuais mais altos estão divididos entre sim (43%) e não (47%), dos quais os motivos e opiniões se complementam. O entrevistado J. P. tem duas filhas (16 e 12 anos), mas somente os três filhos (10, 7 e 1 ano) empinam papagaio com ele,

todos eles brincam. Três homens, todos brincam, menos um que ainda é bebezinho... Quando você vê pipa, se alguém brinca, é porque é geração pra geração, não tem essa de 'ah, o cara brinca, meu pai não brinca' não. É de pai pra filho, de avó pra neto e assim por diante (Fragmento da entrevista de J. P., 40 anos).

Outros entrevistados disseram que os filhos empinam papagaio com eles por ser “*uma brincadeira sadia*” (Fragmento da entrevista de F. S., 36 anos), ou ainda “pela emoção dele. Em parte houve influência e parte dele acompanhar mesmo o pessoal brincando” (Fragmento da entrevista de F. G., 58 anos).

Entre os que seus filhos não empinam papagaio com eles, um entrevistado alegou que “*porque são três mulheres e elas são fabricantes, mas empinam sozinhas, as duas mais novas fabricam junto comigo. A mais velha (19) não mora comigo. Esse aqui de 15 já brinca mais o outro caçula 8 anos*” (Fragmento da entrevista de M. R., 39 anos).

Apesar de não brincarem junto com o pai, as filhas fabricam papagaio e brincam em outros locais sem ser na companhia dele. Já T. R. tem uma filha de 5 anos e não empina papagaio com a mãe “*mas ela já está aprendendo, ela tem o papagaio dela*” (Fragmento da entrevista com T. R., 25 anos). Mesmo não praticando junto dos pais, os filhos tem alguma ligação com o papagaio de papel. O que não acontece em outros depoimentos.

Uns não empinam por motivos religiosos “*É porque ele é adventista e opta mais por frequentar a igreja*” (Fragmento da entrevista de C. S., 35 anos), outros por achar que “*é uma brincadeira perigosa*” (Fragmento da entrevista de L. F., 50 anos)

e preferir outras atividades. Entre os motivos, o que chama a atenção é o fato de filhas não empinarem papagaio

Porque é mulher. Minha filha tem três anos, e como eu tenho papagaio lá em casa de várias cores, e através das cores do papagaio ela conseguiu identificar as cores, aí eu pergunto dela 'minha filha, que cor é essa?'. Aí através do papagaio ela aprendeu as cores mais rápido. Então em isso aí o papagaio ajuda (Fragmento da entrevista de W. A., 28 anos).

Como já abordado aqui, ainda há a segregação das brincadeiras por gênero devido à sociedade machista da qual somos fruto, assim pais acreditam que “*não fica legal pra elas não...*”, mas segue com um discurso que reconhece o poder de escolha da mulher em fazer o que quiser de seu tempo “*Aí tem aquela questão também, né? Vai do gosto delas, elas também no se interessaram... Então eu não vou impor pra elas. Elas têm que brincar de livre e espontânea vontade*” (Fragmento da entrevista de J. J., 45 anos).

Outros declararam que é

“porque, na verdade é que eles não gostam mesmo, não tem interesse mesmo. Porque a brincadeira de papagaio vem desde criança mesmo, tu vê um adulto brincando e tu se interessa, quer brincar, mas eles não mostram interesse” (Fragmento da entrevista de A. S., 31 anos).

E ainda,

ele não gosta. Depende muito da criação, como ele não é criado comigo, ele já tem outros modos. Já o meu sobrinho que é criado comigo, convive mais com a gente, ele já criou assim mais gosto pela brincadeira. Tudo é questão de convivência, né? (Fragmento da entrevista de J. R., 33 anos).

Estas afirmações nos remetem às características de uma brincadeira tradicional que é o papagaio de papel, tal como sua transmissão através da oralidade de geração para geração. No presente estudo de caso, verificamos que esta transmissão cultural ocorre ainda na infância, como podemos observar no gráfico 4.

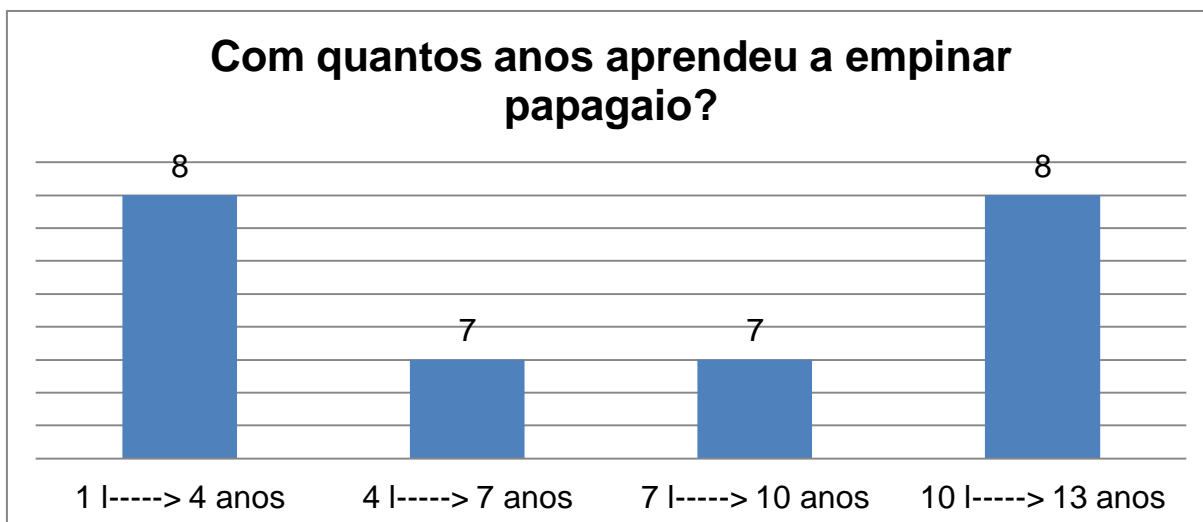


Gráfico 4 - Idade na qual se aprendeu a empinar papagaio

Todos afirmam ter tido seu primeiro contato com o papagaio de papel logo na infância, sendo que 8 entrevistados relataram que isso se deu antes dos 4 anos de idade, *“eu tô com trinta e nove anos, então, eu brinquei de papagaio a minha vida inteira, desde criança”* (Fragmento da entrevista de M. R., 39 anos) ou há quem seja mais apaixonado pelo brinquedo e diga que *“acho que na barriga da mamãe eu já pensava em papagaio, já é do sangue mesmo. Desde que eu me entendo como gente”* (Fragmento da entrevista de L. F., 50 anos).

Apesar de não recordar com precisão a idade em que empinaram papagaio pela primeira vez, eles se esforçam para precisar o início de seu fascínio pelo papagaio. *“Eu não lembro não, mas deixa eu te falar, é de criancinha, isso vem do meu pai, eu tenho foto de dois anos...”* (Fragmento da entrevista de F. S., 35 anos), *“na verdade, eu tinha três ou quatro anos de idade quando eu fui ficar fascinado com o negócio do papagaio. Na época a gente chamava papagaio aqui né? Hoje a gente chama pipa, mas ainda é o papagaio tradicional em Manaus”* (Fragmento da entrevista de J. P., 40 anos).

Todos os entrevistados declararam ter aprendido empinar papagaio com menos de 13 anos, sendo que este “aprendizado” se deu através da observação ou com outras pessoas, geralmente parentes próximos, entre eles o pai, irmão, tio ou primos, como podemos visualizar no gráfico 5.

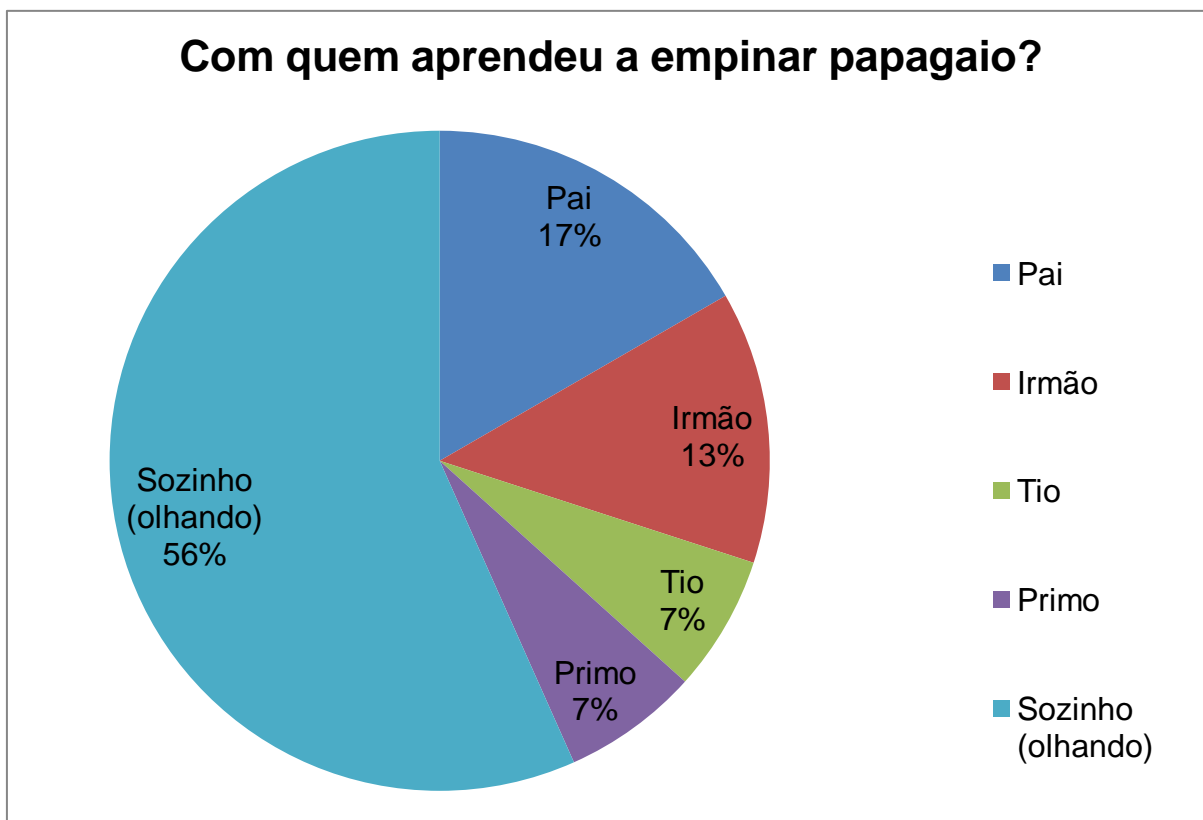


Gráfico 5 - Com quem aprendeu a empinar papagaio

Frases do tipo “*Faz tempo já oh... Vem de berço... Do meu velho...*” (Fragmento da entrevista de D. F., 27 anos) e “*quando eu tinha uns três anos. De sangue já, meu bisavô já brincou, meu pai já brincou, agora passou pra mim... E eu sou viciado em papagaio*” (Fragmento da entrevista de S. M., 19 anos) foram declaradas e remetem à herança, a cultura transmitida de geração para geração de pai para filho, de avô para neto.

Não só de pai para filho, mas também de irmão para irmão essa aprendizagem se constrói, “*Meu irmão mais velho me ensinou. Meu pai detestava papagaio. Ele não gostava, achava que era perigoso e a gente botava assim na marra mesmo*” (Fragmento da entrevista de A. N., 58 anos).

No entanto, aqui parece não só ser importante a figura paterna como também a presença de uma pessoa mais velha no que diz respeito à experiência (figura 23).

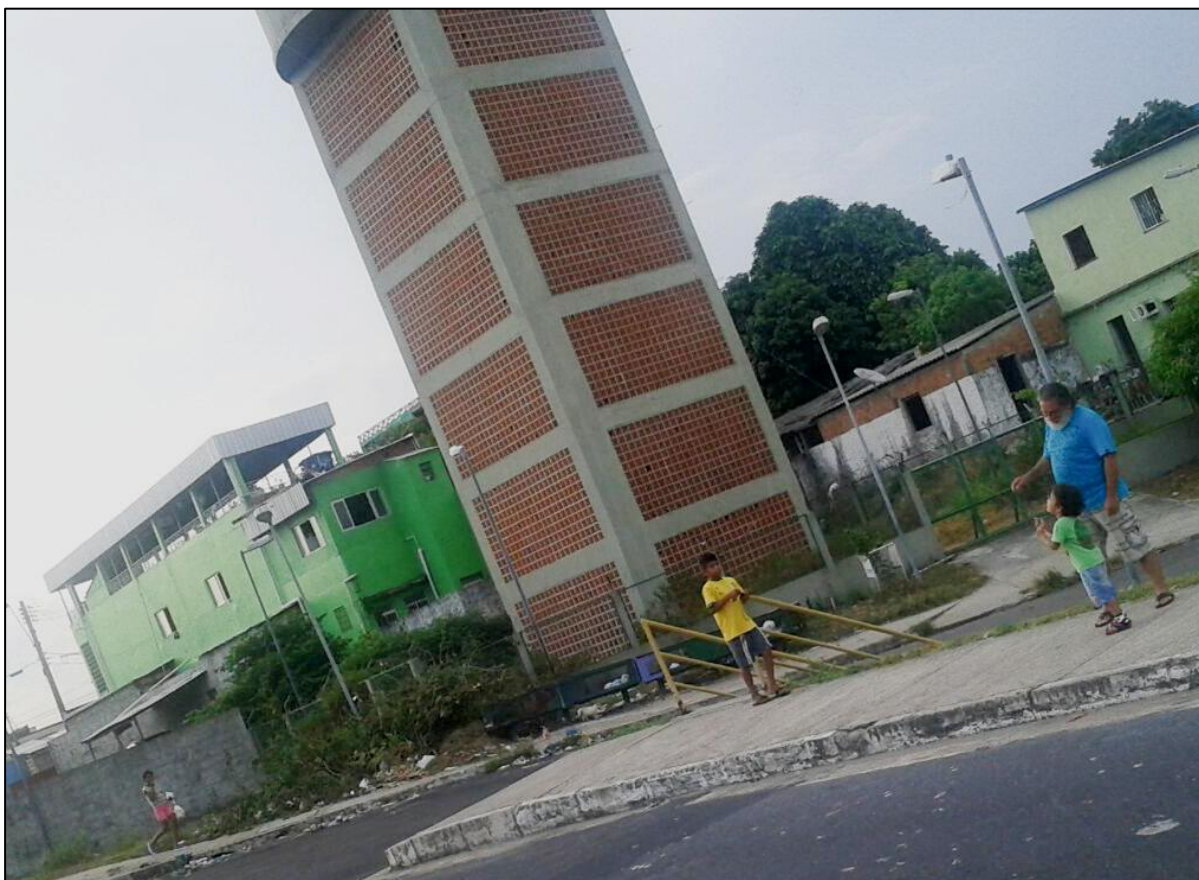


Figura 23 - Adulto e criança empinando papagaio de papel
Fonte: Registro de campo (set. 2015)

Algo a se destacar é a transmissão por parte da figura masculina já que retrata claramente um passado em que somente meninos brincavam de papagaio. E ainda mais porque aos meninos era permitido, com maior liberdade brincar na rua, enquanto as meninas ajudavam suas mães dentro de casa ou brincavam de boneca no quintal.

A rua está entre os espaços para a vivência do lazer no tempo livre. Segundo Pinto e Lopes (2009, p.867), a rua “se apresenta como espaço de transição entre casas, escolas e praças e também como um lugar de especificidade própria, onde acontecem eventos e relações sociais diversas, envolvendo adultos e crianças” funcionando como redes de sociabilidade.

Tais redes de sociabilidade permitiram o aprendizado não só com os parentes mais próximos como também olhando outras pessoas brincarem na rua, o que contabiliza 56% de entrevistados que declararam ter aprendido a empinar papagaio olhando os outros “*quem me ensinou foi a rua!*” (Fragmento da entrevista de E. F., 45 anos). Há, no entanto, quem diga que “papagaio não se ensina, só se aprende” (Fragmento da entrevista de R. A., 47 anos).

Estes espaços, de acordo com Marcellino (2006, p.40), estão cada vez mais escassos principalmente nas capitais brasileiras devido a expansão das cidades, o que causa uma redução nas áreas livres para o lazer. Como se não bastasse a perda de espaço, a vivência do lazer através de brincadeiras tradicionais vem se tonam cada vez mais raras, tendo seus lugares assumidos por novas formas de brincar, principalmente durante a infância, dominada pelos brinquedos industrializados.

Nesta área investigada, é notória a presença de grupos de pessoas. Todos se conhecem e criam um clima amistoso entre eles. A música faz parte da diversão. O som alto chama atenção, é clima de festa! Samba é o ritmo que predomina. Para este local se dirigem pessoas de vários bairros da cidade como podemos visualizar no gráfico 6.

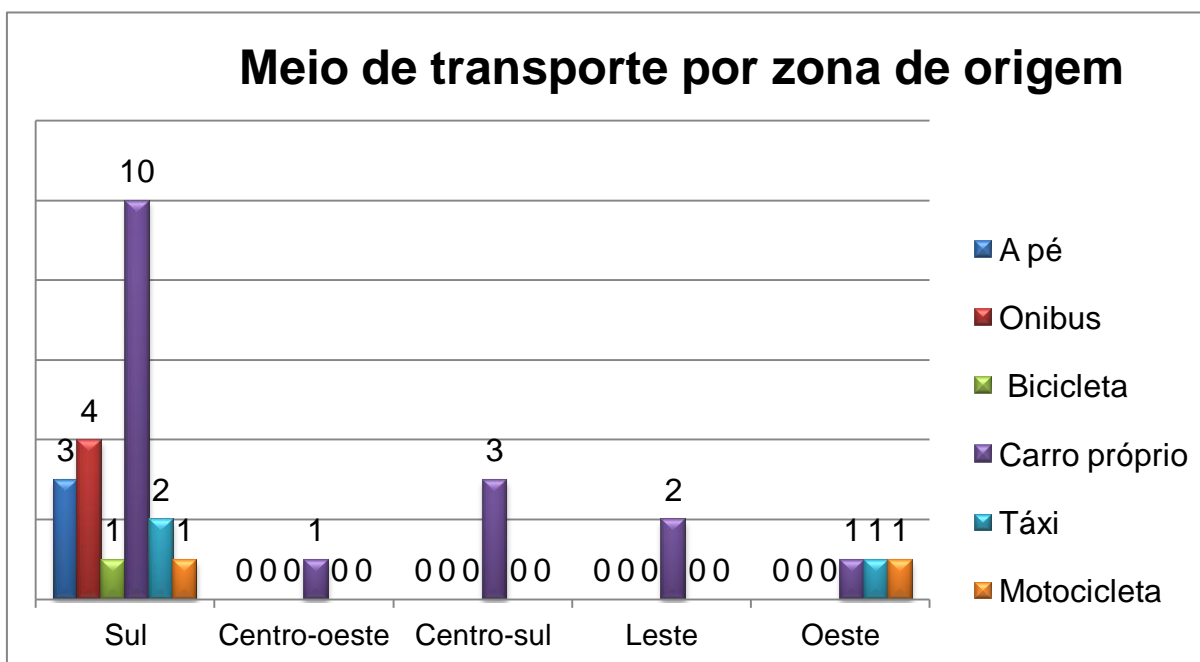


Gráfico 6 – Meio de transporte utilizado pelos entrevistados na pesquisa para chegar até a área de investigação

A predominância é dos entrevistados é da zona Sul, o que é reflexo de onde está delimitada a área de investigação. Poucas pessoas vem de outros locais, isso se deve a suas zonas também haverem locais para a prática do papagaio, como é o exemplo da Zona Norte da cidade que também tem um local de grande participação de empinadores.

Relacionando estes dados ao tipo de transporte utilizado pelos indivíduos entrevistados temos que, apesar da maioria morar nas proximidades e adjacências do local a maioria utiliza o carro como transporte até o local.

Os dados desse gráfico se justificam pelo fato dos vendedores e alguns empinadores carregarem consigo os materiais para a brincadeira, *“dá pra vim andando porque a gente mora aqui na ‘biqueira’, mas vem de carro pra trazer o material”* (Fragmento da entrevista de T. R., 25 anos). No caso dos vendedores, eles utilizam seu próprio carro ou táxi devido a quantidade do material, já os empinadores, alguns deles levam consigo carretilhas ou papagaios confeccionados por eles mesmos. Tal transporte é possível observar na figura 24.



Figura 24 - À direita, filas de carros se formam no local e à esquerda, foto do interior do veículo de um dos entrevistados

Fonte: registro de campo (ago. 2015)

Quanto aos motivos da escolha do local os mais mencionados foram: “*porque aqui transmite segurança*” (Fragmento da entrevista de C. S., 35 anos), por ser um local próximo da casa da maioria dos entrevistados e principalmente por ser onde eles encontram os amigos.

Isso se justifica através da sociabilidade que é um elemento das atividades de lazer. O papagaio, enquanto uma atividade de lazer, também envolve a sociabilidade através da “*reunião de amigos de muitos anos. É porque aqui é a reunião das pessoas que brincam*” (Fragmento da entrevista de M. A., 40 anos). A sociabilidade

como um elemento de básico do lazer desempenha um papel na maioria das actividades de lazer, senão em todas. O que significa dizer que um elemento do prazer é o sentimento agradável vivido pelo facto de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além daqueles que se têm voluntariamente. Esse tipo de estimulação desempenha um papel se alguém vai às corridas, a um clube de jogo de azar, a uma caçada [...]. A própria sociabilidade desempenha um papel primário em encontros, como festas, ida ao bar, visitas a amigos e por aí fora (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 179).

Deste modo, o indivíduo poderia muito bem empinar papagaio sozinho pois “às vezes eu brinco lá na laje de casa sozinho” (Fragmento da entrevista de L. F., 50 anos), mas preferem sair de casa e estar rodeado de outras pessoas que fazem o mesmo que ele. A sociabilidade, o estar com o outro, é um dos principais motivos pela busca deste local para a prática do papagaio de papel. Quando gerado o gráfico de respostas para a pergunta “O senhor empinaria papagaio se estivesse sozinho aqui?”, obtivemos o seguinte resultado:

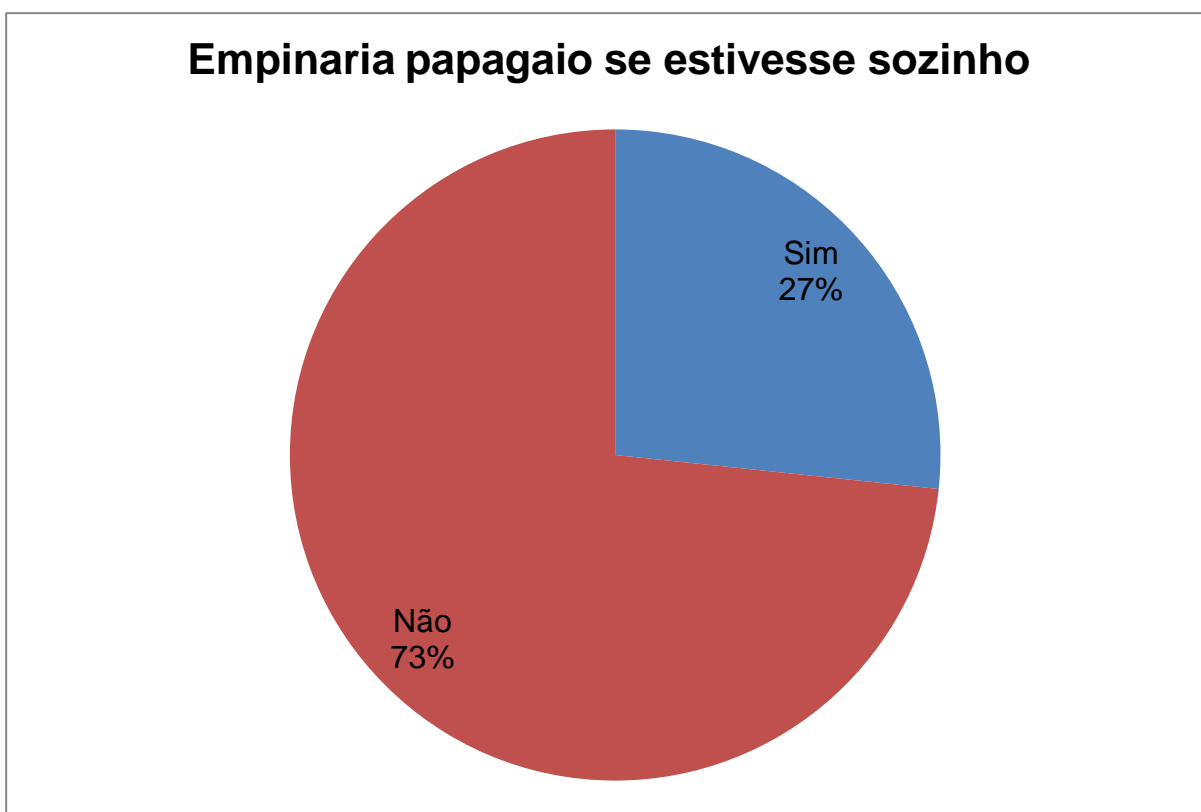


Gráfico 7 - Percentual de entrevistados que empinaria papagaio sozinho

Dos entrevistados, apenas 8 indivíduos afirmaram que empinariam papagaio se estivessem sozinhos no local, no entanto, “sozinho eu empino mas não tem graça” (Fragmento da entrevista de D. P., 25 anos). A maioria, totalizando 22 entrevistados, respondeu que “Não. Porque sozinho eu acho que é chato mesmo” (Fragmento da entrevista de A. S., 31 anos) e ainda que “Não, porque não ia ter

graça. A brincadeira tem graça a partir do momento que tem outras pessoas também” (Fragmento da entrevista de J. J., 45 anos).

Diante destes dados podemos traçar o perfil dos empinadores de papagaio de papel desta área investigada como um indivíduo adulto que trabalha, que teve seu primeiro contato com o papagaio na infância e que hoje, através desse, usufrui o lazer em seu tempo livre e escolhe este local principalmente pela localização próxima de sua residência, por ter outros empinadores de papagaio, entre eles amigos, onde é possível principalmente vivenciar a sociabilidade.

3 LAZER – ENTRE A FLECHADA TEÓRICA E EMPÍRICA

Ao se falar de papagaio de papel é necessário falar de lazer, já que é nesse espaço que ele é usufruído. Para discutirmos o Lazer enquanto teoria faz-se necessária uma breve revisão de literatura sobre os conceitos de trabalho e tempo livre, pois esses são indispensáveis para o entendimento do processo que é o lazer enquanto atividade realizada em um tempo livre das obrigações (sejam elas profissionais, familiares ou sociais).

Tanto o trabalho quanto o tempo livre acontecem em um tempo socialmente estabelecido que é abstrato, pois não podemos vê-lo, tocá-lo, ouvi-lo... mas é ele quem direciona nossas vidas desde que nascemos.

Consta no Minidicionário Aurélio, que a palavra tempo tem como significado “a sucessão dos anos, dias, horas, etc., que envolve a noção de presente, passado e futuro” (FERREIRA, 2008, p. 770). Porém, esse conceito não é suficiente quando indagamos o que é o tempo anterior à criação do relógio e do calendário nas sociedades mais desenvolvidas.

Para o sociólogo alemão Norbert Elias, a palavra tempo

designa simbolicamente a relação que um grupo, ou qualquer grupo de seres vivos dotado de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência e padrão de medida (ELIAS, 1998, p. 39-40).

Dessa maneira, o tempo é um entendimento somente de seres humanos. No passado, o homem interagiu suas atividades através do tempo natural baseando-se nas fases da lua, na posição do sol, nas marés etc. Esses processos naturais não tinham precisão e então foram construídos instrumentos para medição e padronização do tempo.

O tempo é resultante de um longo processo de aprendizagem. Segundo Elias, o tempo “tem o caráter de uma instituição social, de uma instância reguladora dos

acontecimentos sociais, de uma modalidade humana – e os relógios são parte integrante de uma ordem social que não poderia funcionar sem eles” (ELIAS, 1998, p. 93). Assim, entendemos que através do relógio e do calendário somos, desde que nascemos, coagidos a seguir o grau de rotina por eles impostos, nas palavras do autor “ao crescer, com efeito, toda criança vai se familiarizando com o ‘tempo’ como símbolo de uma instituição social cujo caráter coercivo ela experimenta desde cedo” (ELIAS, 1998, p. 14). Quanto mais desenvolvido é o grupo ao qual pertencemos, maior é o nível de cobrança, pois o tempo assume o sinônimo de dinheiro, passando a direcionar nossa vida em sociedade.

Em Manaus, segundo Villanova (2011), até o século XIX prevalecia na cultura nativa o uso do tempo natural, onde as pessoas ainda não tinham preocupação com horários fixos nem de descanso nem de trabalho, chegando muitas vezes a serem criticados por viajantes que comparavam a cultura local à cultura do povo nativo da cidade. Até aquela época o relógio estava sendo empregado com o auxílio das igrejas que tocavam seus sinos anunciando quando o povo deveria acordar, trabalhar e descansar.

Atualmente, todos nós temos tempo para tudo, incluindo trabalhar, descansar, comer, dormir e entre várias outras atividades que podemos realizar durante o dia a dia. Dividimos aqui este tempo em tempo para o trabalho e tempo livre do trabalho que pode ser utilizado para o lazer e outras ocupações.

3.1 O uso do tempo para o Trabalho

Desde muito cedo, somos levados a aprender que não se deve perder tempo com bobagem, ou seja, tudo o que for realizado deve resultar em algo palpável, convergindo dessa forma para aquilo que se denomina trabalho. O entendimento é que por meio deste o homem e a mulher se tornam livres. Liberdade esta

contestada, pois o indivíduo se amarra ao grau de rotina que o trabalho impõe, tendo que cumprir o tempo instituído socialmente para ser visto pelos outros como um profissional responsável.

De um ponto de vista filosófico Abbagnano (2007, p. 964) conceitua a palavra trabalho como a “atividade cujo fim é utilizar as coisas naturais ou modificar ambiente e satisfazer às necessidades humanas”. Para Ferreira (2008, p. 783) significa “a aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim”. Dessa maneira, considera-se o trabalho como a modificação da natureza pelo ser humano.

Nessa mesma linha, Karl Marx considera o trabalho “indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade” (MARX, 2002, p. 64-5). Para ele, o trabalho é uma necessidade natural de intercâmbio material entre o homem e a natureza o qual mantém a vida humana.

Segundo Marx,

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil produz valores de uso (MARX, 2002, p. 68).

Neste contexto, ainda não existia o salário e o trabalhador recebia o valor da mercadoria no qual se traduzia o seu tempo de trabalho, logo, o homem, a mulher e até mesmo crianças vendiam suas forças de trabalho no sentido fisiológico no que se referia aos gastos de energia provindo do cérebro, músculos, mãos etc.

Esta expressão “força de trabalho” nos remete ao sentido de trabalho como algo penoso. Na Bíblia, o sentido da palavra “é considerado parte da maldição divina, decorrente do pecado original.” (ABBAGNANO, 2007, p. 964), pois quando o homem e a mulher foram expulsos do Paraíso, Deus havia lhes dito “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. Logo, o trabalho veio a ser considerado uma punição.

A etimologia da palavra trabalho, do latim vulgar *tripalium*, também nos remete a esse sentido. A palavra latina referia-se a

um instrumento feito de três paus aguçados, com ponta de ferro, no qual os antigos agricultores batiam os cereais para processá-los. Associa-se a palavra trabalho ao verbo *tripaliare*, igualmente do latim vulgar, que significava "torturar sobre o *trepalium*", mencionado como uma armação de três troncos, ou seja, suplício que substituiu o da cruz, instrumento de tortura no mundo cristão (WOLECK, 2002, p. 3),

Em consequência disso, por muito tempo a palavra trabalho adquiriu conotação de algo penoso, doloroso, sofrido, castigo etc. Mas, Abbagnano, seguindo os conceitos de Marx afirma que trabalho e produção “não são, pois, uma condenação para o homem: constituem o próprio homem, seu modo específico de ser e de fazer-se homem.” (ABBAGNANO, 2007, p. 965).

Todavia, esse juízo de valor sofreu muitas mudanças em determinadas épocas. Na Grécia antiga, por exemplo, o “trabalho era aquilo que fazia suar, com exceção do esporte. Quem trabalhava, isto é, suava, ou era escravo ou era um cidadão de segunda classe.” (DE MASI, 2000, p. 19), e com a hegemonia do Império Romano o trabalho começou a representar dignidade.

Após a Idade Média (início do Século XVI), um movimento reformista cristão ocorreu liderado por Martinho Lutero, pois ele estava inconformado algumas atitudes que a Igreja Católica vinha adotando, incluindo a venda de indulgências, ou seja, o perdão dos pecados (WOLECK, 2002). Chamada Reforma Protestante, ela mudou radicalmente a visão do trabalho que assumiu um *status* de importância perante a sociedade e deixou sua marca na história e com isso, talvez, a discriminação daqueles não trabalham levando-os a exclusão social.

Podemos visualizar em Weber esse momento de transição entre o trabalho com conotação penosa para o trabalho como sinal de graça divina. Weber nos mostra que, ao contrário do que era pregado antes da Reforma Protestante, ou seja,

o trabalho como algo penoso, o ócio e o prazer passam agora ser a negação de uma ordem de Deus.

O “descanso eterno dos santos” está no Outro Mundo; na terra o ser humano tem mais é que buscar a certeza do seu estado de graça, “levando a efeito, quando for de dia, as obras daquele que o enviou”. Ócio e prazer, não; só serve a ação, o agir conforme a vontade de Deus inequivocamente revelada a fim de aumentar a sua glória. A *perda de tempo* é, assim, o primeiro e em princípio o mais grave de todos os pecados. [...] Perder tempo com sociabilidade, com “conversa mole”, com luxo, mesmo com o sono além do necessário à saúde – seis, no máximo oito horas – é absolutamente condenável em termos morais. Ainda não se diz aí, como em Franklin, que “tempo é dinheiro”, mas a máxima vale em certa medida em sentido espiritual: o tempo é infinitamente valioso porque cada hora perdida é trabalho subtraído da glória de Deus. [...] Além do que, domingo existe é para isso mesmo [...]. Mas ainda por cima, e antes de tudo, o trabalho é da vida o fim *em si* prescrito por Deus. A sentença de Paulo: “Quem não trabalha não coma” vale incondicionalmente e vale para todos. A falta de vontade de trabalhar é sintoma de estado de graça ausente (WEBER, 2004, p. 143-4).

Aquele sentido de que o trabalho tinha sido um castigo divino é interpretado de outra maneira pela doutrina protestante, pois ela fazia com que o trabalho passasse a ser visto como um instrumento de salvação. Sua conotação neste momento estava em o trabalho ser uma vontade divina e isso fez com que os homens passassem a se dedicar somente ao trabalho, vetando seus prazeres pessoais, fazendo com que ócio²⁹ se confundisse com o pecado, isto é, preguiça.

Nas traduções feitas a partir das obras de Domenico De Masi (2000), o termo ócio é bastante presente. Segundo este autor, existem 15 sinônimos³⁰ para a palavra “ócio” que podem ser significados positivos, neutros e negativos, sendo que um deles, a ociosidade, não está classificada como sinônimo, já que ela tem a mesma raiz de ócio. Para ele, quem vive em ócio criativo não trabalha. Este conceito está centrado na junção de trabalho, jogo e estudo, pois mesmo no ambiente do

²⁹ Não devemos confundir ócio com lazer. Por traduções equivocadas no Brasil, incluindo traduções de obras científicas originais espanholas e italianas, de acordo com Aquino e Martins (2007, p. 485) “trazem a utilização do termo ócio com o mesmo sentido atribuído ao termo lazer, basta observar a obra de Domenico de Masi (2000; 2001), difundida no Brasil intensivamente, a partir da década de 90”.

³⁰ De Masi nos mostra quinze sinônimos da palavra ócio, a saber: três são positivos (lazer, trabalho mental suave e repouso), quatro de significado neutro (inércia, inatividade, inação e divagação) e sete tem significado claramente negativo (mandria, debilidade, acídia, preguiça, negligência, improdutividade e desocupação) e a ociosidade.

trabalho, o sujeito não estaria trabalhando, pois a atividade que ele estaria fazendo seria uma atividade que lhe trazia prazer o tempo todo.

Consideramos o lazer e o ócio coisas distintas. Para nós, com base na teoria da sociologia do Lazer de Elias (1998) o lazer está na mesma esfera do trabalho, gerando emoções ou tensões, como se estivesse na mesma moeda, já o ócio entendemos como oposto do trabalho. Ou seja, só tem a possibilidade de vivenciar o lazer quem trabalha e quem não trabalha, vivencia o ócio ou o tempo de ócio, termo este utilizado por Matos (2015).

Com relação ao ócio, sobressai na sociedade os sentidos negativos que acabam pesando sobre o lazer, isso é percebido na fala de um dos entrevistados em nossa pesquisa que diz que

As pessoas acham que a pessoa é vagabunda, porque tá ali no sol, de cara pro ar, que não tem nada pra fazer... mas não é bem assim. Aqui mesmo na pipa, nós temos aqui dentre nós, todo mundo quase trabalha. Se tu ver o horário, se tu chegar aqui na semana no horário de três horas da tarde não tem ninguém soltando pipa. Mas cinco horas, é certo. O pessoal tão chegando do trabalho aqui, para um carro, para dois, três carros aí e começa a brincadeira... tá entendendo? Porque o pessoal saiu do trabalho pra brincar aqui, dá uma passadinha aqui pra brincar. Mas é mal vista mesmo a pipa, sabia? As pessoas olham, assim, pra ti soltando papagaio: "isso é vagabundo mesmo" (fragmento da entrevista de A. S., 31 anos).

Na sociedade atual, os que não trabalham ou não são vistos trabalhando, isto é, os indivíduos que vivem em ociosidade, são até os dias atuais considerados um peso social, vistos de maneira preconceituosa por não proporcionarem resultados visíveis através do trabalho. No bojo do contexto social é patente que nesse jogo, o indivíduo ocioso não merece apoio e corre o risco do "desprezo" social.

É penalizado socialmente o indivíduo que vive a vida vagabundeando, que leva uma vida ociosa ou simplesmente possui o necessário para a manutenção de sua vida. Aquele que trabalha ganha destaque social, diferentemente daquele que espera à sombra e com água fresca à disposição, o que Deus lhe proporcionará (MATOS, 2015, p. 123).

Isso é percebido quando um grupo de amigos se reúne no fim do dia após o trabalho para jogar conversa fora ou praticar um esporte com os amigos... Um dos

entrevistados neste estudo de caso diz: *“Hoje em dia a gente é tachado muito de vagabundo aqui dia de semana. O pessoal fala ‘esses caras não tem o que fazer, não trabalham’. Aí eu digo ‘a gente já trabalhou’”* (Fragmento da entrevista de E. F., 45 anos).

Percebe-se aí o juízo de valor em relação ao uso do tempo quando o indivíduo está inserido em um ambiente que não o do seu trabalho, ou ainda, quando ele não trabalha e só vive no ócio, ou seja, quando “ele não faz nada”. Este fazer nada, entendemos como o uso do tempo sem obrigações para com ele mesmo e os outros, isto é, não trabalha, não estuda, não cuida da casa etc.

O juízo de valor, mostrado por Elias e Dunning (1992), é um fato constatado em nossa sociedade tanto em relação ao trabalho quanto ao não-trabalho. Consideremos que o lazer ocorre quando o indivíduo não está trabalhando, portanto, no tempo de não-trabalho. O lazer é classificado como uma forma de preguiça e pecado, assim, está em um nível inferior, já “o trabalho, de acordo com a tradição, classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.106).

O trabalho “refere-se habitualmente a uma única forma específica de trabalho – o tipo de trabalho que as pessoas executam como modo de ganhar a vida” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.107). Somente este possui um produto final, isso talvez explique seu grau de classificação a um nível superior.

Segundo Marcellino (2008, p. 13) “alguns autores consideram que, se os homens sempre trabalharam, também paravam de trabalhar, existindo assim um tempo de não-trabalho [...] mesmo nas sociedades tradicionais”, no entanto, com o avanço das tecnologias e surgimento da industrialização, este tempo foi se tornando cada vez menor, aumentando o tempo de trabalho. Foi então, quando surgiu o

conceito de lazer como fruto da sociedade moderna, resultante das lutas sindicais, em meio à Revolução Industrial.

Há de se concordar que o trabalho ficou ainda mais em evidência no período da Revolução Industrial (séc. XVIII e XIX). Antes disso, até o final do século XVIII as pessoas eram responsáveis pela produção do que consumiam, na sua maioria agricultores, artesãos dominavam o processo criativo do início ao fim, e assim tinham controle sobre o tempo e custo de seu trabalho.

A partir do século XVIII, o desenvolvimento do trabalho industrial capitalista fez com que os trabalhadores da indústria perdessem não só sua autonomia na criação, pois “não produziam mais apenas por prazer ou por necessidade de usar o produto” (PADILHA, 2008, p. 29), mas também perdessem o controle sobre o tempo. O trabalho que era realizado em pequena escala em ambiente doméstico passaria agora a ser realizado em grande escala, nas fábricas com certo rigor de tempo de produção.

Em Manaus, nesse mesmo século, princípio de sua urbanização Villanova (2011) ao analisar os achados do viajante Alfred Russel Wallace nos aponta que os nativos estavam sempre ocupados. Segundo a autora ele critica a cultura nativa como perda de tempo na produção de algo que poderia ser feito mais rapidamente, pois aqui “não havia mão de obra organizada nos moldes de uma sociedade já com clara divisão do trabalho. [...]. Para ele, o principal ‘pecado’ do índio não era sua suposta preguiça, mas sim, a falta de organização das tarefas” (VILLANOVA, 2011, p. 132). Na visão de quem não estava inserido naquela cultura, perdia-se “muito tempo” fazendo várias coisas ao mesmo tempo e sozinho, mas essa prática ainda prevalece em algumas comunidades tradicionais.

Enquanto isso, nos países desenvolvidos, principalmente na Europa, um movimento ocorria pela conquista de um tempo voltado para o tempo livre do trabalho.

3.2 A conquista do Tempo Livre

As máquinas invadiram as fábricas a fim de poupar o tempo de trabalho humano, muitas demissões ocorreram. Mesmo assim, as jornadas de trabalho nas indústrias ainda “chegavam a exorbitantes 4000 ou 5000 horas por ano, sendo uma jornada de 16 horas, quase todos os dias do ano. O início da vida ativa no trabalho iniciava aos 10 anos e perdurava inacreditavelmente até a morte” (MALACRIDA; MACHADO, 2008, p. 86).

Naquela época, não lhes eram permitidos direitos, apenas deveres. Tais deveres lhes custavam até a vida. Os trabalhadores eram explorados nas fábricas, iam cansados para suas casas descansar o mínimo possível e viviam em condições desumanas, “cansado, sujo e sem roupa pra trocar, via a família passar todo tipo de necessidade, inclusive fome. E era esse trabalhador atormentado, cansado e ferido que voltava, no dia seguinte, para a fábrica” (GIANNOTTI, 2007, p. 28).

Diante desse cenário, a classe trabalhadora começou a se organizar para exigir a diminuição das horas de trabalho. Começaram a pressionar os patrões parando a produção e surgiram as greves, principais armas dos trabalhadores até os dias atuais. Assim,

durante os primeiros sessenta, setenta anos de existência da classe operária, em vários países os trabalhadores viveram na mesma situação. E responderam de forma parecida: voltas de desespero; depois, as primeiras greves; e, em seguida, as várias formas de organização (GIANNOTTI, 2007, p. 33).

Em 1817, Robert Owen já sonhava com um socialismo utópico e introduziu em suas fábricas a Inglaterra, de modo experimental, a jornada de 8 horas e, em

1880, foi publicado o primeiro manifesto a favor dos operários: O Direito à Preguiça, de Lafargue. Ele coloca o descanso como algo vivenciado por Deus e sendo assim, também um direito de todos, onde “Jeová, o deus barbudo e rebarbativo, forneceu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal; depois de seis dias de trabalho, repousou para a eternidade” (LAFARGUE, 2003, p. 21).

Nesse período, que corresponde à segunda metade do século XIX, por volta de 1860, Manaus ainda estava em processo de urbanização e, por mais que no Brasil já existiam o relógio marcando o horário e o tempo de trabalho controlado, aqui a vida ainda corria no tempo natural (VILLANOVA, 2011). No entanto, no resto do mundo,

[...] Na última década do século XIX, coube ao Papa Leão XIII insistir a concessão ao trabalhador de descanso proporcional ao desgaste das suas forças (*Rerum Novarum*). O *repouso semanal* aos domingos e o direito aos feriados, inicialmente ligados à tradição religiosa, principiaram a ser regidos por textos legais, tornando-se obrigatórios em vários países (MEDEIROS, 1971, p. 31).

No dia 1º de maio de 1886, nos Estados Unidos ocorreu uma greve reivindicando as 8 horas por dia num panfleto que dizia: “a partir de hoje, nenhum operário deve trabalhar mais de 8 horas por dia: 8 horas de trabalho, 8 horas de repouso e 8 horas de educação.” (GIANNOTTI, 2007, p. 35). Mais de cem trabalhadores morreram em decorrência de ataques da polícia de Chicago, mais de mil foram feridos, líderes foram condenados à morte ou à prisão perpétua.

Os trabalhadores não venceram a batalha, suas reivindicações não foram atendidas, mas esse dia ficou marcado na história como a greve dos Mártires de Chicago. Em 1891, foi declarado 1º de maio como o Dia Internacional da Luta dos Trabalhadores pela Internacional Socialista, a ser comemorado todos os anos com greves e manifestações. Após esse período, ainda demoraria mais 20 anos para que o direito a 8 horas de trabalho fosse alcançado.

No século XX, após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, os países que se envolveram nela se reuniram em Versailles, Paris (GIANOTTI, 2007). Lá eles decidiram pela criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1919, de forma a estabelecer normas universais no que diz respeito ao capital e ao trabalho, logo uma legislação trabalhista parecida em todos os países assim como custos de trabalho parecidos.

Desta forma, “nas primeiras décadas do século XX, após quase cem anos de lutas, quase todos os países regularam a jornada de trabalho, fixando-a em 8 horas diárias” (GIANNOTTI, 2007, p. 42). Medeiros atribui a este período a ampliação do tempo livre dos trabalhadores “após as recomendações do Tratado de Versailles e da Conferência Internacional do Trabalho, em 1919.” (MEDEIROS, 1971, p. 31).

Até 1920 quase todos os países já haviam implantado essa jornada. No Brasil, somente em 1933, após um decreto de Vargas foi que o trabalhador urbano brasileiro passou a ter esse direito ao tempo livre (GIANOTTI, 2007). Antes disso, segundo Medeiros (1971), em 1930 aconteceu o Primeiro Congresso Internacional de Lazer Operário junto a OIT, e em 1936, na França, foi criado o *Ministère des Loisirs* ao qual a autora atribui a troca da palavra repouso por lazer.

Estas palavras têm sentidos diferentes, segundo Elias e Dunning (1992) a palavra lazer difere da palavra descanso, já que esse é uma necessidade biológica, uma rotina do tempo livre e não se configura como lazer, apesar das pessoas o considerarem como tal.

O direito ao repouso está presente na Declaração dos Direitos Humanos da Organização Mundial das Nações Unidas, através da Resolução 217 de 1948, Artigo 24, que diz que “todo homem tem direito a repouso e lazer, à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas”, está ainda na Consolidação

das Leis do Trabalho – CLT pelo Decreto Lei N°. 5.452/43, apresenta uma série de regras que disciplinam as relações de trabalho e regulamentam os períodos de descanso, do direito a férias (época e duração), e do direito à previdência social (BRASIL, 2000) e ainda na Constituição da República Federativa do Brasil em seu Artigo 6º Dos Direitos Sociais a repouso semanal remunerado (BRASIL, 1988).

Apesar de muitas lutas no passado pelo direito a mais tempo livre do trabalho e tê-los garantidos na forma de leis, muitos indivíduos utilizam este tempo em outras ocupações. Diante disto, o tempo livre deve ser compreendido levando em consideração as atividades cotidianas do indivíduo, dentre elas o monetário, pois o aumento do tempo de não trabalho não quer dizer que as pessoas usufruam seu tempo livre como um tempo de lazer, ou seja, nesse tempo livre, trabalham para ganhar uma renda extra.

Uma das formas de ganhar uma renda extra é através do trabalho informal. Mas o que seria ele? Segundo o Minidicionário Aurélio a palavra informal é um adjetivo do quê é “destituído de formalidade” (FERREIRA, 2008, p. 478). Esta palavra, no âmbito do trabalho está relacionada à formalidade do registro do trabalho. Para Nunes (2010, p. 4), trabalho informal é aquele que “não há anotação do contrato de trabalho na carteira de trabalho do empregado”. Logo, desta forma, o trabalhador não tem os direitos garantido na CLT.

De acordo com Nunes (2010) o trabalho informal pode surgir tanto da economia formal quanto da informal, pois muitas vezes, empresas formais contratam trabalhadores sem assinar suas carteiras com vistas a não pagar os direitos trabalhistas e sociais que a assinatura na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) impõe após uma demissão, por exemplo.

Trabalhadores informais são pessoas que trabalham por conta própria, sem carteira assinada, pequenos empregadores, autônomos, donos de pequenos negócios familiares, com ganhos baixos e nem sempre de valores fixos (NUNES, 2010; OLIVEIRA, 2009; SCHERER, 2004). E esta condição aumenta com a crise econômica vivida nos centros mais urbanizados como meio de ganhar a vida.

Destacamos que a OIT desmistificou a ideia de que trabalho informal é sinônimo de pobreza ou estratégia de sobrevivência dos pobres (NUNES, 2010; OLIVEIRA, 2009). Atualmente, é crescente a busca por inserção no mercado de trabalho mediante pequenos negócios. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é um dos responsáveis pela capacitação de pessoas que querem abrir seu próprio negócio.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), as Regiões Norte (30,6%) e Nordeste (29,3%) são as regiões que tem mais pessoas trabalhando por conta própria no Brasil. Sabe-se, que na Região Norte, mais precisamente em Manaus, a maior parte dos empregos no setor formal provém do Polo Industrial de Manaus. Quando são demitidos, os trabalhadores mais buscam por certas atividades como meio de ganhar a vida entre as quais,

As mulheres desenvolvem as mais diversas atividades, tais como corte e costura, peças íntimas femininas, fazem doces e salgados, lavam roupa para fora, vendem dindin (espécie de um gelado), produtos da Avon, jóias, lanches, churrasquinhos, peças de crochês e guardanapos que são vendidos nas feiras livres dos bairros. Observa-se ainda que algumas trabalhadoras saem para trabalhar deixando as responsabilidades domésticas com os maridos. Os homens preferem abrir pequenos comércios em suas próprias residências, com o dinheiro recebido das demissões (SCHERER, 2004, p. 136).

A autora diz ainda que raramente a inserção dos trabalhadores no mercado informal ocorre, na maioria das vezes, mais por falta de alternativa e raramente por opção (SCHERER, 2004), como se o mercado informal fosse a solução para alguém que não consegue emprego no mercado formal, já que a formalidade oferece muito

mais segurança em questão de salário fixo, férias, previdência social e outros direitos. Há de se entender ainda que a rotina do trabalho formal difere do trabalho informal.

Em nosso estudo de caso, alguns entrevistados, além de sua profissão registrada em carteira ou por conta própria, ainda preenchem seu tempo livre com outra atividade de trabalho para ganhar mais dinheiro, outros estão no mercado informal, como podemos ver no gráfico 8.

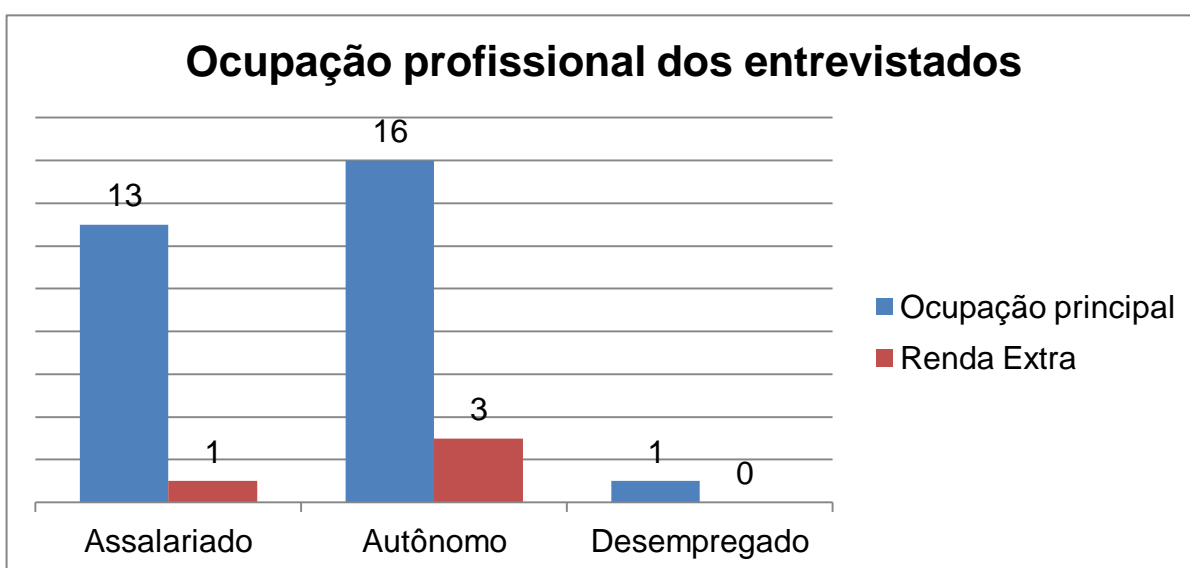


Gráfico 8 - Ocupação profissional dos entrevistados

Trabalham de carteira assinada 13 entrevistados e 16 estão no mercado informal como autônomos e 1 está desempregado. Quatro dos entrevistados tem na venda do papagaio de papel uma forma de ocupação profissional, seja eles assalariados ou autônomos. No caso da pessoa assalariada que tem uma renda extra, ela somente ajuda o marido nas vendas nos fins de semana pois durante a semana trabalha, cuida da casa e dos filhos.

Entre as ocupações que geram uma renda extra está o trabalho informal na mesma área ou em áreas diferentes da qual se trabalha formalmente, pois a informalidade é uma forma de aumentar a renda para o sustento da família. Além destas pessoas que estão empregadas no mercado formal, há outras que não

conseguem emprego ou não querem trabalhar de carteira assinada que investem neste ramo de trabalho.

Em nossa pesquisa registramos 16 pessoas que trabalham como autônomas: comerciantes, mototáxi, DJ, lutador, motoristas, empresário, publicitário e advogados. Na cidade de Manaus, estão entre os trabalhos informais: o comércio de rua de camelôs, guardador de veículos, carregadores, venda de água e café, venda de lanches, ambulantes, táxi-frete, venda de refeições, lojas, artesanato e muitas outras opções que variam de acordo com a situação financeira do trabalhador ao adentrar no mercado informal e uma delas é a venda de papagaio de papel.

Com a industrialização desse brinquedo, trabalhar com a venda se tornou mais atrativa devido aos valores que lhe é cobrado. Alguns entrevistados têm fábricas próprias a qual envolve toda a família em seu processo de criação.

meu filho caçula diz assim pra mim: '- pai, quando o senhor e a mamãe morrer, quem é que vai ser o dono dessa fábrica?' Aí eu digo: '- meu filho, se você quiser é sua, então você tem que procurar aprender'. Porque é uma coisa que se aprende. Eles todos sabem, graças a Deus. Eu tenho uns amigos fabricantes que nem todos os filhos gostam. Meus filhos estudam... tipo assim, eu não deixo meus filhos estarem tanto na rua, para se incentivarem eu não dou um salário mínimo pra eles mas toda semana eles ganham trinta a quarenta reais, então, eu incentivo eles a ser futuramente homens e mulheres trabalhadores, porque foi assim, nesse incentivo, que meus irmãos me incentivaram... 'mano, faz rabiola'... eu comecei como rabioleiro. Rabiola, rabiola, a semana todinha pra quando eles confeccionavam o papagaio, eles, no final de semana, iam só pra colocar a rabiola, né? E hoje eu incentivo meus filhos pra essa mesma função, porque ela (a filha) já sabe confeccionar um papagaio desse. Isso aí é tudo confecção delas. Eu faço mais a parte da fôrma, né? Que você tem que ter uma perfeição pra não sair 'penso', mas a área de cobrir... minha esposa cobre, elas cortam, viram a beira, elas fazem o peitoral (fragmento da entrevista de M. R., 39 anos)

Geralmente tais fábricas caseiras de papagaio de papel são passadas de geração para geração. Há quem prefira comprar e revender. Não que antigamente não fosse uma forma de trabalho, mas atualmente, pessoas estão deixando seus

empregos de carteira assinada em outro ramo e migrando para a venda de papagaio de papel.

Eu trabalhava de vigilante, sai do vigilante, aí fiquei na renda só do papagaio porque eu tava ganhando mil e quatrocentos por mês e eu ganho mais que isso em uma semana. Hoje eu ganho a vida no papagaio... Eu tenho um monte de loja, eu tenho loja no Colônia Antônio Aleixo, no Morrinho, Petrópolis, Lírio do Vale, aqui no Parque... (Fragmento da entrevista de F. S., 36 anos).

Este não é o único vendedor que disse que ganha muito dinheiro com a venda, mas como todo trabalho tem sua rotina, esse também é cansativo, mas pode ser menos rotineiro e num espaço de sociabilidade no qual, além de trabalhar, o indivíduo ainda pode interagir com o outro sem a sensação de estar infringindo as normas de um ambiente de trabalho formal. Os indivíduos que trabalham neste espaço vendendo papagaio delimitam o tempo para a prática do papagaio de papel e para a venda. Este fato é evidenciado pelos entrevistados que vão ao local para vender e a lazer, *“eu boto pra vender, né? Aí eu fico vendendo. E quando eu tenho um tempinho, que eu vejo que a venda tá mais fraca, eu boto a pipa no ar pra brincar”* (fragmento da entrevista de F. S., 35 anos).

Apesar de ser um mercado instável, trabalhar por conta própria e sem benefícios do governo, o trabalhador pode vivenciar a sociabilidade e ter flexibilidade para vivenciar a brincadeira através de um trabalho que lhe dá liberdade de fazer o próprio horário, trabalho *“todo dia. É vendendo e brincando ao mesmo tempo. É um trabalho divertido, to ganhando e me divertindo”* (Fragmento da entrevista de F. S., 36 anos).

Na sociedade contemporânea, os indivíduos não se satisfazem em trabalhar somente para ter o necessário para viver, como é o caso de algumas comunidades amazônicas afastadas dos grandes centros urbanizados, mas sim, optam por outro trabalho para lhe trazer mais dinheiro e assim poder gozar de seu pouco tempo livre

aprisionado pelo capitalismo. Há, por outro lado, aqueles que dispõem de seu tempo livre para ajudar, colaborar com o outro.

O trabalho agora não tem apenas valor econômico, mas sim talvez um sentimento de dignidade e de identidade, um meio de autoestima que o faz sentir-se importante nos objetivos da sociedade. Sua profissão, sua formação quase que substitui seu nome, nos remetendo à expressão popular “meu nome é trabalho”.

O tempo livre, aquele tempo liberto do trabalho como fonte principal de sustento do indivíduo ou da família, para Camargo (1998) é uma conquista das lutas sindicais, caracterizado pelo tempo que sobra das obrigações profissionais, escolares e familiares, englobando qualquer atividade de livre vontade, entre as quais está o lazer, que é a forma mais buscada para preenchimento deste tempo livre.

Para Elias e Dunning, o tempo livre, de acordo com a linguística, “é todo o tempo liberto das ocupações de trabalho.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 107), mas, segundo os autores, somente uma parte dele pode ser dedicada ao lazer. Estes autores propõem cinco esferas distintas que representam atividades executadas quando livres do trabalho ocupacional, esboçando um modelo denominado *Espectro do Tempo Livre*.

Dispostas desta forma, em algum momento podem acontecer junto uma com outras, confundindo-se, sobrepondo-se e fundindo-se entre si, combinando várias características, por exemplo: a sociabilidade pode ocorrer junto com o provimento das necessidades biológicas (comer/beber) ao sair para jantar fora, encontrar os amigos em um bar para beber ou comer etc, assim como as atividades miméticas ou jogo que proporcionam a sociabilidade das pessoas ao assistir a um jogo de futebol

no estádio, encontrar os amigos para jogar cartas ou empinar papagaio. Foi o que procuramos ilustrar através da figura 25:

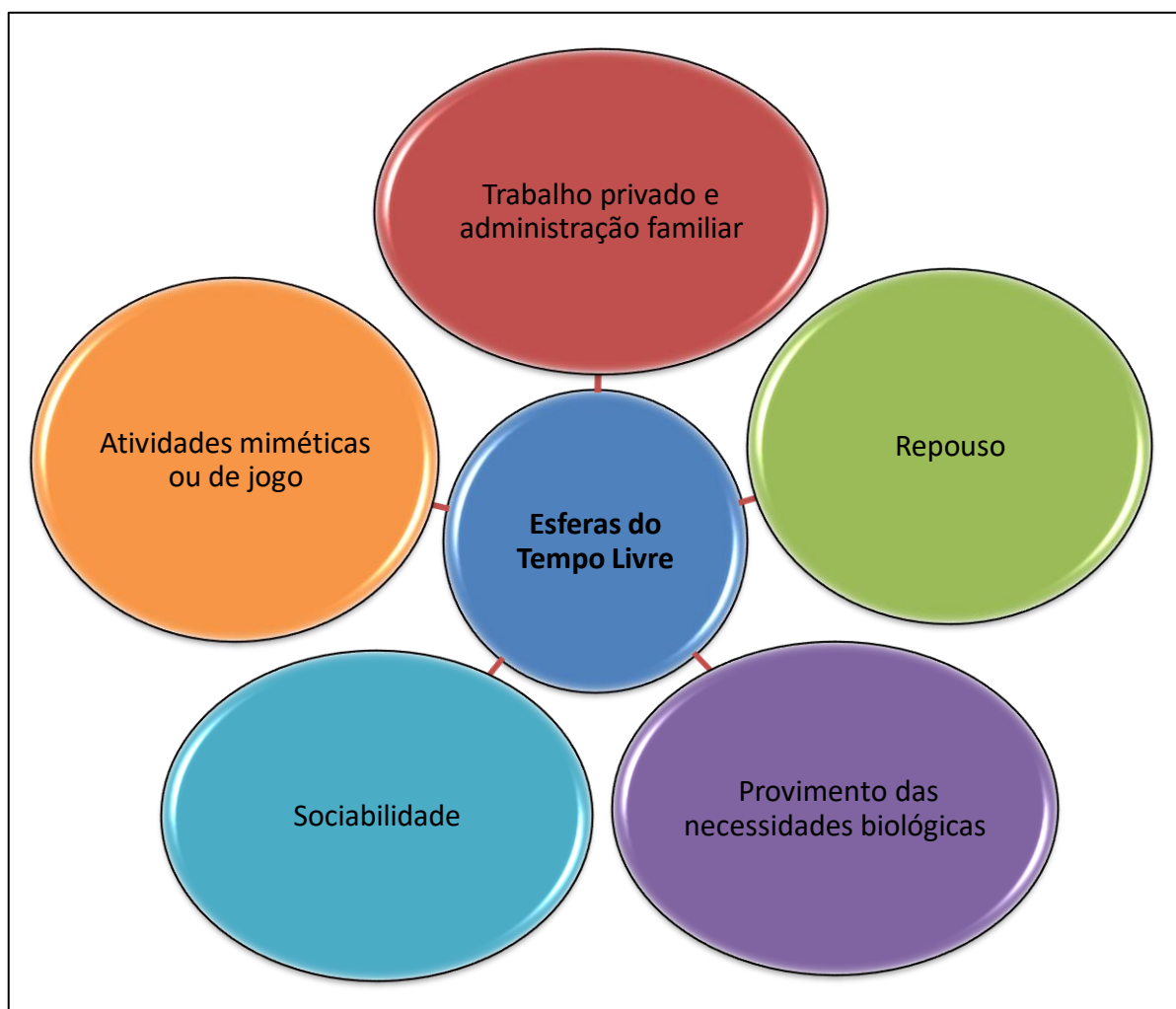


Figura 25 - Esquema das atividades de tempo livre a partir da proposta de Elias e Dunning (1992, p. 108)

Observando a figura, podemos perceber que parte do tempo livre acaba em ocupações, como podemos verificar nas definições:

- a) trabalho privado e administração familiar:** diz respeito às atividades domésticas, dentre elas, a provisão da casa, cuidar dos filhos, os planos para o futuro etc. É um tipo de trabalho da rotina da família que deve ser feito;
- b) repouso:** fumar, sentar-se, tricotar, futilidades sobre a casa, o não fazer nada, dormir, devaneios etc. Muitos consideram estas atividades como lazer, mas são claramente distintas quando comparadas ao grupo de atividades miméticas;
- c) provimento das necessidades biológicas:** todas as necessidades biológicas envolvidas em nosso tempo livre como beber, defecar, fazer

amor e dormir. São submetidas à rotina, visto que, mesmo saciadas as vontades, estas se despertam de novo;

- d) sociabilidade:** envolvem atividades relacionadas ao trabalho, tais como visitar os amigos ou colegas de trabalho, ou sair em uma viagem, em excursões ou ir a um bar, a um clube, a um restaurante etc. A sociabilidade no tempo livre varia de acordo com a sociedade a que o indivíduo se insere e;
- e) atividades miméticas ou jogo:** pertencem a esta categoria as atividades de lazer, as quais são diversas, tais como: ir a teatro, ao cinema, a espetáculos esportivos, caçar, pescar, jogar baralho, dançar, assistir televisão, escalar montanhas. São consideradas lazer, quer esteja o indivíduo como ator ou como espectador desde que não remunerada, pois se fossem remuneradas, deixariam de ser lazer e passariam a ser uma forma de trabalho.

Continuando com a leitura, veremos que Elias e Dunning (1992, p. 146-9) abordam o espectro do tempo livre apresentando-nos um grupo de classificação que indica os principais tipos de atividades de tempo livre nas nossas sociedades, a saber:

a) rotinas do tempo livre:

- provisão rotineira das próprias necessidades biológicas e cuidados com o próprio corpo;
- governo da casa e rotinas familiares.

b) atividades intermediárias de tempo (formação, auto-satisfação e autodesenvolvimento):

- trabalho particular (não profissional, é voluntário);
- trabalho particular (não profissional, para si próprio, sério, com frequência);
- trabalho particular (não profissional, para si próprio, menos exigente, mais ligeiro);
- Atividades religiosas;
- Atividades de formação de caráter mais voluntário, menos controlado e com frequência de caráter acidental.

c) atividades de lazer:

- atividades pura e simplesmente, sociáveis;
- atividades de jogo ou miméticas;
- miscelânea de atividades de lazer menos especializadas, com o caráter vincado de agradável destruição da rotina e com frequência multifuncional.

Diante desses grupos de atividades, existem as atividades mais rotineiras voltadas ao suprimento das nossas necessidades biológicas e cuidar da casa e da família, as atividades intermediárias voltadas para a caridade, ações sociais, estudo,

*hobbies*³¹, leitura de jornais e outros, e ainda as atividades de lazer. Tais atividades são

obscurecidas pela tendência para equacionar o tempo livre enquanto actividades de lazer: algumas actividades de tempo livre têm o carácter de trabalho, ainda que constituam um tipo que se pode distinguir do trabalho profissional; algumas das actividades de tempo livre, mas de modo algum todas, são voluntárias; nem todas são agradáveis e algumas são totalmente rotineiras. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 149)

Por exemplo, uma mulher que trabalha como diarista chega em sua casa para desfrutar de seu tempo livre, mas neste tempo disponível para si, tem que cuidar de sua casa e dos filhos. Ela não receberá mais dinheiro por isso, mas é igualmente rotineiro quanto seu trabalho. Desta forma, para saber as características das atividades de lazer, tem-se que considerar não apenas as relações do indivíduo com o trabalho profissional, mas também as relações dele com as atividades de tempo livre ou de não lazer. Por exemplo, sabemos que a profissão de nenhum de nossos entrevistados é ser empinador de papagaio, assim, saberemos que quando ele estiver empinando papagaio, ele estará fugindo de sua rotina profissional que o trabalho impõe.

3.3 O Lazer no usufruto do tempo livre

Lazer é uma palavra originada na forma infinitiva latina de *licere*, que significa “ser permitido, isto é, ser lícito escolhe a maneira de o aproveitar” (MEDEIROS, 1971, p. 4), mas “nem todas as línguas modernas dispõem de termo equivalente ao *licere* latino” (CAMARGO, 1998, p. 33).

Segundo Marcellino (2006), o lazer passou a fazer parte do repertório de publicações dos pensadores sociais do século XIX, a partir da chamada “sociedade

³¹ É uma forma de passatempo, algo que se goste muito de fazer, que pode, a nosso ver, muitas das vezes confundir-se com uma atividade de lazer, por ser uma atividade realizada no tempo livre. Porém, devido ao grau de rotina que esta pode gerar, não a consideramos uma atividade de lazer principalmente porque ela pode ainda tornar-se um modo de ganhar dinheiro.

industrial”. Em 1880, foi publicado o primeiro manifesto em favor dos operários: O Direito à Preguiça, de Lafargue.

Em um dos trechos deste manifesto exemplifica com “Jeová, o deus barbudo e rebarbativo, forneceu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal; depois de seis dias de trabalho, repousou para a eternidade.” (LAFARGUE, 2003, p. 21), remetendo ao que foi abordado anteriormente, quando se reivindicava por menos horas de trabalho e folgas aos domingos, anunciando como surgiria e funcionaria o lazer moderno.

As reflexões sobre o lazer são recentes, passando a ser estudado sistematicamente nas sociedades capitalistas ou socialistas somente a partir dos anos 50. No Brasil, os primeiros estudos surgiram no final do século XIX e meados do século XX (1891-1969), nos quais se discutia “a preocupação com o adequado preenchimento das horas de lazer dos trabalhadores” (PEIXOTO; PEREIRA, 2010, p. 268).

A literatura é repleta de produções sobre jogos, brinquedo e brincadeiras e orientações de como aproveitar melhor o tempo livre do trabalho. Nas décadas de 20, 30 e 40 há uma forte política de recreação voltada à ocupação e educação de menores e à ocupação do tempo livre do trabalhador, pois

Na década de 60, encontramos 21 trabalhos publicados, sendo 13 de Ethel Bauzer Medeiros relativos a reedições de manuais de acervos de jogos (1960), elementos para o planejamento da recreação pública municipal (1960, 1961, 1964), papel do educador no planejamento da recreação pública (1961), infância e literatura (1967). Também deparamo-nos com o trabalho de Lelia Iacovo publicado pelo SESI e cujo título é Ensaio de Recreação (1960); o manual clássico de Ruth Gouvêa: Recreação (1963); o trabalho de Vicente Ferreira da Silva: Ócio versus trabalho (1964); a terceira edição do Manual de educação física, jogos e recreação (1966), de Mauro S. Teixeira & Júlio Mazzei; o trabalho de J. C. de Oliveira Torres: Lazer e cultura (1968); o clássico de Maria Junqueira Schmidt, Educar pela Recreação (1969); o clássico de Renato Requiza, As dimensões do lazer (1969) (PEIXOTO, 2007, p. 109).

Apesar de nesta época, no Brasil, já existirem estudos sobre o lazer, é de se pensar o porquê da década de 70, que compreende ao segundo ciclo (1968-1979)

ser considerada como marco do início dos estudos do lazer no Brasil. Uma das respostas é que nesta década de 1970 que esses estudos se desenvolvem e se consolidam, principalmente “quando emergem grupos, laboratórios, pesquisas, livros, teses, eventos etc. [...]. Destaca-se, neste período, a criação de dois centros, o Celazer, em São Paulo, no ano de 1970, e o Celar, em Porto Alegre, no ano de 1973.” (MASCARENHAS, 2005, p. 4-5).

O estabelecimento de um marco para a consciência social sobre a problemática do lazer no Brasil, segundo Peixoto (2007) foi idealizada por Renato Requixa, que embora tenha reconhecido a existência de trabalhos publicados sobre o lazer nas décadas de 50 e 60 estabeleceu como marco para a problemática do lazer o ano de 1969 no “Seminário sobre Lazer – Perspectiva de uma sociedade que trabalha”.

Anos mais tarde, aconteceu o 1º Encontro Nacional de Lazer – Cultura, Recreação e Educação Física, organizado pelo Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Social da Indústria (SESI), no Rio de Janeiro, em 1975 (BICKEL, 2013). Segundo Bramante (2006), o sociólogo francês Joffre Dumazedier veio ao Brasil nos anos de 1970 e 1980.

Convidado por Renato Requixa, Joffre Dumazedier participou do Encontro e, juntamente com Luís Octávio de Lima Camargo e o próprio Requixa, produziram três volumes iniciais da Série Lazer. Sendo assim, o que de fato justifica a disseminação do conceito de Dumazedier no Brasil é o SESC, pois ele “influenciou a produção de conhecimentos sobre o lazer no Brasil, em especial durante os anos 70” (BICKEL, 2013, p. 19). O SESC

[...] volta-se principalmente para a formação do pessoal que atua nas várias unidades dos SESC espalhados pelo Brasil, mas suas produções são enviadas para as Bibliotecas Universitárias. Compunha os Cadernos de Lazer uma secção nomeada Bibliografia, na qual eram listados os principais trabalhos produzidos no exterior sobre a temática (PEIXOTO, 2007, p. 123).

Desta maneira, no Brasil, deve-se a essa instituição a difusão do conceito de lazer de Dumazedier. Para ele, o lazer é

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1973 p. 34).

Para Dumazedier (1975) *apud* Delgado (2003), o lazer possui conteúdos culturais que são divididos em cinco áreas de interesses: manuais, intelectuais, sociais, físico-esportivos e artísticos. Um sexto conteúdo é acrescentado: o interesse turístico, no qual se busca a quebra da rotina temporal ou espacial, além do contato com novas paisagens e culturas. Seguindo os passos de seu orientador Joffre Dumazedier no Doutorado em Paris, conceitua o lazer como “a forma mais buscada de ocupação desse tempo livre, seja para se divertir, seja para repousar, seja para autodesenvolver por meio da conversa, leitura, do esporte etc” (CAMARGO, 1998, p. 33).

Segundo Mascarenhas (2005), a teoria hegemônica do lazer-atitude pregado pelo SESC e SESI, trata o lazer não como apenas algo lúdico onde o trabalhador podia alegrar-se, mas algo disciplinador e compensatório onde ele recuperaria as forças para o trabalho, negando as atividades que expressassem hábitos e modos de vida não relacionados ao trabalho. É o que percebemos atualmente, por exemplo nos serviços de ginástica laboral nas empresas, onde os trabalhadores são levados a fazer alongamentos e atividades recreativas não apenas para recreá-los mas para compensar as energias e voltarem mais dispostos ao trabalho, e ainda prevenir doenças, beneficiando principalmente a empresa por não ter prejuízos com afastamento por doença dos empregados.

Para Marcellino (2006), em decorrência destes conceitos de lazer difundidos pelo SESC e SESI, grande parte da população associa o lazer à atividade

recreativa, justamente por essa visão do lazer como recreação. Fatores como a mídia, a denominação de órgãos públicos, segundo ele, contribuíram para a formação de uma visão limitada e parcial das atividades de lazer.

Para esse autor, o lazer surgiu como resposta às reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado do trabalho mesmo que fosse apenas para reposição das energias, sendo o lazer:

[...] a cultura, compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. É fundamental como traço definidor, o caráter desinteressado dessa vivência. Ou seja, não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio (MARCELLINO, 2004 *apud* MARCELLINO, 2007, p. 11).

O ócio é entendido nesse conceito como o não fazer nada, descansar, dirigindo-se a um lazer compensatório, ou seja, a função de repor as energias “gastas” no trabalho através do descanso. Através da teoria de Elias e Dunning (1992) vemos que os autores não consideram que o lazer tenha uma função, principalmente ao relacionar o lazer ao trabalho. Para eles, o lazer não é compensador do trabalho, “ninguém deve aceitar a afirmação tradicional de que a função das atividades de lazer se destina a permitir que as pessoas trabalhem melhor” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 141).

Eles conceituam o lazer como a busca de um descontrolado das emoções, uma ocupação escolhida livremente no seu tempo livre e não remunerada, escolhida, sobretudo, porque é agradável a si mesmo e desobstruído de obrigatoriedade. O lazer não é um meio de atingir determinado fim, pois tem um fim em si mesmo, ou seja, o lazer não é o responsável por compensar as horas trabalhadas, relaxar o indivíduo, mas sim, gerar novas tensões. Tendo o lazer um fim em si mesmo, é neste momento em que as pessoas buscam por emoções diferenciadas da sua rotina.

Surge assim a questão: Se as pessoas buscam descansar ou relaxar do trabalho, por que é que elas procuram o lazer? Elias e Dunning (1992, p. 142-3) questionam: “se as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas se procuram ver livres, porque é que no seu tempo de lazer elas voltam sempre a procurar uma intensificação das tensões?”. Isto é, por exemplo, se uma pessoa opta por uma atividade física, no momento da atividade, ela poderia sim esquecer os problemas de sua rotina, mas o lazer é breve e, no dia seguinte, ela estaria relaxada mentalmente (numa visão dicotômica do corpo – corpo e mente), porém, com dores musculares tardias em decorrência do ácido láctico (MATOS, 2015), frustrada por ter perdido uma partida de jogo ou visto seu time de futebol perder ou ainda, no papagaio de papel

quando eu brinco... Tem dia que eu brinco demais, aí vou até... Tanto é que eu não uso proteção não. Pra ti ver como fica meus dedos, tem época que passa uma semana pra sarar porque eu não gosto de proteção. Ainda tem marcas, olha! Tocou, é só sangue (Fragmento da entrevista de L. F., 50 anos).

Nossa reflexão é fortalecida por Matos (2015) que nos remete a essa mesma situação ao fazer uma análise dicotomizada na qual ele analisa o uso do tempo livre, onde indivíduos, após trabalhar, praticam principalmente o futebol como lazer. Ele analisa a rotina de indivíduos sedentários que em seu tempo liberto das obrigações pratica atividades que exigem capacidades físicas diferenciadas das vividas em sua rotina e,

É provável que a vida rotineira – trabalho, família – implique em uma situação que comumente denominamos de *estresse*. Após, no seu tempo livre, buscar o renovar das emoções, o indivíduo chega em seu ambiente mais leve, desestressado, porém as dores musculares lhe são pertinentes (MATOS, 2015, p. 121).

O autor sugere a visão dicotômica corpo e mente para compreender que o corpo pode estar fadigado e cansado, mas o sistema nervoso central faz com que o

indivíduo se sinta “desestressado, mais leve, fluente e equilibrado” podendo a pessoa se sentir bem com as emoções renovadas mesmo com dores musculares.

Desta forma, seria o lazer um direito social ou uma necessidade humana? No Brasil, muito se tem discutido sobre isso. No percurso histórico, ele se coloca como um direito social garantido constitucionalmente sob duas perspectivas do estado: “A primeira coloca o lazer no campo de atividades de consumo, isto é, como mercadoria. A segunda aponta para o entendimento do lazer qual direito social público” (DIAS; FONSECA, 2011 p. 21).

Enquanto mercadoria, o lazer é tomado como um produto com valor financeiro, ou seja, para usufruir determinadas atividades em seu tempo livre, se tem que pagar. Na maioria dos casos, essas atividades de lazer são consideradas “elitistas”, isto é, para poucos que podem pagar através do dinheiro de seu trabalho, como a viagem em cruzeiros, jogar golfe, saltar de paraquedas, viagens em transatlânticos e hospedagens em *resorts*.

Através do lazer, muitos países, estados e cidades, veem no lazer uma oportunidade ganhar dinheiro. No Amazonas o lazer contribui para mover a economia dos municípios sendo o foco principal de seus governantes. Muitas pessoas deslocam-se para o local do evento de lazer para trabalhar, ou seja, enquanto muitas pessoas se divertem, outras têm que trabalhar para que o lazer ocorra.

Segundo Matos (2015), a força do marketing dos sessenta e dois municípios do Amazonas está no lazer e não no trabalho, o que se expressa principalmente através das festas³², tais como: festas folclóricas, festas religiosas ou festas de algo

³² Algumas festas são listadas por Matos (2015, p. 108), a saber: “Barreirinha promove a Festa do Caju; Maués destaca-se pela Festa do Guaraná e Festival de Verão; Itapeçu, a Festa do Peixe-Liso; Jutai, a Festa da Sardinha; Barcelos, a Festa do Peixe Ornamental; Presidente Figueiredo, a Festa do Cupuaçu; Rio Preto da Eva, a Festa da Laranja; Itacoatiara, o Festival da Canção; Coari, Festa da

relacionado à produção de destaque no município. Em razão disso, muitas pessoas vêm do mundo todo para vivenciar o lazer através principalmente do turismo e do ecoturismo.

Só em 2014, o estado recebeu mais de 50.032 mil turistas³³ oriundos de vários países principalmente no período da Copa do Mundo FIFA³⁴ no Brasil (junho a julho de 2014), na qual Manaus foi uma das cidades-sede e recebeu quatro jogos válidos pela primeira fase da competição (14, 18, 22 e 25 de junho). Só a título de ilustração para percebermos quanto o lazer é capaz de movimentar a economia de uma cidade, este megaevento esportivo tornou-se opção de lazer e oportunidade de trabalho para muitos no mundo todo.

Por exemplo, enquanto os jogadores profissionais estão em campo jogando (trabalho), a plateia assiste e renova suas tensões (lazer). Por trás deste espetáculo, havia milhares de pessoas trabalhando para que tudo desse certo naquele ambiente de jogo, do pessoal da segurança ao pessoal limpeza. Do outro lado, mais precisamente do lado de fora deste espaço, outros indivíduos estavam ganhando dinheiro (trabalho) aproveitando-se do evento. Por exemplo, donos de bares com seus estabelecimentos lotados e com a televisão ou telões transmitindo as partidas ao vivo; telões espalhados nos pontos turísticos da cidade também movimentando o comércio através de bebidas e comidas; vendedores de adereços, apitos, buzinas e camisas das seleções etc; ou pessoas que se reuniram em casa para assistir a

Banana e do Gás Natural; Manacapuru, Festival de Cirandas; São Gabriel da Cachoeira, Festival Cultural das Tribos Indígenas; Tefé, Festival da Castanha; Autazes, Festa do Leite; Codajás, Festa do Açaí; Parintins, a Festa do Boi-Bumbá”.

³³ Dado verificado no Anuário Turístico de 2015 do Ministério do Turismo, que informa a quantidade de turistas que chegaram ao Brasil pelo Amazonas por via aérea, terrestre e marítima. Dado aumentado em decorrência de um mega evento de lazer, a Copa do Mundo de Futebol que teve Manaus-AM como uma das cidades-sede dos jogos. Fonte: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/anuario/downloads_anuario/Anuario_Estatistico_de_Turismo_2015_-_Ano_base_2014_-_Pdf.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.

³⁴ Fédération Internationale de Football Association (Federação Internacional de Futebol).

transmissão dos jogos pela televisão e fizeram compras de alimentos e bebidas no comércio local para este momento de sociabilidade.

O mesmo acontece nas festas típicas das cidades do interior do Amazonas. Tiremos mais um exemplo: o Festival Folclórico de Parintins, conhecido mundialmente. Todos os anos pessoas se reúnem para preparar o espetáculo dos Bois Caprichoso e Garantido. Há pessoas que trabalham na confecção das alegorias, outros dançando ou cantando (artistas principais) e recebem dinheiro por isso, isto é um trabalho. Há também outras pessoas que participam tocando instrumentos e dançando em grupo e que não recebem dinheiro por isso e que considerem sua participação um lazer. Também é um trabalho, não é lazer.

Para Matos (2015), que por intermédio do lazer tenta reaproximar o homem da natureza, mostra não só o lado romântico dessa esfera, mas adverte o fato de que em busca de emoções prazerosas, como ocorre nos bois bumbás e outros eventos miméticos no Amazonas, os momentos de lazer compartilhados por muita gente mancha o ambiente. Esse manchar o ambiente é percebido no lixo e dejetos depositados, na poluição sonora e visual, etc.

Segundo Elias e Dunning (1992) trata-se de um trabalho particular voluntário realizado no tempo livre, ou seja, por mais que não seja um trabalho profissional, a pessoa utiliza seu tempo livre do trabalho para passar horas ensaiando para que a coreografia ou o som dos instrumentos saiam como combinado, nada pode dar errado. E se no fim a pessoa não tiver mais vontade de participar, ela prejudicará os outros do grupo, já o que o trabalho é em função de outras pessoas. Se fosse lazer, ela poderia decidir se iria ou não e se ela não fosse, ninguém sairia prejudicado, pois o lazer é em função de si mesmo. No fim, para aqueles que trabalham recebendo ou

não por isso, não é lazer, mas sim é lazer para quem assiste e gasta as economias do mês por um breve momento.

Muitas pessoas deslocam-se de seus municípios para as festas em outros para trabalhar. Os exemplos citados anteriormente propiciam isso. Ao seguir leitura vamos entender que esse processo do trabalho ocorre em torno do lazer. Segundo o autor,

[...]. Enquanto muitos indivíduos se apropriam de seu tempo livre para usufruírem do lazer, outros trabalham para aumentar a renda da família com as barracas de churrasco, mototáxi, sorveteria, barraca de jogos, vendedores ambulantes, barracas de bebidas, [...]. Nessa relação de interdependência, muitos gastam suas economias em busca de emoções prazerosas e outros, de alguma forma, ganham esse dinheiro (MATOS, 2015, p. 108).

Esta realidade se mostra nos municípios do Amazonas, mas não basta somente trabalhar, tem que especializar, o que o autor aponta o lazer como uma esfera colaborando na diferenciação social no Amazonas, colocando o amazônida, conhecedor dos rios e florestas, na condição de um indivíduo a apresentar sua região aos de fora. A mão de obra especializada é cada vez mais requerida pelas pessoas cada vez mais exigentes que vão em busca do lazer, principalmente no que diz respeito ao conforto e à segurança.

Apesar de o lazer ser extremamente breve, o trabalho não é (ELIAS; DUNNING, 1992). O trabalho continua e deixa um legado, mesmo que seja um legado na economia do município. Nesta relação do trabalho com o lazer, há de se considerar as muitas opções de lazer que geram emprego e renda registrada em carteira como é o caso dos shoppings, bares e restaurantes, hotéis de lazer, etc. outras opções de lazer, além disso, também movimentam o mercado informal.

Já o lazer como um direito social está presente na Constituição Brasileira (Cap II, Art. 6º, 1988) e, conseqüentemente, na Constituição de cada Estado da Federação como reconhecimento da conquista desse direito e,

que para que isto se concretize é necessário que a população perceba o lazer como algo pertinente à sua vida, perceba-o não como algo a ser consumido, mas vivenciado a partir de princípios da liberdade, autonomia, criatividade e do prazer (DIAS; FONSECA, 2011, p.24)

Segundo Bahia e Lima (2011, p. 31) “o lazer está estabelecido em lei como um direito social e é dever do poder público garantir a execução de políticas que, efetivamente, consigam cumprir com este papel”. A execução se dá por meio de políticas públicas dando mais opções de lazer à sociedade, segurança e acessibilidade.

Cheibub (2015, p. 203) acredita que “a concretização do direito social ao lazer está atrelada diretamente à qualidade de vida do cidadão”, sendo o lazer tão importante quanto os outros direitos como saúde, educação, alimentação, habitação etc. A realidade no Brasil é a precariedade dos direitos dos cidadãos, então, como garantir que todos terão direito ao lazer? Como garantir o direito ao lazer ganhando um salário mínimo que só dá para custear suas necessidades vitais básicas e de sua família? É aí que entram as muitas opções de escolhas por atividades para realizar no tempo livre.

O lazer como necessidade e como um direito social estão imbricados, tendo-se um tempo para usufruir dele. As opções de atividades são infinitas, mas na maioria das vezes, por o lazer ser tratado como mercadoria uma atividade é escolhida por ser aquela que você pode pagar no momento.

Após a escolha realizada, tal atividade, principalmente as miméticas ou de jogo como visto na figura 23, é capaz de fazer o indivíduo “experimentar em público a explosão de fortes emoções.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 112), um tipo de excitação que não abala a ordem social se não perder o controle. Uma vez que o aumento das tensões é tido como um ingrediente essencial em todos os tipos de

divertimento de lazer, onde o riso, ao qual os autores se referem, impede-a de se tornar excessiva, já que ele seve como uma válvula de segurança.

Devemos considerar que “todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as atividades de tempo livre são de lazer” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 145). Nas atividades de lazer, segundo Elias e Dunning, o indivíduo tem em si mesmo a referência, elas proporcionam, dentro de certos limites, emoções e estas são agradavelmente estimuladas em certo período de tempo, uma divertida excitação que pode ser experimentada em público, partilhada com outros e desfrutada com aprovação social e boa consciência.

De acordo com Medeiros, depois de atendidas as necessidades de sobrevivência – ou satisfação das necessidades biológicas para Elias e Dunning (1992) – e cumpridas as obrigações, cada pessoa utiliza seu tempo livre “a seu modo, de acôrdo com um estilo de vida pessoal e segundo os costumes do grupo a que pertence. [...], tais preferências refletem com clareza nossas escolhas individuais.” (MEDEIROS, 1971, p. 4). Segundo a autora, as atividades vivenciadas no lazer não dependem exclusivamente de atitudes pessoais, mas também, determinada atividade pode refletir tanto a personalidade do indivíduo quanto as preferências de atividades que o grupo cultural dele valoriza.

Dentre conceitos apresentados, há algo em comum: a ocupação do tempo livre com atividades realizadas de livre e espontânea vontade, que não são remuneradas e proporcionam excitação agradável, gerando tensões diferenciadas daquelas vividas no dia-a-dia do não-lazer. Portanto, tanto homens quanto mulheres se apropriam de parte de seu tempo livre em momentos de lazer.

4 TRANÇA NO AR, EMOÇÃO COM OS PÉS NO CHÃO

Presente em muitas culturas do mundo, o papagaio de papel é intercultural e pela teoria do lazer vemos que sua prática tem significado cultural para o indivíduo, ou seja, uma atividade de lazer só é praticada por ele se esta lhe proporcionar emoções diferenciadas, dessa forma, a atividade ganha espaço e isso faz com que ela perdure por algum tempo, podendo até passar de geração para geração. Assim,

Há fenômenos que a geração mais nova considera parte do “passado” e que para os mais velhos continuam fazendo parte do “nosso tempo”, não só porque os mais velhos ainda recordam pessoalmente esses fenômenos mas sobretudo porque eles ainda fazem parte de sua cultura (HUIZINGA, 2014, p. 217).

Desse modo, a ligação do papagaio de papel com quem o pratica é explicada pela noção de pertencimento e memória. O primeiro termo, segundo Pieper, Behling e Domingues (2014), remete ao ato de pertencer, do qual deriva a palavra pertencimento e, segundo as autoras, é necessário ao ser humano pertencer e se identificar com um grupo, pois “somente pelo sentido do pertencimento, os indivíduos podem reconhecer-se unidos por uma crença subjetiva de origem comum, numa coletividade”, compartilhado símbolos que expressam valores, medos e aspirações. Este sentimento de pertencimento faz com que um patrimônio cultural imaterial, como o papagaio de papel, enquanto Bem Cultural³⁵ seja preservado, remetendo-nos ao segundo termo: Memória.

Este termo, por sua vez, é

a imagem viva de tempos passados ou presentes. Os bens, que constituem os elementos formadores do patrimônio, são ícones repositórios da memória, permitindo que o passado interaja com o presente, transmitindo conhecimento e formando a identidade de um povo (CARTILHA, 2008, p. 13).

³⁵ Bem Cultural ou Bem “é tudo aquilo que testemunha ou registra as realizações que se referem à vida das pessoas de uma comunidade ao longo de sua história. O maior valor de um Bem Cultural está na sua capacidade de guardar e preservar importantes lembranças da história. Estas lembranças nos permitem perceber e estabelecer a identidade entre as pessoas e os lugares onde vivem” (NEVES, 2004, p. 14).

Ela não é apenas individual, pois pode ser também coletiva,

formada pelas lembranças, heranças e/ou elementos que constituem a cultura de uma determinada comunidade, ligada por um mesmo passado, e é ela que nos permite compreender quem somos, quem eram nossos antepassados, e como surgiram e se desenvolveram as cidades (NEVES, 2004, p. 9).

Assim justifica-se o fato do papagaio ser visto de maneira diferenciada por quem nunca o praticou, pois não há esta sensação de pertencimento com o Bem. Ao serem indagados se achavam que o papagaio é visto de maneira estigmatizada pela sociedade, obtivemos os seguintes resultados (ver gráfico 9):

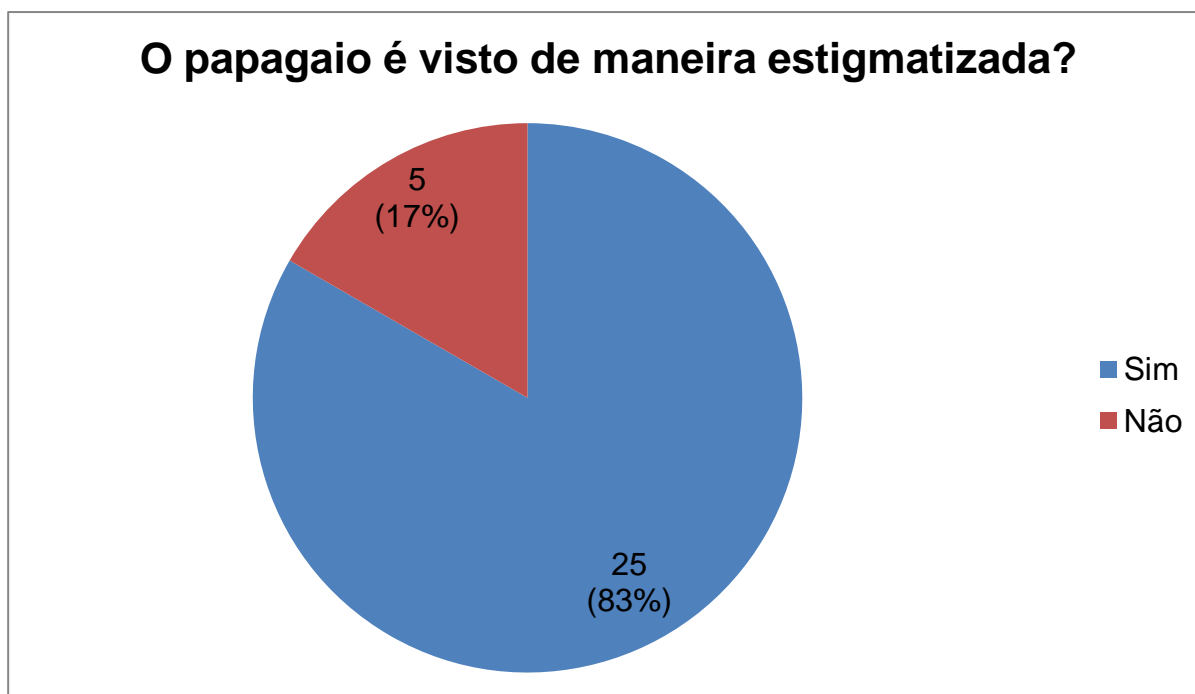


Gráfico 9 - Percentual de entrevistados que acham que o papagaio é visto de maneira estigmatizada pela sociedade

Para 83% dos entrevistados, o papagaio é visto de maneira estigmatizada e isso é atribuído por eles a alguns fatores tais como: acidentes por ele causados, preconceito contra o lazer e principalmente pela falta de pertencimento e memória pois, “(...) *muita gente não conhece, não brinca, não conhece ninguém que brinque já fala mal. E quem brinca sabe como é que é a brincadeira e quem já brincou parece que esqueceu*” (Fragmento da entrevista de T. R., 25 anos).

A importância cultural não recebe a devida atenção por quem não pertence ou nunca pertenceu ao grupo que empina, logo, o papagaio não faz parte de sua cultura. Por vezes, é possível presenciar no dia a dia comentários e julgamentos de alguém de fora do grupo a respeito de determinada atividade, seja ela relacionada à dança, arte, música, sexo, religião, trabalho ou mesmo lazer. Nem todos os seres humanos praticam as mesmas atividades e tem relação de memória, identidade ou pertencimento com elas.

Por exemplo, em Manaus, qual é o sentimento de que um indivíduo tem em relação ao Encontro das Águas se nunca ele viu pessoalmente o local? Em relação ao Teatro Amazonas? Em relação ao Mercado Municipal Adolpho Lisboa? E em relação ao seu bairro? Com certeza, se ele nunca visitou nenhum desses lugares, nenhum deles terá significado em sua cultura.

A cultura toma força através da teoria do lazer, onde ele se apropria de atividades pertencentes à cultura para a quebra da rotina. Muitas vezes, essa cultura traz para a nossa cultura novos elementos de outras culturas, mas tais elementos só sobreviverão se adquirirem significado para nós, como é o caso do *Halloween* ou Dia das Bruxas que é celebrado no dia 31 de outubro em países como os Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, e em outros países, mas de forma bastante tímida como é o caso do Brasil. Com relação a uma data próxima, que é o Dia dos Finados, segundo Batista (2016), “não se vê a mesma expressividade para comemorar o Dia das Bruxas. É muito comum ter manifestações dessa data em clubes e algumas casas noturnas, mas nada muito significativo”.

Por ser um lazer e não adquirir significado cultural para alguns grupos, o *Halloween* pode ser praticado e sumir com o passar do tempo por não ter significado na cultura. Na tentativa de atribuir um sentido maior à data, foi instituído no Projeto

de Lei 2.762 de 2003 que o dia 31 de outubro seja o Dia do Saci e seus amigos, algo que de fato pertence à nossa cultura, no entanto, pouco divulgado.

Para que um elemento da cultura possa ser usufruído no lazer de um indivíduo, além de haver incentivo através de políticas públicas, ele tem que proporcionar emoções diferenciadas, prazerosas. Seja um passeio ao museu, assistir a apresentações folclóricas ou mesmo participar como atuante dentro da própria manifestação cultural, tais atividades são buscadas por proporcionar emoções.

No papagaio, não é diferente. O que sustenta sua prática parece não ser somente o desejo de querer mantê-lo na cultura ou transmiti-lo para a posteridade, mas também porque ele proporciona emoções. É um querer empinar papagaio todo dia, no sol na chuva, na lama, no quintal, na laje, assim como outras atividades culturais.

4.1 Qual a emoção em empinar papagaio?

Neste tópico abordaremos a busca da excitação no lazer com base em Elias e Dunning (1992), que amparados no processo civilizador³⁶ que aumentou o controle social e o autodomínio da emoção exagerada na sociedade, desta forma, quanto mais desenvolvida é a sociedade, maior é o controle e o autocontrole dos indivíduos sendo menos frequentes explosão de emoções principalmente em público e os que não se controlam, segundo os autores, podem ser conduzidos a um hospital ou prisão.

³⁶ Segundo Proni (2008, p. 495) “O processo civilizador reflete, em poucas palavras, o desenvolvimento de normas de conduta social que inibem tanto as agressões físicas como as demonstrações espontâneas de sentimentos, conformando hábitos culturais “civilizados” e padrões de relacionamento que são internalizados pelos indivíduos e reproduzidos quase automaticamente”.

Quanto mais seriedade na vida de um indivíduo, maior é o grau de rotina, o controle que ele tem que ter, mais frios e insensíveis. É através do lazer que vai se quebrar a rotina, ser permitido explosão de fortes emoções em público desde que com aprovação social.

Elias e Dunning chamam a atenção para a produção ou renovação de tensões, mas uma tensão de um tipo agradável a qual eles denominam tensão-excitação que é a peça fundamental do lazer e é ela quem ditará o grau de interesse por uma atividade, seja como ator ou espectador, pois “se esta tensão, se o tónus do jogo se torna demasiado fraco, o seu valor enquanto facto de lazer diminui. [...]. Se a tensão se torna demasiado elevada, pode proporcionar bastante excitação” (1992, p. 137). Essa última pode representar riscos se perder o controle, saindo, desta forma, da esfera mimética (aproximação do real) para a não mimética.

Ao empinar papagaio, um indivíduo pode encará-lo como algo que lhe faz bem, “*O papagaio é uma terapia. Ele tira o estresse, é divertido [...] Se tu tá estressado, com a brincadeira passa, aqui tu grita, tu brinca, quando tu corta aí a alegria é dobrada*” (Fragmento da entrevista de A. S., 31 anos), pois “as actividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas rotinas habituais da vida” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 137).

Transcrevemos a seguir algumas falas de nossos entrevistados: “*é uma pipoterapia, entendeu? É como se fosse uma terapia. Isso é uma coisa que a pessoa faz e se sente bem. Só quem pratica sabe o quanto é gratificante, entendeu? Sair daqui oh... Se sente leve, leve...*” (Fragmento da entrevista de C. S., 35 anos), “*é arte e lazer. É um prazer inenarrável. O papagaio na realidade tira o estresse, só de você está olhando, vendo as tranças já tira o estresse*” (Fragmento da entrevista

de R. A., 47 anos), “*é alegria, não tem nem comparação. É como ganhar na mega sena, eu acho... É uma emoção sem comparação*” (Fragmento da entrevista de S. M., 42 anos).

Através desses relatos é possível compreender o quanto o lazer pode contribuir para renovar as emoções através do papagaio de papel, pois o indivíduo que se põe a empinar este brinquedo, além de socializar com o outro, renova suas emoções, mesmo que no outro dia, por exemplo, esteja com dores musculares na região cervical advindas de muitas horas de hiperextensão do pescoço por ficar olhando para o céu, ou ficar com os dedos cortados da linha. No final, ele se sente bem, pois o lazer pode provocar excitação agradável.

Esse tipo de excitação, nas atividades de lazer, está relacionado ao risco presente em tais atividades. É um elemento que, na maioria das vezes, proporciona prazer. As atividades de lazer

Integram um tipo peculiar de risco. São capazes de desafiar rigorosa ordem da vida rotineira das pessoas sem colocar em perigo os meios de subsistência ou o seu estatuto. Permitem às pessoas tornar mais fáceis ou ridicularizar as normas da sua vida de não lazer, e todos o fazem sem ofender a consciência ou a sociedade. Envolvem “brinca com as normas” como um “brincar com o fogo”. Por vezes, vão longe de mais (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 151).

Para ilustrar, apontamos algumas

atividades de risco como uma forma de “jogo liberado com a morte”. São emblemáticos, neste caso, o base jump (salto de uma altura mínima necessária para a abertura do pára-quedas), a escalada solo (praticada sozinho e sem utilização de nenhum equipamento), o esqui extremo (realizado fora das pistas convencionais e asseguradas). (MARINHO, 2008, p. 188)

Em alguns países, essas práticas são proibidas devido ao altíssimo índice de mortes de seus praticantes³⁷. Buscadas principalmente pela incerteza do resultado e pelo risco que há nelas, quando as atividades não oferecem mais riscos, ou seja, quando tão alto o nível de segurança ou regras, podem diminuir a satisfação e logo

³⁷ Disponível em: <http://www.areah.com.br/cool/esportes/materia/30294/5/pagina_2/b-a-s-e-jumping.aspx>. Acesso em: 28 nov. 2016.

a desinteresse em participar. Isso pode estar relacionado à rotina, pois essa emprega um elevado nível de segurança à atividade.

Segundo Elias e Dunning (1992, p. 160) “as atividades de lazer podem perder a sua função de destruição da rotina” devido a sua repetição ou através de um controle rígido podendo causar a perda da excitação agradável deixando de proporcionar a sensação de insegurança, a expectativa do arriscado e do inesperado, a tensão e a excitação da ansiedade.

Marinho (1998, p. 188) nos atenta que embora muitas pessoas “considerarem a palavra risco negativamente, ela também é associada à busca de resultados positivos” e são esses resultados positivos que fazem as pessoas encararem os riscos como desafios e não como um perigo.

4.2 O cerol permeando as emoções

No papagaio, enquanto atividade de lazer, também há riscos. Ao olharmos do ponto de vista dos riscos negativos, percebemos em nosso estudo de caso, que os acidentes estão implícitos na brincadeira, desde que haja cerol, seja para quem pratica ou para quem passa pelo local como demonstrado no gráfico 10.

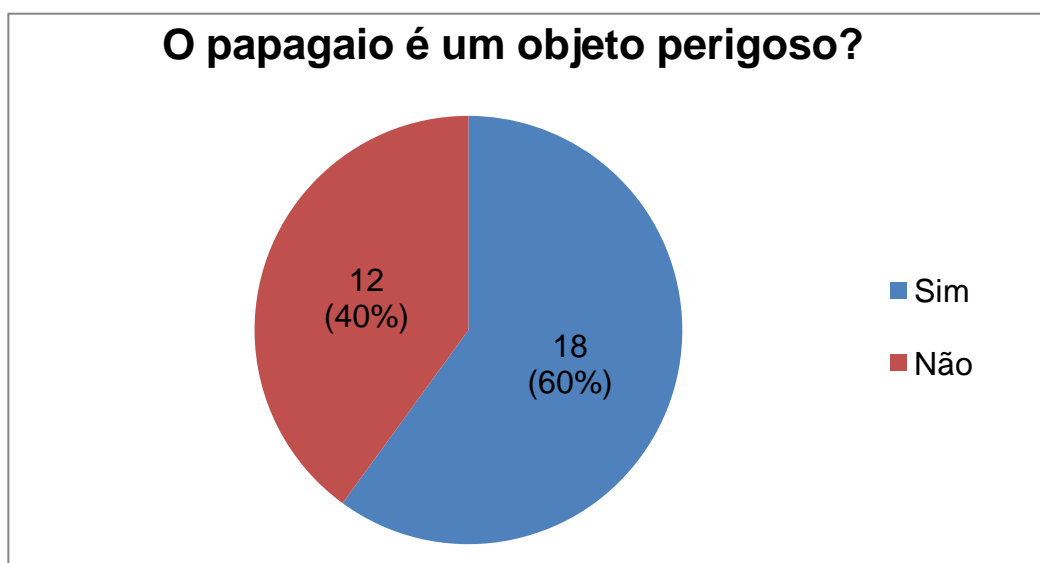


Gráfico 10 – Você considera o papagaio é um objeto perigoso?

Ao serem indagados se consideram o papagaio perigoso, 12 informantes responderam que não consideram o papagaio perigoso, mas acreditam não ser perigoso quando praticado com segurança: *“Não. Não considero desde que tenha o local apropriado e você faça as normas de segurança, não é um objeto perigoso”* (Fragmento da entrevista de F. S., 35 anos), *“ele só se torna perigoso, no caso, em áreas que são impróprias para execução do mesmo”* (Fragmento da entrevista de F. G., 58 anos).

A maioria dos entrevistados considera perigoso, principalmente por causa da linha com cerol e por não existirem locais apropriados para a prática.

Tudo é perigoso. Tanto o papagaio quanto a prática de você brincar no meio da rua. Se você não tiver um cuidado, você se machuca. É os carros, os motoqueiros, não é questão de você cortar as pessoas, é de você tá de costa e devido a trança, você não saber onde você tá e o carro lhe bater... É complicado, né? Isso varia também em qualquer tipo de esporte que você pratique. Então você tem que ter muito cuidado. Por isso que hoje, a questão da associação é verificar isso, os lugares (M. R., 39 anos).

Por ser uma atividade da cultura popular, é praticada em qualquer local, o que aumenta o risco de acidentes devido ao tráfego de veículos em meio aos indivíduos que empinam papagaio.

A nossa brincadeira é muito interessante. O grande problema da nossa segurança é o motoqueiro que não usa antena. Se todo motoqueiro usasse antena pra se proteger, evitaria muito acidente. A linha sem cerol, ou com cerol, ou qualquer coisa que caia na frente do motoqueiro e ele com velocidade causa acidente. O motoqueiro tem que ter prudência. Se ele tivesse a antena, a própria antena cortaria a linha. Hoje a antena é primordial pra evitar acidentes (Fragmento da entrevista de R. A., 47 anos).

Ao indagarmos nossos entrevistados se eles já presenciaram algum acidente empinando papagaio, a maioria relatou que não presenciou, mas já sofreu algum acidente. O mais citado foi um acidente considerado normal da brincadeira: cortar o dedo, *“É normal, é da profissão!”* (Fragmento da entrevista de E. F., 45 anos).

Esse tempo que eu tô aqui, há quatro anos que a gente vende aqui nesse ponto, mano, graças a Deus, ainda não vi um acidente aqui. Sabe, cortar dedo é normal. Todo mundo corta dedo. Pegou na linha de cerol, vai cortar os dedos. Mas o acidente mesmo aqui... não quando eu era adolescente que eu brincava com linha de cerol de vidro, meu irmão, no outro dia eu não

conseguia nem ir pra escola com o dedo todo cortado, não conseguia nem segurar a caneta (Fragmento da entrevista de M. R., 39 anos)

Segundo Ladeira *et al* (2012), a maioria das lesões decorrentes do cerol acometem a própria pessoa que o manuseia seja durante a confecção da linha ou ao empinar papagaio. Para evitar esse tipo de acidente, os empinadores utilizam esparadrapos nos dedos para proteger dos cortes (ver figura 26), “*só cortei o dedo porque eu não estava com o esparadrapo no dedo, mas é normal da brincadeira*” (Fragmento da entrevista de D. P., 25 anos).



Figura 26- Equipamento de proteção dos empinadores de papagaio

Fonte: registro de campo (ago. 2005)

Outro tipo de acidente citado foi o atropelamento: “*O carro já me bateu. Tenho três costelas fraturas só de papagaio. Eu fui correr e o carro me bateu, a segunda vez a moto me bateu, cabeça quebrada de pular e cair no bueiro...*” (Fragmento da entrevista de S. M., 19 anos).

eu já presenciei assim mais por ser peralta de mais, né? mas assim papagaio em si... agora eu te digo uma coisa, sem medo de errar: eu ainda não conheci uma pessoa mais fome do que eu. Tudo o que você possa imaginar já aconteceu comigo já de papagaio. Vixe Maria, tudo quanto é tipo de queda eu já tive, papai do céu foi muito bom comigo... de árvore, de telhado, de muro... pra ti ter uma ideia, eu já quebrei os braços quatro vezes o direito e três vezes o esquerdo, teve uma época que eu quebrei os dois de uma vez. Tem um muro ali no Barão do Rio Branco, no colégio, ele é bem fininho, eu corri ali com maior naturalidade e teve um dia que eu apaguei.

Eu caí, e só acordei com os dois braços engessados (Fragmento da entrevista de L. F., 50 anos).

Outro acidente citado foram às quedas, estas são na maioria das vezes resultantes da falta de atenção durante a brincadeira,

um colega meu que caiu da laje. Assim, é ter mais atenção, porque se aconteceu com ele que tava próximo de mim, podia ter sido comigo. Eu já quase passei por isso, por falta de atenção eu ia caindo da laje. É melhor brincar assim. É porque às vezes você tá aqui e vai colhendo, colhendo, pensar que não, você tá no meu da rua. Aí o carro vem e bate (Fragmento da entrevista de S. C., 58 anos).

Quanto a acidentes graves com morte de outras pessoas, segundo alguns entrevistados, não se tem relatos na cidade de Manaus,

Desde desse período que eu tenho de idade, eu nunca vi, eu nunca presencie uma fatalidade aqui em Manaus, graças a Deus. Eu nunca vi, eu nunca vi uma fatalidade aqui não. Infelizmente colocaram outro dia na mídia que teve uma fatalidade, mas não foi aqui. Colocaram inclusive fotos e é triste porque tentaram denegrir a imagem da pipa. Porque na verdade o intuito da gente não é esse. Realmente, eu, particularmente nunca vi e nem quero ver (Fragmento da entrevista de J.P., 40 anos).

Todavia, acidentes acontecem sem vítimas fatais na maioria das vezes por excesso de velocidade e o não uso da antena de proteção do motociclista. Ladeira *et al* (2012) atribuem à velocidade de deslocamento e a velocidade do vento a causa de graves lesões em motociclistas, que na maioria das vezes ocorrem na região cervical e podem levar a óbito.

Um acidente que teve, um tempo desse, não foi aqui, foi na Zona Leste, que cortou um pedaço do pescoço, aí fomos lá. Aí ele falou que não foi ninguém na rua, que veio "quedando" e ele falou que vinha "chutado" sem capacete. Fui lá ver o que tinha acontecido e ele disse que tava errado, ele mesmo confirmou que tava errado e que estava sem a antena de proteção (...) A gente ouviu falar que já houve morte em Manaus por causa de acidente de moto, nada a ver isso! É outra coisa (Fragmento da entrevista de F. S., 36 anos).

Diante disso, ressalta-se a importância da instalação da antena de proteção nas motocicletas a fim de evitar acidentes de graves proporções além de um local apropriado para empinar papagaio como registrado na Lei. Verifica-se que o maior perigo da brincadeira do papagaio de papel está na linha abrasiva, seja com cerol ou outra substância cortante.

Graças a Deus aqui no nosso estado não há morte por linha de pipa. Já houve alguns acidentes mais graves sim, não sou “alesado” de não falar que não tem. Mas grave com morte nunca teve. Às vezes me ligam de madrugada pra dizer que um cara se acidentou com linha lá não sei onde e eu digo ‘rapaz, não posso fazer nada’ (Fragmento da entrevista de F. S. 35 anos).

O cerol “é uma mistura artesanal de cola e vidro moído que é adicionado às linhas da pipa” (LADEIRA *et al*, 2012, p. 408). Com o avanço tecnológico até no papagaio, essa mistura artesanal tornou-se ainda mais eficiente em sua versão industrializada resultando na linha chilena e outras que utilizam óxido de alumínio ou óxido de silício em sua composição.

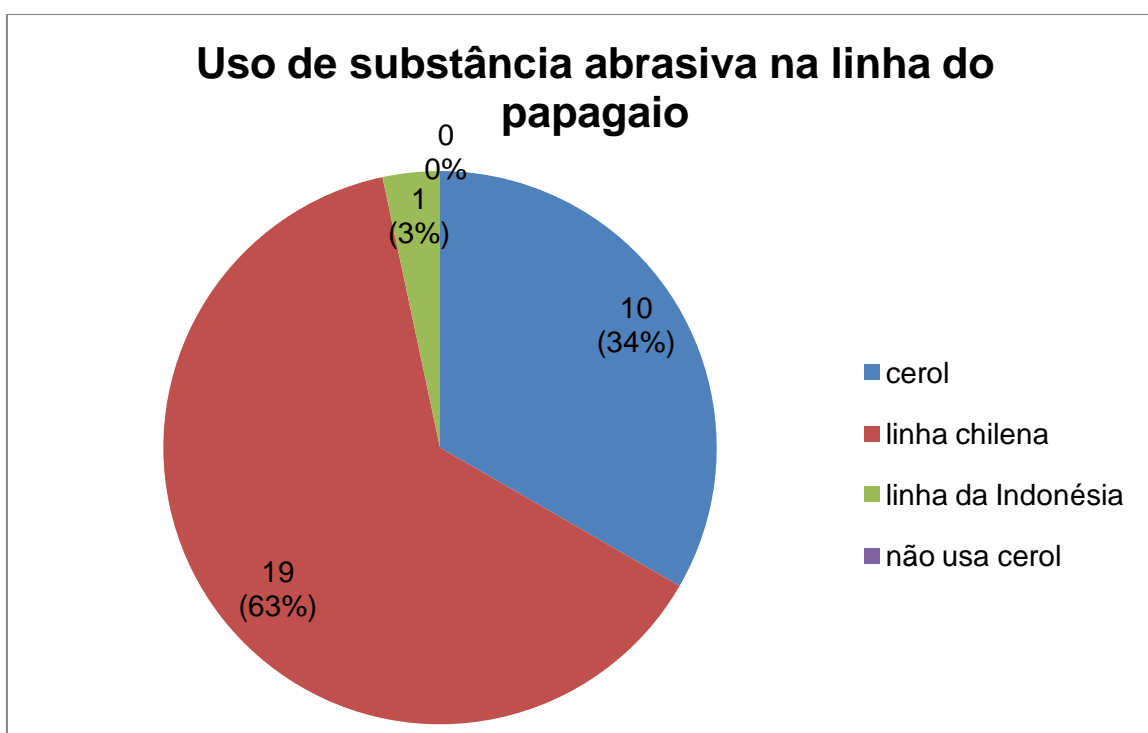


Gráfico 11 - Uso de substância abrasiva na linha

O gráfico 11 demonstra que todos os informantes utilizam substâncias abrasivas nas linhas, seja cerol artesanal ou industrializado, como é o caso da linha chilena. Somente um indivíduo afirmou usar linha da Indonésia³⁸, uma linha altamente resistente e perigosa, feita de fibra sintética, ou seja, nylon.

É forte... igual anzol. É um pouquinho mais salgadinha que a chilena. Um tubinho assim é cem conto... Aqui só brinca em bairro eu com essa. Aqui o

³⁸ Disponível em: <<https://fotosdepipa.blogspot.com.br/2011/11/kalong-33-linha-para-pipas-da-indonesia.html>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

pessoal é fome. Uma dessa daí oh, destrói logo quando tá levantando e pode correr... (Fragmento da entrevista de T. R., 25 anos).

O cerol permeia as emoções no papagaio, sem ele

...não tem graça, a pipa voa toda hora. Aí, o quê que eu sou contra aqui? A gente começou essa pipa do outro lado (do igarapé) justamente pra linha cair no rio, só que a galera ó, prá lá já tá cheio. Tem gente que não vê o risco. Então, o papagaio em si não é perigoso, mas sim a linha. Em área segura ela é inofensiva. (Fragmento da entrevista de E. F., 45 anos).

Assim, como medida de segurança primordial, cabe à prefeitura do município designar as áreas e delimitá-las para pipódromos o mais breve possível colocando a Lei n. 341 em prática, já que ela não saiu do papel desde sua publicação em 24 de abril de 2013 como meio de proteção aos pipeiros e à sociedade como um todo.

Desde muitos anos, eu cresci nessa brincadeira. Acho que não pode acabar. O que eles tem que fazer é criar um local apropriado pra essa brincadeira. Só isso. Assim a gente ia brincar longe de carro, de motocicletas... Eu acho que os governantes poderiam olhar um pouco pra esse lado aí, porque são várias pessoas, inclusive tem pais de família que vivem disso aí. É uma tradição antiga que vem de muitos anos... Até Chico da Silva ele canta uma canção assim que ele fala "daquele tempo de menino... rodar pião, papagaio...". Então, assim, não pode acabar. É uma tradição que não pode acabar. Eles tem que criar um local apropriado pra gente". (Fragmento da entrevistas de J. J., 45 anos)

Até que o pipódromo não saia do papel, listamos as medidas de segurança apontadas pelos entrevistados:

- a) Empinar papagaio em áreas próprias (pipódromos)
- b) Sempre estar atento e avisar aos outros quando a linha estiver caindo;
- c) Sempre empinar papagaio em áreas seguras, longe de fios e trânsito intenso de veículos;
- d) Proteção nos dedos;
- e) Sinalização do local;
- f) Uso de antenas em motocicletas.

Seguindo as medidas de segurança, a prática do papagaio de papel pode se fortalecer ainda mais e continuar a ser passada de geração para geração sem sofrer graves sanções como a proibição da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, podemos identificamos o perfil dos empinadores de papagaio de papel sendo adultos que se apropriam de seu tempo livre das ocupações profissionais, escolares e familiares ora para usufruto o lazer, ora para atividades laborais que, apesar de informais, lhe proporcionam renda extra.

A percepção do empinador é que ele se vê estigmatizado por aqueles que o observam, adjetivando-o como um indivíduo que não trabalha, “vagabundo”, “malandro”, “marginal” etc. Em nossa pesquisa, mostrou-se o oposto, isto é, é no tempo liberto de suas ocupações profissionais que vemos a presença do empinador de papagaio. É um trabalhador que busca no papagaio fugir de suas rotinas diárias, em busca de emoções prazerosas.

O papagaio de papel enquanto parte do folclore brasileiro precisa ser preservado pois, como mostramos aqui através da revisão e dados da pesquisa de campo, o papagaio de papel é mundialmente praticado por conta de sua transmissão de geração para geração. Dessa forma, como parte do folclore brasileiro, faz jus ser preservado.

No entanto, o preenchimento dos espaços públicos como praças, parques, campos, com prédios e postes de energia elétrica por exemplo, juntamente com o crescimento populacional e a maior presença de transeuntes levaram o papagaio de papel, dados os seus materiais aqui discutidos, ser considerado um problema social por provocar acidentes, prejuízos à rede elétrica, em casos graves, a provocar acidentes fatais.

Em decorrência, de uma visão unilateral, verificamos que o papagaio de papel, devido aos problemas supracitados, vem sendo ameaçado, no sentido de ser proibida sua prática. No entanto, verificamos in lócus que a segurança na prática

dessa brincadeira é, hoje, mais do que antes, condição de essencialidade para sua continuidade.

Este trabalho se concentrou em entender o papagaio de papel como um lazer de adultos, mas a sua prática também está no cotidiano de crianças e adolescentes. Constatamos através do relato dos entrevistados que o papagaio já não está mais tão presente no cotidiano de seus filhos ou parentes ainda em idade infantil, pois as crianças de hoje tem novas formas de brincar, preferem outros brinquedos mais modernizados e informatizados.

Observando esse “enfraquecimento” do papagaio no ambiente da criança hoje, podemos inferir um declínio na prática da brincadeira culturalmente construída que refletirá na fase adulta, considerando os dados obtidos nesta pesquisa em que, maior parte dos adultos que brincaram de papagaio na infância, o usufruem no seu tempo livre hoje seja como modo de ganhar a vida através do trabalho informal ou do lazer.

No entanto, preocupados com essa ameaça da eliminação do papagaio do contexto sociocultural, da cultura, diante aos perigos decorrentes dele, ratificamos que sua prática com regras e espaços estabelecidos pode continuar a existir sem que cause acidentes.

Concluimos que o papagaio de papel, seja brinquedo ou brincadeira, é culturalmente praticado ao longo das gerações, e isso é sustentado ao proporcionar prazerosas emoções e sociabilidade no usufruto do lazer.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, Larissa Christinne Melo de. *et al.* Os Igarapés na Cidade de Manaus: uma dupla visão. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), 6., 2012, Belém. **Anais...** Belém: UFPA 2012. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT14-948-806-20120630202318.pdf>>. Acesso em: 13 de maio 2015.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza. v. 7, n.2, p. 479-500, set. 2007.

BACOCINA, Eliane Aparecida; RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann. Uma viagem da história da infância às histórias de vida, a partir da obra "jogos infantis" de Pieter Brueghel. **Anais VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação**: Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de história da educação. 17 a 20 de abril de 2006. Uberlândia -MG

BAHIA, Mirleide Chaar; LIMA, Paulo César de. Acessibilidade e Inclusão Social nas Políticas Públicas de Lazer. In: SOARES, Artemis *et al.* (org.). **Diagnóstico do Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira** – o existente e o necessário/ Artemis Soares, Almir Liberato, Paulo César de Lima, Adriane Corrêa da Silva e José Cardoso (Organizadores) – Manaus: Edua, 2011.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. **Guia para normalização de teses e dissertações.**/ Célia Regina Simonetti Barbalho, Suely Oliveira Moraes. Manaus: UFAM, 2003.

BATISTA, Rafael. "**Halloween no Brasil**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/halloween/halloween-no-brasil.htm>>. Acesso em 18 de outubro de 2016.

BICKEL, Marcia Cristina Pinto. **O Serviço Social do Comércio e a produção de conhecimentos sobre o lazer no Brasil: década de 1970**. 2013. Orientador: Victor Andrade Melo. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

BRAGA, Robério dos Santos Pereira. **Papagaio de Papel**. Manaus: Fundação Lourenço Braga, 1997.

BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer: cidades e regiões. In: DACOSTA, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

BRASIL. **Consolidação das leis do trabalho**. Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a consolidação das leis do trabalho. Brasília, DF, 19 dez. 2000.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm>. Acesso em: 30 mar. 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 out. 2014.

BRASIL. Lei nº10.097, de 19 de dezembro de 2000. Altera os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível em: <http://www.fazenda.sp.gov.br/legislacao/codec/docs/leifed10-097_2000.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2015.

BRASIL. Lei nº 2.762, de 2003 (apensado ao projeto de lei federal nº 2.479, de 2003). Institui o dia 31 de Outubro como o Dia do Saci e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/189684.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

BRUHNS, Heloísa Turini. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, Célia. **A educação pelas pedras** – ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000.

CABRAL, Arthur Simões Caetano. A sociedade do século XVI e a pintura renascentista flamenga: análise iconográfica e iconológica da obra Jogos Infantis de (1560), de Pieter Bruegel. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, a. 5, Jun.-Ago, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35655/38375>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998. 160 p. (Coleção Polêmica).

CARTILHA **Patrimônio histórico**: como e por que preservar. Coordenação de: Nilson Ghirardello e Beatriz Spisso; colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria [et al.]. -- Bauru, SP: Canal 6, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª Ed. – edição ilustrada – São Paulo : Global, 2001.

CAVALCANTE, Antônio. O direito ao lazer das mulheres: Na perspectiva do Direito do Trabalho e dos Direitos Humanos, e à luz do livro Um teto todo seu, de Virginia Woolf. **Revista Jus Navigandi (online)**. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/43068/o-direito-ao-lazer-das-mulheres>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CHEIBUB, Bernardo Lazary. As contribuições da produção científica para o entendimento do lazer como direito social. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.). **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015. (Coleção Educação Física e esportes).

CHIZZOTTI, Antonio. A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, pp. 221-236, 2003.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Entrevista a Maria Serena Palieri; tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

DELGADO, Mônica. **Conteúdos culturais do lazer: presença e aplicabilidade na hotelaria**. 2003. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DIAS, Douglas da Cunha; FONSECA, Zaira Valeska Dantas da. Esporte e Lazer como necessidade Humana: inflexões. In: SOARES, Artemis et al. – (org.). **Diagnóstico do Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira** – o existente e o necessário/ Artemis Soares, Almir Liberato, Paulo César de Lima, Adriane Corrêa da Silva e José Cardoso (Organizadores) – Manaus: Edua, 2011.

DOS SANTOS, Santa Marli Pires (Org.). **Brinquedoteca: a criança, o adulto o lúdico**. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. Ed. Perspectiva S. A. 1973, São Paulo.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Ltda., 1992.

TEIXEIRA, Fabiane Castilho; LARA, Larissa Michelle. Brincadeiras populares em Candido Portinari: descrições de uma arte educativa. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 696-710, jul./set. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/viewFile/14928/12072>>. Acesso em: 20 out. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa** dicionário. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Ed. 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIANNOTTI, Vito. **História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauax X, 2007.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GUERRA, Vera Lucia. **Temporada de Brincadeira**. Orientação Tizuko Morchida Kishimoto. São Paulo: s.n. 2009. Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação. Área de concentração: História da Educação e Historiografia). Faculdade de Educação a Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, Ana Paula. **A educação da mulher**: uma proposta do jornal "O sexo feminino". 2006. Monografia. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de São João Del Rey. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/monografias/educacao.pdf>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

GURGEL, Núbia Irailde Fernandes; OLIVEIRA, José Ademir de. Moradias em áreas inundáveis: as intervenções do PROSAMIM em Manaus – zona oeste. **Anais do II encontro da sociedade brasileira de sociologia da região norte 13 a 15 de setembro de 2010**, Belém (PA). Disponível em: <<http://www.sbsnorte2010.ufpa.br/site/anais/ARQUIVOS/GT16-187-84-20100908192435.pdf>>. Aceso em: 28 dez 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

IBGE, 2013. Pesquisa **Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAID Contínua)**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/analise04.shtm>. Acesso em: 1 mar. 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LADEIRA, Roberto Marini *et al* . Epidemiologia dos acidentes provocados por linhas com cerol: estudo de vítimas atendidas em hospital de trauma em Belo Horizonte, Brasil. **Rev Bras Epidemiol** 2012; 15(2): 407-14. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rbepid/v15n2/18.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 26ª reimpressão, 1986.

LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris (Org.). **Semiótica Russa**. São Paulo: Cultriz, 1997.

MALACRIDA, Priscila Lomas; MACHADO, Dalmo Roberto Lopes. Retrospectiva do lúdico: Consequências da Revolução Industrial sobre a temática lazer e trabalho. **Revista Multidisciplinar da UNESP Saber Acadêmico**, São Paulo, n. 6, dez. 2008.

MANAUS. Lei 341/2013. Cria o Pipódromo no âmbito do município de Manaus. Diário Oficial do Município. 29 de abril de 2013, n. 3157.

- MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Papiros, 2007.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Sociedade: Múltiplas Relações**. Campinas: Editora Alínea, 2008.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 4ª. Ed., Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção educação física e esportes).
- MARINHO, Alcyane. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 181-206, maio/agosto de 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/5756/3364>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I**. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 2v.
- MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. 2005, 308 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em:< <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000359432&fd=y>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus: Editora Valer/ Fapeam, 2015.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer. **O Lazer no Planejamento Urbano**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. De publicações, 1971. (cadernos de administração pública. Administração geral, 82).
- MELLO, Thiago de. **Arte e Ciência de Empinar Papagaio**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MESQUITA, Otoni Moreira. Cartilha para civilizar. **Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas**, a. 9, n. 2, jul./dez. 2009. Manaus: Edua/Capes, 2009.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Turístico de 2015**. Ano Base 2014, volume 42. Fonte: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/anuario/downloads_anuario/Anuario_Estatistico_de_Turismo_2015_-_Ano_base_2014_-_Pdf.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Papagaio de papel**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2010.
- MORAIS, Maria de Lima Salum e. **Conflitos e(m) brincadeiras infantis: diferenças culturais e de gênero**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-14092012-111249/>>. Acesso em: 7 jun 2014.
- MOTA, Vanderlan Santos. **A atividade física e o meio ambiente: complexo poliesportivo da Ponta Negra em Manaus**. Dissertação (Mestrado em Ciências do

Meio Ambiente). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA da Universidade Federal do Amazonas. 2002.

NEVES, José Alberto Pinho. **Memória**: Conhecer para preservar. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004.

NUNES, Talita Camila Gonçalves. A discriminação em relação ao trabalhador informal. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 73, fev 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7139>. Acesso em: 01 mar. 2016.

OLIVEIRA, Marcio André Araújo de. **Trabalho Informal e Redes Sociais**: os camelôs da Praça da Matriz em Manaus. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas. 2009. Disponível em: <http://ppgsocio.ufam.edu.br/attachments/024_M%C3%A1rcio%20Andr%C3%A9%20Ara%C3%BAjo%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2016.

PADILHA, Valquíria. Trabalho e Gestão de Pessoas – O que o lazer tem a ver com isso? In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Sociedade**: Múltiplas Relações. Campinas: Editora Alínea, 2008. cap. 2. (Coleção Estudos do Lazer)

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. **Estudos do lazer no Brasil**: apropriação da obra de Marx e Engels. Campinas, SP: [s.n], 2007. Orientador: José Claudinei Lombardi. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campina, Faculdade de Educação. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9725/1/Tese%20Doutorado%20Elza%20Peixoto.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. Primeiro ciclo dos estudos do lazer no Brasil: contexto histórico, temáticas e problemáticas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 267-288, abr/jun de 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10706/8931>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

PEREIRA, Mirna Feitoza; SILVA, Márcio Alexandre dos Santos; BARROS, Taissa Dias. Palafitas de Manaus: relações entre natureza e cultura no espaço da cidade. **Somanlu Revista de Estudos Amazônicos**, a. 11, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/520/348>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

PIEPER, Daniela da Silva; BEHLING, Greici Maia; DOMINGUES, Gabriella Domingues. Pertencimento, patrimônio e meio ambiente: um diálogo necessário para a sustentabilidade. **Revista DELOS**: Desarrollo Local Sostenible, n. 21 (outubro 2014). Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/delos/21/pertencimento.html>>. Acesso em: 22 out. 2016.

PINTO, Tatiane de Oliveira e LOPES, Maria de Fátima. Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez**

juv [online]. 2009, vol.7, n.2, pp. 861-885. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v7n2/v7n2a12.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2013.

PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS. **Histórico do PROSAMIM**. 2012. Disponível em: <<http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/historico-do-prosamim>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

PRONI, M. W. A Contribuição de Elias e Dunning para o Estudo do Lazer. In: Simposio Internacional Proceso Civilizador, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 494-500.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos; ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 16, Nº 163, Diciembre de 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd163/uma-historia-do-futebol-feminino-brasileiro.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

RIBEIRO, Darcy. **Testemunho**. 2. ed. São Paulo: Edições Siciliano, 1991.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações**, v. 14, n.1, p. 218-236, Jan/Jun. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3358/2741>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

ROJAS, Jucimara Silva; DA SILVA, Neidi Liziane Copetti; SERPE, Ellen Carolina Ott. O Brincar em Ambientes Coletivos: Reflexões a Partir dos Relatos das Crianças. **Anais VI Congresso Paulista de Educação Infantil**. Eixo: Tempos, espaços, relações e infâncias: bases epistemológicas. 2012. Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14628.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2013.

ROSSIN, Antonio Carlos. **PROSAMIM Um programa de melhoria ambiental com inclusão social no centro da Amazônia IGARAPÉS DE MANAUS – AMAZONAS – BRASIL**. 2008. Disponível em: <<http://prosamim.am.gov.br/wp-content/uploads/2012/04/estudo-de-caso-prosamim.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

SCHERER, Elenise Faria. Desemprego, trabalho precário e des-cidadanização na Zona Franca de Manaus. **Somanlu Revista de Estudos Amazônicos**, v. 4, n. 1, 2004.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Eстера Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Lúcia Isabel da Conceição. **Papagaio, pira, peteca e coisas dos gêneros**. – Belém: UFPA, 2006. 288p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, 2006. Disponível em: <<http://ufpa.br/led/documentos/teselucia.pdf>>. Acesso em: 1 abr 2014.

SORBA, Juliana Cristina Somini; ISQUERDO, Aparecida Negri. **Designações para papagaio de papel: um estudo geolinguístico**. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2006_g/textos/017.htm>. 2006. Acesso em: 29 ago. 2014.

SOUZA, Joise Simas de; MATOS, Gláucio Campos Gomes de. “Papagaio, Pipa, Cometa, Volantín...”: Opção de Lazer Intercultural na Panamazônia. **Anais I Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Amazônia (I SIS Cultura)**. 2014.

SOUZA, Leno José Barata. Os Flutuantes Antes da “Cidade Flutuante”. **Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos**, v. 1, n. 1, p. 105-126. jun. 2011.

TAYLOR, Edward B. **Primitive culture [electronic resource]**: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art and custom. 3 ed. Revisada. 1891. Vol 1. Disponível em: <<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=aeu.ark:/13960/t56d6qx83;view=1up;seq=1>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

UNESCO. (2003). **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO. ———. (1998). Decisions adopted by the Executive Board at its 155th session (Paris, 19 October-5 November 1998; Tashkent, 6 November 1998) [online]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

VILLANOVA, Simone. Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz; NORONHA, Nelson Matos de (Orgs.). **A Amazônia dos Viajantes: história e ciência**. Manaus: EDUA, 2011.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLECK, Aimoré. O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. **Revista de Divulgação Técnico-científica do Instituto Catarinense de Pós-graduação**. Santa Catarina, 2002. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev01-05.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2014.

YAMAZATO, Ken. **Engenheiro de Pipas: o invasor dos ares**. São Paulo: Paulo's Comunicação. 2005.

Apêndices

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome: _____ (não será revelado na pesquisa).

Homem Mulher Idade: ____ Bairro em que mora: _____

Transporte utilizado para chegar ao local: _____

- 1) O senhor veio aqui a trabalho ou ao lazer? Por quê?
R:
- 2) Por que escolheu vir para este local empinar papagaio?
R:
- 3) Em quais horários o senhor costuma empinar papagaio? Quantos dias por semana?
R:
- 4) O senhor trabalha? Qual a sua profissão? Qual seu horário de trabalho? Quantos dias por semana? O senhor empina papagaio antes ou depois do horário do trabalho? Por quê?
R:
- 5) Quantos anos o senhor tinha quando empinou papagaio pela primeira vez? Alguém lhe ensinou a empinar papagaio? Quem? O senhor lembra como era o espaço? Era grande e livre de carros? Tinha poucas casas no local?
R:
- 6) O senhor poderia nos dizer (descrever) como era soltar papagaio quando o senhor era criança/adolescente e o que como é agora? Mudou alguma coisa? O quê, por exemplo?
R:
- 7) Outras pessoas da sua família empinam papagaio? Quem?
R:
- 8) O senhor tem filhos? Quantos? Qual é a idade dele(s)? Eles empinam papagaio com você? Por quê? O que o senhor acha de ensinar seus filhos ou outras pessoas a empinar papagaio? Acha importante? Por quê?
R:
- 9) O senhor empinaria papagaio se estivesse sozinho aqui? O senhor julga importante a presença de outros durante a prática do papagaio? Por quê?
R:
- 10) O senhor faz ou já fez seu próprio papagaio? Por quê? Se compra, quantos papagaios por dia? Tem ideia e quanto gasta na brincadeira?
R:
- 11) Por que o senhor empina papagaio? Sente alguma emoção diferente? Qual (is)?
R:
- 12) O senhor consome bebidas alcoólicas ou fuma enquanto empina papagaio? Por quê?
R:
- 13) Você acha que o papagaio é visto de forma marginalizada pela sociedade? Por quê? A que fatores você atribui essa visão?
R:
- 14) O senhor usa linha sem cerol, com cerol ou linha chilena? Por quê? O senhor acha que tem alguma diferença entre usar uma ou outra?
R:
- 15) O senhor considera o papagaio um objeto perigoso? Por quê? Quais cuidados o senhor toma ao empinar papagaio? Por quê?
R:
- 16) Você já presenciou ou sofreu algum acidente empinando papagaio? Se sim, como foi? O que o senhor fez?
R:
- 17) E se for proibido empinar papagaio? O que o senhor vai fazer?
R:

Manaus, ____ de _____ de 2015

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) senhor (a) para participar da Pesquisa **Papagaio de papel: o lazer do adulto em Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Joise Simas de Souza** a qual pretende investigar o papagaio de papel enquanto manifestação simbólica e cultural usufruída no lazer de adultos em Manaus-AM ressaltando a importância de sua preservação na cultura local. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa incluem: a exposição de sua imagem através de fotografias que serão tiradas a longa distância com a preocupação da pesquisadora em não identificar seu rosto ao publicar as imagens; suas informações pessoais obtidas através da entrevista serão expostas, porém, sua identidade não será revelada; a possibilidade de lhe causar constrangimento ao ser abordado na entrevista, mas, este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa; e ainda, a possibilidade de provocar fortes emoções ao ter que lembrar experiências ou situações vividas que lhe causam algum tipo de sofrimento e lhe emocionem, se isto acontecer, darei um tempo para o (a) senhor (a) se recuperar e esteja bem e deseje continuar a entrevista. Se o (a) senhor (a) aceitar participar, estará contribuindo para a afirmação do papagaio de papel enquanto vivência de lazer e elemento da cultura amazonense; ajudará por meio de suas respostas e opiniões na elaboração de uma cartilha que visa conscientizar a população em geral e seus praticantes na busca de um ambiente seguro para a prática e preservação do papagaio de papel como patrimônio cultural. Se depois de consentir em sua participação o (a) senhor (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) senhor (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o professor Doutor **Gláucio Campos Gomes de Matos** na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Setor Sul – Mini Campus da Universidade Federal do Amazonas, Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4091 ou pelo email glauciocampos@bol.com.br ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181/ramal 2004.

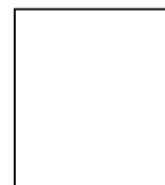
Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ___/___/____

 Assinatura do participante

 Assinatura da Pesquisadora Responsável





Impressão do dedo polegar
 Caso não saiba assinar

Anexos

ANEXO A – PROTOCOLO DE APROVAÇÃO NO CEP

Saúde

principal  sair 


Joise Simas de Souza - Pesquisador | V3.0
Sua sessão expira em: 34 min 32


Cadastros

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA


DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Papagaio de Papel: o lazer de adultos em Manaus-AM
 Pesquisador Responsável: Joise Simas de Souza
 Área Temática:
 Versão: 2
 CAAE: 43765115.5.0000.5020
 Submetido em: 15/05/2015
 Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia
 Situação da Versão do Projeto: Aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio




Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_451304


LISTA DE COMITÊS DE ÉTICA DO PROJETO

Comitê de Ética ^	Tipo de Vínculo ^	Ação
5020 - Universidade Federal do Amazonas - UFAM	COORDENADOR	

LISTA DE INSTITUIÇÕES DO PROJETO

CNPJ da Instituição ^	Razão Social ^	Tipo de Instituição ^	Comitê de Ética ^	Ação
	Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia	PROPONENTE	5020 - Universidade Federal do Amazonas - UFAM	

LISTA DE PROJETOS RELACIONADOS

Tipo ^	CAAE ^	Versão ^	Pesquisador Responsável ^	Comitê de Ética ^	Instituição ^	Origem ^	Última Avaliação ^	Situação ^	Ação
P	43765115.5.0000.5020	2	Joise Simas de Souza	5020 - Universidade Federal do Amazonas - UFAM	Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia	PO	PO	Aprovado	

LEGENDA:

(*) Tipo
 P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE

n	n	n	n	n	n	a	a	.	d	v	.	t	x	x	x	.	l	l	l	l	
Ano de submissão do Projeto						Tipo do centro		Código do Comitê que está analisando o projeto													
Sequencial para todos os Projetos submetidos para apreciação						Dígito verificador		Sequencial, quando estudo possui Centro(s) Participante(s) e/ou Coparticipante(s)													

(*) Origem / Última Avaliação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POP = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	

[Voltar](#)